CADERNOS DO ITABORAÍ

PALÁCIO ITABORAÍ - VOLUME 7 - Nº 1 - 2024

TRANSCRIÇÃO DA TERCEIRA JORNADA

CIÊNCIA E COMUNIDADE

JUNTOS RUMO A COMUNIDADES SAUDÁVEIS E SUSTENTÁVEIS

RUA C S/N, VILA RICA, PETRÓPOLIS, RIO DE JANEIRO
24 DE FEVEREIRO DE 2024

FIOCRUZ

Jornada Ciência e Comunidade
Juntos Rumo a Cidades Saudáveis e Sustentáveis

Links a gravação do evento na íntegra:

Íntegra do Evento:
https://youtu.be/grAa-bAr034

Canal Oficial do Fórum Itaboraí no YouTube:
https://www.youtube.com/@forumitaboraiFIOCRUZ

Cadernos do Itaboraí
Palácio Itaboraí - Volume 7- Nº 1 - 2024
1ª edição

Fundação Oswaldo Cruz. Fórum Itaboraí: Política, Ciência e Cultura na Saúde

Prefeitura Municipal de Petrópolis

Diretor do Fórum Itaboraí
Felix Julio Rosenberg

Comissão organizadora
Mayara Alves
Adilson Oliveira Junior
Ana Alice Fragoso Andrade
Bruno César dos Santos
Cleber Belmiro dos Santos
Juliana Possas
Lucia Helena Almeida
Marcelo Mateus Izaias
Mayara Alves
Sérgio Monteiro
Sonia Maria Carvalho
Luiz Pistone
Marina Rodrigues Jesus
Thais Paiva
Nina Mayer
Celso Franzen
Marline Almeida
Caiett Genial

Palestrantes
Alexandre Pessoa
Viviane Japiassu Viana
Cibele Vieira Figueira
Jennifer Thaís Santos

Mesa de abertura
Felix Julio Rosenberg
Diana Iliescu
Laura Bernardes
Norma Pontes

Comissão organizadora comunidade
Ana Paula Garrido
Ana Paula Lorete
Andrea Viana Machado da Silva
Angélica Cezário Ribeiro
Antônio Carlos de Oliveira
Arinete Couto
Esther Batista Defaveri da Silva
Fabiana do Carmo Duarte
Gisele Rocha
Kelly Ferreira
Léa Vieira Sepúlveda
Luiz Henrique Botelho da Silva
Maria Luíza Ladeira
Michele Wilbert
Myrian Karla Gonçalves
Reginaldo Dias de Menezes
Rosane Maria Santa Rosa Granjão
Selma do Rosário
Tatiana da Silva Ladislau
Vânia Barros
Verônica Ribeiro

Elenco Teatro do Oprimido
Andrea Viana Machado da Silva
Anna sofhia Gonçalves Trianon
Gabriella Menezes Lorete
Isaque Santa Rosa
Lara Amorim Silva de Oliveira
Larissa Passos Bernardes
Laura Bernardes
Lilian Regina Marcilio Nogueira
Luiz Henrique costa da Silva
Maria Antonia Rodrigues da Silva
Maria das Graças Guimarães
Maria Fernanda Rodrigues da Silva
Marina Rodrigues Jesus

Comissão artística
Gustavo Konrath
Mc Walter Antônio Carlos de Oliveira
Ana Paula Garrido
Arinete Couto
Gisele Rocha
Kelly Ferreira
Léa Vieira Sepúlveda
Michele Wilbert
Myrian Karla Gonçalves
Selma do Rosário
Vânia Barros
Verônica Ribeiro

Jornada Ciência e Comunidade. (3.: 2024: Petrópolis).

J82 Jornada ciência e comunidade: juntos rumo a comunidades saudáveis e sustentáveis / Mayara das Dores Alves et al - Petrópolis: Fiocruz, 2024.

146 p.: il.; 30 cm.

1. Resíduos Sólidos. 2. Cidadania. 3 Uso de Resíduos Sólidos. 4. Coleta de Resíduos Sólidos. I. Alves, Mayara das Dores.

CDD

363.72

Catalogação: Biblioteca Livre do Fórum Itabora

ÍNDICE

1- ABERTURA:.....página 05

2- PALESTRAS

2.1 - Alexandre Pessoa:.....página 10
2.2 - Viviane Japiassu:.....página 21
2.3 - Cibele Vieira Figueira:.....página 37
2.4 - Jennifer Thaís Fernandes:.....página 61

3- DRP E ENCAMINHAMENTOS:.....página 72

4- APRESENTAÇÕES E BANNERS:

4.1 - Alexandre Pessoa:.....página 80
4.2 - Viviane Japiassu:.....página 99
4.3 - Cibele Vieira Figueira:.....página 113
4.4 - Jennifer Thaís Fernandes:.....página 138
4.5 - Marina Rodrigues:.....página 142

5- OUTRAS ATIVIDADES:

5.1 - Poema recitado pelo Grupo de Jovens do Vila Rica:.....página 09
5.2 - Apresentação Musical de Gustavo Konrath:.....página 20
5.3 - presentação Musical de MC da Sorte:.....página 37
5.4 - Apresentação Musical da Orquestra de Câmara do Palácio Itaboraí:.....página 46
5.5 - Apresentação de Teatro do Oprimido:.....página 48

1 - ABERTURA

Bruno César (Geógrafo do Fórum Itaboraí / FIOCRUZ)

Aqui damos início à terceira jornada Ciência Comunidade cujo tema será "Rumo a Comunidades Saudáveis e Sustentáveis".

Para o início do nosso evento, vou chamar para composição da mesa inicial, Laura Maria Bernardes, que é Agente Comunitário de Saúde aqui em Vila Rica e Líder Comunitária; Norma de Santiago Pontes do Núcleo de Educação em Saúde da Secretaria Municipal de Saúde, representando o Secretário de Saúde; Diana Iliescu, Presidenta do Instituto Municipal de Cultura de Petrópolis, representando o Prefeito; Adriana Theobald, Diretora da Escola Municipalizada Santa Terezinha e Felix Rosenberg, Diretor do Fórum Itaboraí FIOCRUZ Petrópolis.

Felix Rosenberg (Diretor do Fórum Itaboraí / FIOCRUZ)

Bom dia a todas e todos. Prazer imenso estar aqui abrindo a Terceira Jornada de Ciência e Comunidade do Fórum Itaboraí Política, Ciência e Cultura na Saúde da FIOCRUZ.

Muitos de vocês já participaram nos dois eventos anteriores. O primeiro foi no Amazonas, sobre o tema da fome e a segurança alimentar e nutricional. O segundo foi na Posse, onde discutimos a questão da mobilidade, o transporte público. E este terceiro, onde vamos discutir e conversar sobre a gestão do lixo. São duas coisas que queria rapidamente mencionar antes de agradecer a presença aqui desta mesa e de todos vocês. A primeira pegando a experiência das dos eventos anteriores, lembrar a todos que estão na Jornada onde o Fórum Itaboraí resolveu compartilhar e aprender juntos as experiências dos cientistas, especialistas em diversos temas, que têm trabalhado diretamente em buscar soluções para estes temas, e as vivências das comunidades, que são as que enfrentam o cotidiano, o dia a dia destes assuntos e que quase sempre encontram e inventam soluções comunitárias, tradicionais, culturais para enfrentar ou para pelo menos sobreviver a estes problemas.

A primeira coisa que queria lembrar a todos é que isto não é uma reunião do governo para ouvir reivindicações da comunidade. Isto é uma sessão de reflexão que certamente trará novas ideias para todos nós, tanto os que estamos na academia quanto os que estão na comunidade. E essa reflexão é que vai madurar, assim como uma planta dentro da nossa mente que vai, pouco a pouco, gerando novas ideias, iniciativas, vontades e conhecimentos para mudar as coisas. Então, não se espere que destas reuniões surja uma solução imediata. São jornadas de acúmulo, de juntar conhecimento, de ir aprendendo e daí formando nós juntos, academia e comunidade, para conhecer melhor os territórios. Não há nada que substitua o conhecimento e a educação para transformar a realidade. Esse é o nosso objetivo fundamental. A gente nos educarmos permanentemente para poder transformar essa realida-

de que vivemos.

A segunda questão especificamente sobre o lixo. Estivemos muito recentemente conversando alguns entre nós sobre as questões de cultura, do convívio das comunidades com o lixo. Tem-se tornado essa convivência como uma coisa natural; na maioria dos lugares, na maioria das comunidades, as pessoas já convivem com o lixo como se fosse a realidade do dia a dia. A gente percebe que cada dia tem mais acúmulo de lixo, porque todas as pessoas já estão como que sem a consciência clara de qual é o impacto do lixo na nossa própria saúde e na saúde do ambiente. Já aceitamos como uma coisa natural. Por isso aqui eu queria destacar e parabenizar a comunidade de Vila Rica que propôs para esta terceira jornada a discussão da gestão do lixo, porque isso demonstra que essa realidade cultural que está invadindo o cotidiano de nosso povo em geral, não está presente em Vila Rica. Pelo contrário, Vila Rica é consciente desse problema e quer discutir visões e mecanismos de como transformar essa realidade. Então, a comunidade de Vila Rica, está de parabéns. Estou muito feliz pelo tema. Eu sei que não é um tema fácil, mas como sabemos, todo o caminho se faz ao andar. E começar essa caminhada e continuar essa caminhada para encontrar soluções.

Então, muito obrigada por estarem aqui. Eu vou pedir então à professora Adriana que com tanta gentileza, colocou à disposição a escola como parte da própria escola na comunidade, um exemplo que deve ser seguido por todo o mundo. A escola não é um lugar apenas para que as crianças venham tomar aulas, mas a escola é um lugar de conhecimento para todos, e por isso, agradeço enormemente o apoio da professora Adriana.

Adriana Theobald (Diretora da Escola Municipalizada Santa Terezinha)

Bom dia a todos! Chegou o grande dia. Praticamente quase um ano a gente planejando, conversando, trocando. Marcava uma data, havia sempre algum imprevisto. Mas chegou o grande dia.

Então é um prazer imenso estar recebendo vocês aqui. Seu Félix, a representante da secretaria, do prefeito, é com muita alegria e que a gente possa aproveitar o dia de hoje. Então, todos sejam muito bem-vindos.

Felix Rosenberg: Passo a nossa querida representante da comunidade Vila Rica, artífice deste evento, Laura, por favor.

Laura Bernardes (Agente Comunitária de Saúde de Vila Rica)

Gente, bom dia! Eu ainda estou trêmula depois que eu vi aquele camarada ali me chamar. Mas meu nome é Laura, para os que já me conhecem e sou agente de saúde desde a Arca de Noé.

Sejam todos bem-vindos. Essa é a terceira jornada, conforme o Félix já disse e está descrito nas mesas também, nós fomos contemplados com a terceira jornada. Estamos aí para o que der e o que vier. Vamo que vamo. Aliás, não só eu, como a FIOCRUZ, a Secretaria, meu grupo que está ali e as meninas agentes. Minha chefe, minha outra chefe. Tá todo mundo aí. Sejam bem-vindos a todos.

Felix Rosenberg: Eu queria passar a palavra para Norma e dizer que a Norma todo mundo conhece. Não tem ninguém que não conheça a Norma, em Petrópolis. Ela está sempre presente e sempre atuante, sempre militando. E neste caso, ela está na mesa, não apenas pela sua presença contínua e militância, mas porque, lamentavelmente, o secretário de Saúde está com alguns problemas sérios, familiares e de trabalho. E a Cláudia que todos conhecem, também está com um problema familiar. Então, a Norma, além da militante, da participante, também vai estar aqui como representante do secretário Marquinhos, como nós chamamos ele.

Norma Pontes (Educadora em Saúde da Secretaria Municipal de Saúde de Petrópolis)

Bom dia a todos; com muita honra e muita alegria que estou aqui representando nosso secretário Marcos Curvelo, e também tô aqui no meu crachá como educação popular. E é sobre educação popular que eu queria começar falando pra vocês, porque a educação popular tem dois princípios fundamentais: um a força e a importância da construção coletiva e, segundo, que a educação, o processo educativo faz sentido se ele parte do saber e da experiência do outro.

E é um pouco essa alma deste evento. É muito emocionante poder ver aqui as lideranças, a comunidade reunida, não só dessa localidade, mas também tive o prazer de encontrar tantas lideranças de outras comunidades querendo discutir, trocar, construir junto, ouvindo especialistas, ouvindo a gestão pública, ouvindo a comunidade, construindo a força do coletivo para transformar uma realidade para melhor.

Então, nesse sentido, eu parabenizo muito a FIOCRUZ, porque ela é incansável nesse eterno esperançar de acreditar na força do coletivo e na solução para busca dos problemas e para transformar a realidade que está no território, na comunidade, ali, no local. Então é com profunda alegria que eu estou aqui hoje nesse evento e eu espero que seja um evento muito produtivo pra todos nós.

Felix Rosenberg: E por último, ter a alegria como companheira de caminhada permanente e também militante permanente na causa, representando não apenas a Secretaria de Cultura, mas o prefeito. Diana, obrigado por estar conosco de novo.

Diana Ilescu (Presidenta do Instituto Municipal de Cultura de Petrópolis)

Imagina, é uma honra. Gente, bom dia a todos e com muita alegria que eu estou aqui na Vila Rica hoje, essa comunidade tão querida de pessoas tão maravilhosas que são vocês.

Quero começar saudando a mesa, aqui, o nosso querido Félix e parabenizando o trabalho da FIOCRUZ, que é essa entidade importantíssima para o nosso país, que tem, que valoriza e desdobra uma série de atividades não só no campo da saúde, mas transversais, como a gente está vendo aqui hoje, esse trabalho de mobilização da comunidade, que tem um peso fundamental para o desdobrar para a nossa civilização, para a nossa sociedade.

Então quero parabenizar, assim, com muito orgulho, toda a equipe da FIOCRUZ que está aqui hoje, porque eu sou testemunha do trabalho de vocês e como isso é fundamental também para mobilizar a população da nossa cidade. Quero cumprimentar a diretora da escola. Fico muito contente de estar aqui hoje. Sei também os desafios e essa luta grande que é a nossa educação pública na nossa cidade.

Tenho acompanhado também isso e a gente fica muito contente enquanto cultura, de poder contribuir, de poder trazer as atividades e queremos desdobrar cada vez mais. Temos muito que fazer ainda. Saudar também a nossa Aninha, também aqui da secretaria de Educação, que é uma lutadora, uma guerreira lá do quinto distrito, do quarto distrito e de toda a região aqui, para além do centro da cidade, fazendo uma série de atividades com as nossas crianças.

E também quero saudar muito a nossas companheiras da Secretaria de Saúde. Quando eu conheci o Vila Rica lá uns cinco anos atrás, eu tive a honra de entrevistar a Laura, que é agente de saúde aqui da região, e foi quando eu conheci também a tia Lilia, que é uma liderança aqui fundamental, a quem eu então quero saudar através da Laura e da tia Lili, cumprimentar toda população aqui da Vila Rica, porque vocês inspiram muito.

Eu vi que tem essas mulheres guerreiras que são referências liderança essas comunitárias para a nossa cidade, seja na área da saúde, do meio ambiente, da cultura, o trabalho que vocês fazem despertando a população é fundamental. Também tem um peso muito grande para mobilizar, para trazer

a consciência, para nos organizarmos enquanto coletivo. E esse evento aqui hoje ele tem esse papel fundamental da gente poder pensar juntos, criar novas soluções, avançar e nos conhecermos todos, pensando sempre nesse trabalho coletivo.

Também quero saudar várias lideranças comunitárias que eu estou vendo aqui hoje, de vários bairros diferentes, artistas também. E aí aproveito para lembrar um trabalho maravilhoso que foi feito lá no Alto Independência. A gente tem aqui o nosso querido representante, também da cultura do Alto Independência, que foi um filme que foi realizado através de um edital público de cultura, com recursos da nossa prefeitura e que mobilizou as crianças de uma escola pública, a Escola São Jorge, que começaram um trabalho para refletir sobre a sua comunidade e o tema que elas escolheram como tema fundamental do seu bairro, era justamente a questão do lixo, que é o tema do trabalho de hoje. Esse filme se desdobrou em um roteiro em que as crianças criaram os personagens. Então a gente tinha o capitão Sujeira, que era o inimigo. E aí que as crianças da escola se mobilizaram para enfrentar o Capitão Sujeira. Esse filme se tornou um curta metragem de ficção onde as crianças fizeram os figurinos; um dos meninos fez uma trilha sonora, criou uma música e eles organizaram toda a filmagem. Eles eram os atores e criaram um roteiro, ensaiaram, desdobraram e o filme, ficou uma gracinha. E já rodou vários festivais do Brasil e já ganhou vários prêmios. Um filme que foi feito a partir do trabalho coletivo numa comunidade, com apoio do edital de cultura da prefeitura, e mobilizando as crianças de uma escola da nossa rede municipal. E se tornou um trabalho belíssimo que é o Capitão Sujeira. O filme tem o nome longo e depois eu vou trazer o nome certinho para vocês, mas que é um trabalho que nasce dessa mobilização coletiva, que mobiliza as crianças, mobiliza o bairro e que eu acho que é um ótimo exemplo a gente trabalhar aqui hoje.

E por fim, queria saudar também a equipe que trabalha com cultura dentro da FIOCRUZ. A gente tem a Thaís, que faz esse trabalho belíssimo de Teatro do Oprimido, que a gente vai ter a oportunidade de assistir aqui hoje.E aí também o nosso querido Isac, que ainda não citei, que também é um dos artistas que está mobilizando a comunidade com o Teatro do Oprimido. E também quero saudar a Nina, que faz o trabalho da orquestra e de oficinas musicais junto com a FIOCRUZ, que também é um trabalho fundamental para a cultura aqui da nossa cidade.

Então é com muito orgulho que eu estou aqui hoje. Vindo aqui prestigiar esse evento maravilhoso organizado pelo Félix e por toda a equipe e saudar vocês que são moradores do bairro, as lideranças que vêm de fora. E que o dia de hoje seja muito produtivo. A gente tem que aproveitar e tentar avançar o máximo que a gente puder em debater as questões, em gerar novas soluções e aproveitar a força da união coletiva para, de fato, colocar as soluções em prática.

Uma grande saudação a todos vocês e estou aqui à disposição e muito contente de estar representando a nossa prefeitura, nosso prefeito, meu afetuoso abraço do nosso querido Rubens Bontempo, que também sempre apoia tanto esses trabalhos comunitários. Grande abraço a todos vocês.

Bruno César: Dando continuidade aqui, então, antes de iniciarmos as palestras, haverá um momento de leitura de poesia dos jovens aqui de Vila Rica. Momento cultural.

Grupo de Jovens do Vila Rica

Bom dia! Bom dia! A gente preparou um poema sobre Vila Rica e queremos aqui compartilhar com vocês.

Vila Rica, vila bela, contém flores, rosas e amarelas.
Poços e minas de puras águas que nossa sede mata.
No vale vale, vale a pena ver o mais belo pôr e nascer do sol
Terras de araras, jacus e tucanos também, ao som da bela canção dos animais do quarteirão.
Suas belas moradias, construções de pessoas fazem ser Vila Rica
Beleza da natureza, tão maravilhosa que dá até vontade de viver.
Vila Rica ama você!

Bruno César: Para nossa primeira palestra do nosso dia de evento, gostaria de convidar o palestrante Alexandre Pessoa. Alexandre Pessoa vai falar sobre lixo e saúde. Ele é professor pesquisador da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, na FIOCRUZ, coordenador do GT Águas e Saneamento da FIOCRUZ, coordenador do Grupo Temático Saúde Ambiente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva, Abraço.

Perdão, só um recadinho pedindo para informar que tem crianças e adolescentes aqui que haverá um evento da orquestra. Um evento didático ali, está relacionado a música e quem for criança, adolescente quiser se direcionar pra lá, pode?

2 - PALESTRAS

Alexandre Pessoa (Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ)
Apresentação: Páginas 80 a 98

Bom dia pessoal. Eu queria muito agradecer ao convite da equipe da FIOCRUZ de Petrópolis, em nome do Félix e queria cumprimentar a diretora Adriana pelo acolhimento de estarmos aqui, e eu queria cumprimentar todos que estiveram na mesa.

Mas eu fiquei bem sensibilizado com a Laura. A Laura atua como agente de saúde. Desde quando que ela falou? Desde da Arca de Noé? É impressionante. Oh, Laura! Ouvir você falar, não passa desapercebido. Eu quero dizer que nós somos muito próximos mesmo sem nos conhecermos, porque nós somos Sistema Único de Saúde, então seu papel é fundamental no território, na promoção da saúde, e que é o tema que eu vou trazer na relação do lixo com a saúde.

Então veja, vocês conseguem ver algo aqui? É possível tirar um pouco da iluminação, se não eu vou abstrair o PowerPoint, viu? Ou segue como um roteiro, uma cola?

Então veja pessoal, o tema é nicho em saúde. Eu me permiti a dar um subtítulo. O que está escrito aqui? Nos Caminhos do Manejo Sustentável dos Resíduos Sólidos. Então eu não vou falar mais lixo, eu vou falar Resíduo sólido, entre parênteses, lixo. Ah, é a mesma coisa. É um nome técnico que tem uma diferença, tira um pouco o estigma do lixo e coloca que tem uma parte que é reciclável e tem uma parte que é rejeito, que não é passível de ser reciclado. Então acho que é perfeitamente viável discutirmos resíduos sólidos entendendo o que é lixo.

Por que eu coloco nos caminhos? Bom, eu acho que nos caminhos vem, até, converge com a proposta de uma jornada. Jornada é jornada em movimento. Então hoje, FIOCRUZ hoje está aqui, numa outra jornada está num outro território de Petrópolis, em um outro momento está no outro, não é essa a lógica? Abordando temas amplos!

Eu acho que talvez fique bastante claro para vocês que resíduo sólido, lixo é uma questão de saúde pública. Eu não vou falar problema, eu vou falar que é uma questão de saúde pública, porque o problema também pode virar potencialidade. A ideia talvez seja a gente virar um pouco essa questão. Ou seja, o lixo é problema, mas ele também pode se tornar o resíduo sólido, uma potencialidade.

Tem uma questão importante, porque antes de eu vir pra cá, a Marina foi me apresentando os folders ali. Eu sugiro que depois vocês leiam, e veja, a primeira questão que eu quero chamar a atenção: às falas do lixo.

O primeiro slide é um filme chamado O Lixo Extraordinário, que ganhou premiações internacionais. É uma obra prima! Lixo Extraordinário. No Rio de Janeiro, diz para o extraordinário aquele lixo que tem um tamanho maior do que o normal. Se um morador fizer uma obra, sai muito resíduo. É lixo extraordinário. Se a geração de resíduo é diferente do convencional, aí não é pago pela taxa. Aí

tem que pagar diferentemente. Eu estou falando no Município do Rio, porque a regra muda muito de município para município. Então vou tomar cuidado de não colocar uma gestão de resíduo, que pode não ser aqui, aqui de Petrópolis, porque isso é muito importante saber. A gestão de resíduos sólidos é muito diferente de município para cada município. É impressionante.

Nós temos exemplos de gestões de resíduos sólidos maravilhosos nesse país e nós temos exemplos ruins de manejo de resíduos sólidos. Então eu vou trazer aqui elementos para reflexão nesse sentido. Agora, por que eu digo que a fala do lixo? Porque olha aqui pra mim, está todo mundo me olhando, gente. Já a Mariana, como foi falando? Ela foi falando com uma empolgação e ela não falou só de lixo, ela falou de habitação, ela falou de transporte, ela falou de história, ela falou dos caminhos, das águas, ela falou do caminho, dos resíduos, ela falou do caminho das pessoas.

Vocês duvidam? Em meia hora ali, passando e veja o lixo. Não é só porque a gente fica muito no sintoma do problema. A fala do lixo permite você compreender a história. É o metabolismo do território, metabolismo mesmo. A casa tem o seu metabolismo. O que é que entra? O que sai? É nesse sentido até biológico que eu estou querendo fazer uma metáfora.

Então vamos seguir os caminhos dos resíduos sólidos. O próximo aqui , chama a atenção do Canal Saúde, que é um canal específico da FIOCRUZ que trata temas de saúde diversos. Então teve um tema recente sobre resíduos sólidos a experiência da revolução dos Baldinhos lá de Santa Catarina, o papel dos catadores de resíduos sólidos, que eu vou dizer uma coisa para vocês. Para mim, trabalhador de resíduo sólido deveria ser visto como um trabalhador da saúde ambiental, que eu vou repetir, porque talvez isso seja uma das questões de maior potencialidade de os trabalhadores da limpeza urbana, os catadores de lixo. Não é isso. Os garis se comunitários, que tem locais que tem programas com relação a isso, a auto-organização comunitária do manejo do seu resíduo, muito mais do que fazer o manejo dos resíduos sólidos, eles precisam ser valorizados e reconhecidos como agentes de saúde ambiental.

Agora quer ver os argumentos pra isso? Vê o vídeo porque aí eu não consumo mais tempo. Tem um vídeo falando sobre isso próximo. Em 2010, a política de resíduos sólidos foi aprovada. No mês oito de 2010, passou uns três meses. O canal Saúde me pediu pra falar sobre resíduo sólido à luz da nova política. Eu era novinho, cara, olha aqui, eu era magro, novinho, era outro Alexandre. O tempo passa, não temos tempo a perder. Por isso que estamos aqui em pleno sábado. Eu agradeço a presença de vocês estarem sábado aqui é porque não temos tempo a perder mesmo. Então veja aqui. Tem uma representante do Ministério do Meio Ambiente e os catadores de lixo. Teve uma polêmica. Não vou falar sobre a polêmica. Veja o vídeo. Veja como nos organizamos diante das mudanças climáticas? Essa é uma pergunta. A ficha caiu Como nos organizamos diante das mudanças climáticas? Ele saiu do IPCC? Não é debate, não é mais de pesquisadores de cento e poucos pesquisadores do mundo inteiro. Saiu do relatório, está todo dia na imprensa e está nos nossos corpos.

A mudança climática está no nosso cotidiano. Por favor, não fale no verbo no futuro. Não temos tempo a perder. Tem relação com resíduos sólidos? Então veja, hoje é uma realidade cotidiana. Todo dia se fala sobre isso.

Aqui tem um documento da Organização Panamericana de Saúde na mudança do clima para os profissionais de saúde. A Organização Panamericana de Saúde orientando os profissionais da saúde, que não é só médico, que não é só enfermeiro. Os profissionais de saúde de um modo geral, um documento recente. O que a onda de calor que acontece no seu corpo afeta diversos sistemas do seu corpo?

Então, isso é uma evidência que eu estou colocando pra vocês de que temos que pautar a discussão dos resíduos sólidos, nesse contexto, eu fico muito feliz de estar a Secretaria de Cultura aqui, e não é à toa, que a gente começa a apresentação com o slide não mostrando uma poluição, ou rato. Eu vou falar do rato. A ratazana tem que entrar, mas não é agora. A gente começa apresentando a potência da arte, a potência da cultura. A gente deposita muita coisa na educação, educação, educação. Mas gente

é no sentido mais amplo.

A discussão é cultural. Claro, que a educação é um catalisador fundamental e tem um papel insubstituível, mas não é o único. É muito importante abordar resíduos sólidos na perspectiva da cultura, porque ela é constituinte da nossa existência. E aqui tem o Dicionário de Agroecologia, que eu trouxe um exemplar que eu queria fazer uma doação pra diretora.

É um dicionário de agroecologia que tem relação com saúde, com o lixo. Bom, eu estou vendo ali alguns cultivos, algumas plantas, compostagem ... agroecologia tem relação com o lixo, sem dúvida nenhuma. Aliás, é uma estratégia fundamental que nós da FIOCRUZ, estamos apostando, que ela promove territórios saudáveis.

Aqui, engenheiro gosta de botar triângulo, polígono. Vamos fazer a coisa circular. Não dá para discutir resíduo sólido sem discutir abastecimento de água. Porque essas coisas estão interligadas. Eu não posso, porque o resíduo sólido contamina as águas. As águas ampliam o movimento do lixo no caminho dos lixos. Eu não consigo resolver o lixo, só olhando pro lixo, entendeu? A ideia aqui é tentar ampliar essa visão. Eu não resolvo o problema do lixo, só limpo o lixo e menos, muito menos com fala de culpabilização. O lixo sempre traz esse estigma. É porque o povo não tem educação, é porque o povo é largado. É muito fácil fazer esse tipo de observação. Eu quero ver é fortalecer a organização comunitária, porque aí o resultado vem. Aí, exige mais esforço, exige compreender as falas do lixo. Então tem relação com o sanitário, tá certo? Em muitos lugares onde passa o esgoto, passa o lixo, entope. O que tinha aqui, as calhas dos rios transbordam.

Então eu estou falando que tem relação com as águas de chuva, não tem? Eu estou falando que tem relação com vetores e pragas. Vetores são animais que transmitem doenças e pragas são crescimentos de determinados animais que provocam prejuízos econômicos, e por isso são chamados, pragas. A agroecologia não gosta de falar praga, fala insetos invasores, tem uma outra abordagem.

E isso é o saneamento, é só isso aqui: lixo, água, esgoto e chuva. Mas eu não posso deixar de falar vetores e pragas quando eu falo de resíduos, meus amigos! Por quê? Porque eu aprendi os 4 "A".

O que é que o vetor precisa? Por que ele vai para a habitação? Por que é que a barata quer morar com você? Ela quer morar com você, ou nunca fez uma visitinha? Claro, ela vai voltar pra tua casa pra quê? Pra expulsar você? Não, ela quer fazer uma parceria com você, porque você dá os quatro "A" pra elas: Alimento, abrigo, acesso e água.

Água, abastecimento de água, água de chuva. Alimento, o resíduo sólido é alimento para os vetores. O resíduo sólido é abrigo para vários animais. Permite o acesso. Se a gente fica com aquela ideia de que agrotóxico que vai resolver, você não está entendendo nada, porque tem o saneamento público, mas não esqueça do saneamento domiciliar, tá certo?

A gente tem que ampliar a visão de saneamento, agora está dificultando Dengue. Ah, mas cada um tem que fazer sua parte. Eu concordo, mas tem que ter saneamento público, que só a parte individual, não resolve. Vamos dividir a responsabilidade. Vamos combinar assim? Tem corresponsabilidade pra não ficar transferindo, tá certo? Tem saneamento coletivo, comunitário, e tem saneamento numa escala domiciliar. Quem tá na sua casa é você.

É você que define qual é o inseto que vai ficar. Mas tem um em volta, né? Você resolve o em volta, vem e vai pra dentro da casa, não é isso a dinâmica? E então eu não consigo separar vetores e pragas do saneamento básico, como eu não consigo separar corpos hídricos. Eu não separo rios, coleções hídricas do saneamento básico. A política pública separa. Tem política pública de saneamento e política pública de recursos hídricos, que agora está virando segurança hídrica, porque tá inseguro. A gente tem que juntar as políticas.

Próximo: Eu tô aqui no Aterro, dia 4 de fevereiro, eu estava em Roraima exatamente na fronteira com a Venezuela. Nesse mês, falando sobre o quê? Lixão. Então, o problema de lixão no Brasil inteiro! A Funai solicitou que fizéssemos uma vistoria e fizéssemos um relatório. Quando? Domingo! Tranquilo, domingo, visita no lixão. E aí, o que você compreende ao ver o lixão? Poluição atmosférica, poluição hídrica, porque não dá pra ver na imagem, mas esse lixão está próximo de um rio e o caminho das águas levam para as aldeias indígenas. Esse município está dentro de uma terra indígena. Olha a complicação. A terra indígena veio antes do município. Veio o município, não tem a gestão adequada do seu resíduo, criou um lixão, contamina o Rio. Olha que o problema só acumula. Ou você resolve no começo, ou cada vez mais fica mais caro resolver, é muito mais caro resolver depois. Tá aí o lixão. Como é que vai fazer a remediação? Olha pra mim, poluição atmosférica, poluição hídrica, poluição edáfica, do solo também. Aí com chuva forte pode desbarrancar. Tem uma comunidade do lado. Urubu, a ratazana vai aumentar o número de mosquito e moscas. Tem conflitos. Os moradores estão aqui escrevendo crime ambiental, botando faixa. Eu tirei aqui uma foto de resíduos de saúde, viu? No lixão, eu andando, claro que eu ando com bota, e a bota com espessura né? Porque não pode dar mole no lixão. Aí eu opa! Resíduo de saúde, infectante. Tudo perigoso, tem inflamável, corrosivo, infectante. Ah, mas é uma unidade de saúde que está lançando lá? Não sei, porque pode ser, mas também vem resíduos de saúde das casas, tá certo? Mas é! É um lixão perigoso, sem dúvida nenhuma. É só um exemplo. Então pode ter deslizamento de terra, pode acontecer inúmeros problemas que eu fiz uma listinha chamando atenção dos riscos à saúde. Próximo.

Lembra O Morro do Bumba? Vou chamar a atenção do Morro do Bumba, pra falar para vocês que lixo é camada de solo na história do Rio de Janeiro. Tem vários territórios que antes do aterro era lixo, e lixo se gaseifica, ele pode inclusive inflamar porque ele tem metano. Ele se liquefaz porque ele se transforma em chorume, chorume mata mangue, e esgoto alimenta mangue. O esgoto sanitário? O mangue fica até feliz. Chorume mata mangue. Olha a diferença da carga química do chorume, que mistura tudo. Então, esgoto se liquefaz, se gaseifica. Ele se transforma ao longo do tempo. Isso é muito perigoso, porque você pensa que o lixão está parado, mas ele está se movimentando. Ao longo do tempo a degradação do lixo continua mesmo enterrado. O Morro do Bumba é uma tragédia. Foi uma comunidade construída em cima de um lixão vertical. Foi avisado. Técnicos avisaram que estava havendo movimentação, porque a natureza sinaliza, a porta começa a trincar, começa a ter movimento de solo. O Estado não agiu, houve o acidente. Então, não esqueça, resíduo sólido pode virar solo, ele

pode virar lixão, ele pode virar uma camada de solo, e o seus riscos, e ele pode trazer uma insalubridade pelo espalhamento do território. São problemas diferentes, percebe? Uma coisa é concentrar, outra coisa é distribuir o lixo. Mas todos são problemas nesse caso. Próximo.

Isso aqui eu não posso deixar de falar. Esse livro aqui mudou a minha cabeça, porque como você faz engenharia, você fica muito na técnica, né? Qual é o caminhão? Dimensionamento, cubagem, tá certo? A engenharia, desculpa, eu tenho que falar porque eu falo e sinto vontade de falar, mas não fala dos seres humanos. Na faculdade de engenharia, não se fala nos garis, da complexidade desse trabalhador que tem uma especificidade. Primeiro se ganha pouco no Brasil, já é discriminado por ser trabalhador manual. Todo trabalhador manual já é discriminado no Brasil. Você tem origem escravocrata. Agora, aquele que mexe com resíduo sólido, ele mexe com teu rejeito. Você sabe o nome do gari que trabalha na sua rua? Vocês cumprimentam o trabalhador que faz a coleta de resíduo toda semana no seu bairro ou você nem reconhece? Se ele entrar aqui, você vê o, você reconhece o rosto dele? Percebe o que eu estou querendo dizer? Quantos trabalhadores de resíduos sólidos tem em Petrópolis? São perguntas de reflexão.

Olha o que o livro fala. Esse pesquisador, um psicólogo social. Ele ficou quase dez anos atuando como gari da USP. Ele foi contratado como gari, não falou pra ninguém e fez uma pesquisa se colocando no papel dos da amargura, da humilhação social e da invisibilidade social desses trabalhadores. O resultado foi belíssimo. Está aqui no livro "Homens Invisíveis, Relatos de uma Humilhação Social". "Os garis abriram meus olhos. Alguma consciência emergiu. Passei a ver coisas que não via. Passei a ouvir coisas que não ouvia. Passei a sofrer coisas pelas quais não sofria. O pano de fundo tornou se figura..." Ele se transformou. Ele não foi entrevistar o gari. Como é que está as condições? Ele se colocou na condição dele, ao longo de dez anos. Claro que o resultado da pesquisa é transformadora; ele é chamado no mundo inteiro para dar palestras dessa experiência. Se um de vocês comprarem esse livro, a gente vai ficar muito feliz. Próximo.

Quando teve uma greve no carnaval muito potente dos garis e os garis aproveitaram o carnaval, parou, vai acabar a festa e acaba mesmo, sabe por quê? Quando o manejo de resíduo sólido está bom, ninguém percebe. Quando está bom, parece que é uma naturalização do bom. E quando tá ruim, também tem uma naturalização do ruim. Se tá bom e se a gente gera resíduo todo dia, é média 0,51 (zero virgula cinquenta e um) quilo por pessoa. Alguém está recolhendo esse lixo? Tá indo pra onde? Qual é o caminho do resíduo? Pra onde vai o resíduo da senhora? E da senhora? E do senhor? Entender esse caminho é fundamental pra poder fazer a crítica, tá certo? Essa greve foi vitoriosa, mas eu acompanhei muito de perto, pela minha área, por eu ser sanitarista. Aí, depois houve um aumento, saiu o gari da história. Falei: não gente, continua, só ficou por causa da greve. Vamos discutir processo de trabalho. Eu fiz essa matéria na Escola Politécnica. Qual é o título? "Garis: Trabalhadores da Saúde". É uma provocação. Eles fazem saúde coletiva ou não fazem? Precisamos dele ou não? Próximo.

Leiam a matéria se desejarem. Agora precisamos de uma atuação integrada. Quem a gente envolve nesse processo? Pra trabalhar pra prevenção, para trabalhar de forma preventiva, organizar o território. Então eu sugeri aqui, que os trabalhadores dos Manejo de Resíduos Sólidos, gari, gari comunitário, catador, ele pode discutir nas redes de escolas públicas. Essa escola ganhou uma premiação em decorrência da discussão de manejo de resíduos sólidos.

Então vocês têm uma prova concreta na história desse território que é possível uma articulação dos trabalhadores da educação com os garis. Quantos trabalhadores da educação existem em um país continental chamado Brasil? Milhares, milhares e milhares de professores que tem que entender o papel educador do gari, ou não? Eu digo em termos de potencialidade, então vou botar outro aqui.

A Estratégia de Saúde da Família. As unidades Básicas de Saúde precisam discutir resíduos sólidos. Bom, a comunidade tem que colocar a questão, tá certo? E uns territórios discutem mais e menos. Agora eu estou dizendo que a unidade entre os agentes públicos é uma potência, porque qualifica no

trabalho. O trabalho é qualificador, é só de uma escola chamada Escola Politécnica de Saúde (EPSJV/FIOCRUZ). Considero o trabalho como um principal educador. Não adianta vir a palestra do Alexandre e depois o trabalho deseduca. Qual é a transformação no trabalho que faz uma qualificação, para que esse agente público se sinta transformador, não um cara acomodado. Então, a unidade básica de Saúde é estratégica, estratégia da saúde, assistência técnica, extensão rural, que oxalá um dia vai voltar nesse país, porque houve um retrocesso histórico da assistência técnica de extensão rural.

E eu quero chamar atenção de dois centros de referência de assistência social. Os CRAS são fundamentais. Sabe quantos são distribuídos no país de CRAS? 8.557 (oito mil, quinhentos e cinquenta e sete) cadastrados. Ah, mas quantos estão funcionando? Esse é o debate. Mas eu quero dizer o seguinte, até a Seguridade Social do SUS sempre falou que é SUS, assistência social e previdência. Nós temos que resgatar isso. Eu fico muito feliz com as iniciativas da FIOCRUZ de Petrópolis, que faz uma discussão com a assistência social.

Claro que eu estou sendo influenciado pelo que eu estou conversando com Félix, com a Marina. Tem uma estratégia de articulação, estratégia. Agora tem outros. Pode ter os NUDEC's, que são fundamentais ou o NUDEC não articula com assistência social? Está perdendo potencialidade. Se articula, excelente, se não articula, está perdendo. Não está pensando com assistente social, só trabalha no resgate? Veja a formação do assistente social no Brasil. Ele é muito mais competente. A competência dele é muito mais ampla.

Comitês de bacia, guardiões de rio, agente de reflorestamento. Próximo. Crise total. Oh, somos o que produzíamos, o que distribuíamos, o que consumimos. Resíduo sólido é uma questão de saúde pública. Passa.

O que as famílias comem em uma semana em diferentes países, para entender o que não se conversa, resíduo na saída. Pensa num metabolismo, não é do bucho não, gente. É da casa, da habitação. Nós estamos dentro da casa, na localização. Qual é a quantidade de alimentos que entra, de insumos que entra pra fazer uma discussão do que sai, se não a gente fica na ponta, sempre na lógica da saída, essa lógica não é sustentável. Próximo.

Aí tem Comparação dos paises. Olha só esse slide, daria para falar duas horas aqui. Se der tempo, pega a noite, duas horas. E isso aqui que eu e o Félix ficamos aqui a noite inteira para discutir essa é uma discussão de cultura fantástica, gente, não é só quem tem dinheiro, quem não tem dinheiro tem uma série de discussões aqui multidimensionais, sacou? Ultraprocessados não é alimentação saudável. E aí vai. Olha como é que resíduo educa. Próximo.

A água educa, o resíduo educa e também deseduca. Vamos lá, o que é que tem no resíduo? Aqui mostra que a maioria do resíduo é orgânico, no Brasil. Então, é a compostagem. A maioria, se você verificar, São Paulo, Rio, dá no mesmo dos outros Estados, dá no mesmo. Os nossos resíduos é o exemplo do desperdício. Quanto que as escolas desperdiçam de alimento? É dinheiro indo fora. Não é só resíduo indo fora. Então, aqui tem, claro, depende da industrialização do alimento, da evolução das embalagens, dos hábitos da população, fator econômico, fator cultural, condição ambiental, sazonalidade, estilo de vida, manejo. Então não me venha dizer que resíduo só um problema de falta de educa-

ção, porque você então está reduzindo toda uma discussão para um componente, tá errado. Próximo.

O que é isso? A cultura não é lixo hospitalar jogado no Rio, isso é piada. Próximo. Vamos tentar rir aí, gente. Aqui são as doenças vinculadas ao lixo. Tem vários vírus, protozoários, ovos de helmintos, fungos, fica ali no resíduo. Ah, mas aconteceu a chuva todo mundo fica atento. Fica atento? Fica atento com deslizamento, mas, fica atento com as doenças que podem entrar durante a inundação?

E depois, porque se a lombriga fica 2000 (dois mil) dias no lixo, o ovo da lombriga, esse círculo louco, a inundação, esses vetores, esses microrganismos estão circulando no território. Aí a gente fica achando que saúde é só assistência, não, saúde é manejo de resíduo sólido. Próximo.

Vamos pra leptospirose, vem do rato. Isso aí todo mundo sabe. Então, o que você não pode? Aí eu não posso cair na chuva, na inundação quando tiver ferida, se não Leptospira, que é uma bactéria entra. Cuidado hein! A Leptospira é um Saca rolha. Olha o formato dela aqui. Essa imagem é da FIOCRUZ. Se você ficar muito tempo na água, os poros da pele se ampliam e aí a leptospirose faz o saca rolha e entra no seu corpo, mesmo sem ferida. Essa informação é importante em áreas e inundáveis? Faz a diferença? Se faz, não pode ser negligenciada porque você está empoderando a comunidade pra ela se cuidar, ela tem que buscar, se cuidar também. Qual é a estratégia que vamos ter para as mudanças climáticas? É pensar que o Estado é o Estado político separado da sociedade civil? Esta concepção de Estado está ultrapassada. Tua concepção de Estado está lá no início do século XX. Tem uma sociedade civil organizada que é uma extensão do Estado nas suas organizações. Próximo.

Você viu, Leptospira eu só falei que tem uma bactéria que pode entrar sem corte. Aí eu chego aqui na diarreia, em Betim em 98, o que causa diarreia? O modelo é diarreia. Aí o Heller falou que tem água, esgoto, olha o lixo aqui e ele fala que o lixo juntou com o esgoto está no modelo estatístico, na modelagem que ele fez e ele bota aqui, oh, disposição das fraldas. Então, dentro do lixo ele tipificou um problema específico de um tipo de lixo que estava aumentando a diarreia, que era a disposição de fraldas. Percebe como é que a pesquisa, qual é o maior problema do território? Você só vai saber se você investigar. Porque se não, porque que a gente faz pesquisa? Percebe qual é o maior problema do território?

O território tem que falar, se não você está chutando. O que é o mais importante em termos de impactos à saúde é que a comunidade compreenda. A comunidade pode não achar que o saneamento seja o mais importante, viu? Atenção! Às vezes se coloca o transporte como mais importante. A habitação, energia elétrica. E aí eu respondo dessa forma não está errado, porque não se pensa saneamento sem transporte. Como é que eu vou pensar resíduos sólidos sem um transporte? Não dá. Tem que ampliar a visão. Próximo.

Isso aqui são charges que nós fizemos. "A Aedes não faz quarentena em plena COVID" desculpa, Aedes não faz quarentena. Olha o desenho que a gente fez. Então botamos a caçamba, bota o telefone da caçamba porque tem lei municipal que obriga a ter as condições da caçamba que provocava mal, vai acidente, tem que ter o responsável da caçamba pelo telefone. Aqui eu estou falando do trabalhador da Companhia de Limpeza Urbana, tem que aparecer na foto. Como é que está o EPI dele? Isso tem relação com saúde do trabalhador? Então tudo isso tem que ser pensado na hora de desenhar. Fazer educação não é simples, não precisamos de facilitadores, precisamos de educadores territorializados.

Precisamos de vocês. Próximo.

Aqui é outro desenho. Então o gari vai até aonde? O gari, ele limpa a grelha, a caixa de grelha é a dragagem. Não, dragagem não é uma [tarefa do] gari, então dragagem [é] outro serviço. Agora, se não limpar a boca de lobo também dá errado, porque assim a água não escoa. Cuidado pra não responsabilizar quem não é a pessoa que tem que fazer, não fica de costas para o agente público, vira pra ele e dialoga. Essa é a reflexão, não fica de costas. A gente não culpa, dialoga. Diálogo tem potência. Próximo.

Aqui eu estou botando todos os caminhos do resíduo pra vocês verem depois, quem tiver paciência, histórica freiriana. Próximo.

A educação popular. As etapas: varrição, transportes, tratamento, destinação. Às vezes tá ótimo aqui na varrição, mas aí, aqui, aperta aqui, estrangula, aí dá errado, entendeu? Tem que seguir o caminho do resíduo pra dar certo. Próximo, próximo.

Esse é de São Paulo. Olha como é de São Paulo, fez um desenho legal. Aquilo que você escreve, cansa a visão. Quando você bota as etapas no desenho, você aumenta a comunicação. Próximo.

Reciclar, reduzir, sei, vocês sabem. Quando a gente está fazendo um programa de saneamento rural, houve uma experiência do Nordeste que era o seguinte, tinha um caminhão de coleta seletiva, tinha o galpão de coleta seletiva, tinha a reutilização da coleta seletiva, mas os moradores não faziam a coleta seletiva. Não separavam.

O que que o técnico do saneamento fez? Quando chegou o caminhão, começou a botar forró no caminhão, botou uma música no caminhão, botou forró. Alguém tem dúvida que no Nordeste, naquela cidade, aumentou em escala os resíduos reciclável por causa do forró? O forró tá chamando a comunicação, tá chamando a memória, a tradição. Aí a pessoa vai feliz, vai dançando forró, levando resíduo sólido, percebe as estratégias da cultura? Próximo, próximo.

Compostagem, claro, reflorestamento, claro, É uma obviedade. Próximo.

Resíduo de gordura é resíduo sólido. O que a gente faz com resíduo que gruda na caixa de gordura? Ana, quem é que limpa a caixa? É a mulher ou é o homem? Ai então vamos fazer a discussão de gênero, porque se você botar uma caixa de gordura que a mulher vai ter problema com ergonomia, você não está preocupada com a saúde do trabalhador, da trabalhadora de casa e aí ela não vai fazer porque ela vai começar a fazer, vai dar hérnia de disco que nem eu, levantando tampão, vai para a caixa de gordura, entope. Ah, o pessoal não tem educação, é sempre isso. Agora vai ver o esforço da mulher fazer isso, e por que o homem não faz? O gênero tem que ser discutido. Próximo, próximo.

Então, de repente de plástico é mais fácil fazer? Qual é o custo para implantar? Isso é um debate tecnológico que tem que considerar o metabolismo da casa, o próximo.

Então é isso, a casa é um espaço do resíduo. Os primeiros elevadores que vieram para o Brasil, os moradores jogavam lixo no elevador, sabiam disso? O morador saía do apartamento, nos primeiros elevadores, a casa dele era a porta. Pegava o lixo, jogava no elevador, não no poço e no elevador. O dos primeiros elevadores. Isso, ao longo do tempo, foi criando um constrangimento, um controle social, antes da câmera, que a câmera agora tem que filmar várias coisas também filma isso, mas tinha um cara [que] joga o resíduo, o cara, o morador do lado, mermão, no elevador? Oh, você tá maluco?

Então qual é a proposta? Esse elevador tem que expandir, não é só o cuidado com o elevador, é o cuidado com a rua, com o espaço público. Se for reconhecida como seu, então isso tem que ampliar casa, habitação, vizinhança, comunidade.

Esse elevador da FIOCRUZ, o mais antigo em funcionamento. Quer ir lá, marca pra gente conhecer, é que é fantástico. O lixo sem lixo. Ali, ela sobe, o pesquisador ficava na parte de cima, o lixo ficava embaixo do elevador pra não ter contaminação e quando subia, subia os dois juntos, percebe? Olha o manejo de insumos e de resíduo definindo a arquitetura do elevador. É isso! Próximo.

Isso aí, eu estou com os Yanomami. E aí, o pessoal falou que os Yanomami não iam coletar re-

síduo sólido, não iam fazer isso porque eles não gostam. Eu falei, não, mantemos uma dinâmica. Não vai dar certo. Gente, deixa eu tentar, não vai dar certo. Eu vou tentar. Fizemos uma mobilização, uma discussão de educação. Começamos nós a coletar os resíduos ... Daqui a pouco eu vi uma Yanomami avançar um pouquinho, tipo querendo fazer o mesmo. Quando eu percebi, eu peguei o saco, a luva, entreguei. Quer fazer junto? Auei? Auei! Meu irmão, quando fala auei, vingou. Uma começou a coletar, as outras coletaram. Como é que não dá certo? Vê na imagem! Quem disse que não funciona? Não funciona de que forma? De que metodologia de educação popular? Próximo.

Esse é o material de "Vigia Povo", vigilância popular, que é uma proposta que a FIOCRUZ está discutindo. Fomos vigiar os rios, vigiar o desastre, vigiar o resíduo. Seus olhos são muito mais do que o olho do Estado. O Estado, Sociedade Política, é meia dúzia de olhos, nós somos milhões de olhos. Próximo, próximo, próximo.

Olha a imagem! Está vendo aqui, estão na praia. Olha a criança tentando jogar lixo. A lixeira está muito alta. Olha o que o olho que a criança está fazendo, ela está esticando pra jogar o lixo. Olha a panturrilha dela. Por que está fazendo isso? Eu não sei se aquele lixo vai entrar na lixeira, tamanha a dificuldade. Por que que ela está tentando? Por que que ela está insistindo? Por que a lixeira é tão alta? As lixeiras variam de cidade pra cidade, porque as populações variam. Não somos robôs. Temos que entender a cultura, entender qual é o dispositivo de coleta. Ela está fazendo isso porque tem uma experiência vivida por ela, de um pai, de uma referência de educação, seja lá o que for. Isso não foi intuição. Isso foi um processo de pedagogia da prática.

Pessoal, eu mando um abraço. Desculpa pela celeridade, mas eu queria agradecer a oportunidade.

Bruno César: Bom pessoal, a gente vai fazer uma abertura aqui, uma rodada de três perguntas. Eu gostaria de pedir, encarecidamente, que essas perguntas fossem bem objetivas e bem diretas em relação aquilo que foi apresentado pelo palestrante. Por favor. Então, a partir do momento que vocês sinalizarem, a Mayara vai até vocês, vocês direcionem a pergunta por favor ao palestrante.

Denise Tarin: (Procuradora do Ministério Público do Rio de Janeiro)

Bom dia a todos, Professor Alexandre Parabéns! Suou a camisa, literalmente, mas passa para todos nós, não só a mensagem técnica, mas também a sensibilização. Meu nome é Denise Tarin, sou procuradora do Ministério Público do Rio de Janeiro e dentro do que o senhor falou, só vou fazer um registro. Também coloque na sua exposição, que o Promotor de Justiça das Cidades de Meio Ambiente também tem que estar naquela atuação integrada, está certo? Há uma nova perspectiva no Brasil como um todo, e não só como estratégia para as mudanças climáticas, mas compreender que a postura do gestor, a postura do servidor, do funcionário público também muda com a mobilização da sociedade. Então, o senhor, que é um educador popular, também dentro das suas atribuições, então queria mais do que uma pergunta. Parabenizar é também trazer essa instituição que precisamos ir lá buscá-los também. Obrigada.

Claudia Renata Ramos: (Representante do Movimento do Aluguel Social e Moradia de Petrópolis)

Bom dia! Bom dia, Sr. Alexandre! Parabéns pela palestra e eu sou a Cláudia. Sou representante do Movimento do Aluguel Social e Moradia de Petrópolis, da Comissão das Vítimas das Tragédias da Região Serrana, agente de endemias no município e já trabalhei alguns anos aqui na comunidade com as agentes de endemias. Você falou da dengue e aí a gente se identifica muito, porque foi um trabalho em conjunto, agente de endemias e agente de saúde. Então que é que tem que ter essa comunicação que o senhor falou e eu só quero contribuir porque assim só falou da comunicação. E hoje a comunicação é essencial também até nesse trabalho.

Final do ano passado eu fui convidada para também ser uma palestrante no Simpósio da BR Hidro em Aracaju, e eu fui convidada para justamente falar de hoje e de toda essa intermediação. A doutora Denise falou do poder do Ministério Público e aí eu fui também para falar dos movimentos sociais, do trabalho dos movimentos sociais, junto com as faculdades, junto com as instituições. Lá, por exemplo, eu dei o exemplo do trabalho que é feito junto a FIOCRUZ, porque sempre eles nos convidam né, convidam os representantes dos movimentos sociais para estarem nessas jornadas.

Por exemplo, eu estou desde a primeira jornada, então, assim, só ratificando dessa importância. Tá bom? Parabéns! Bom, uma boa manhã pra gente aí.

Sônia Regina Ameal: Bom dia, professor Alexandre. Eu sou Sônia. Eu, Eu sou da Posse. Eu já trabalhei muitas vezes com reciclagem de lixo e um tempo eu morava no Independência e nós fizemos um trabalho, e eu e minha cunhada, nós éramos participantes da Pastoral da Criança, então nós fizemos um trabalho com as crianças justamente sobre os lixo. Nós fizemos várias brincadeiras com eles e isso eu ensinei até para meus filho. Uma vez eu deixei cair um papel no chão. O meu filho virou para mim e falou, ele tinha três aninhos, ele falou: "Mãe, a senhora ficou porca". Aí "por que é meu filho? Por que você jogou lixo no chão e a senhora falou para mim que eu não posso fazer isso" Então eu falei: "é verdade"; eu não fiquei brava com ele, muito pelo contrário, eu gostei da atitude dele, porque ele aprendeu aquilo que nós ensinamos. Em 2004, o meu marido pegou leptospirose. Ele ficou 13 dias no hospital. Quando eu cheguei no hospital com ele, os dois rins dele já tinham paralisado. A médica falou assim: "se ele não começar a urinar até a meia noite, eu vou mandar ele para o Santa Teresa." Quando chegou o resultado que realmente era leptospirose, o médico falou assim: "Olha, ninguém nessa vida chega no estágio que ele chegou e sobrevive". Realmente saiu. Foi um milagre, porque ele não ia sobreviver, porque só em casa eu fiquei cinco dias com ele, com febre, vomitando, não conseguia comer nada e quando ele foi para o hospital, os dois rins dele já estavam paralisados, e ele sobreviveu. E eu sempre falei: "cuidado crianças, cuidado com o lixo, cuidado de ficar jogando lixo na rua, cuidado de ficar..." mas às vezes até a gente mesmo e fala que acaba jogando nas ruas.

Mas eu acho isso um trabalho muito proveitoso, que está se fazendo aqui hoje, porque nós como sociedade temos que tomar consciência que mexe o lixo, mexe com tudo, com a comunidade, com as pessoas que tem que lidar com ele e com as com nós mesmos, porque traz várias doenças. Assim, agradeço minha oportunidade.

Cristina Oliveira: Bom dia a todos, bom dia Sr. Alexandre. Eu sou a Cristina, estou como coordenadora do NUDEC - Vale do Cuiabá. Isso é recente, depois da tragédia, e eu vi você falando da parceria dos NUDEC's com o CRAS. Tem coisas de uns meses e pouco, que fizemos o NUDEC na Madame Machado, junto com o CRAS, uma reunião na comunidade junto com a Dra. Denise do Ministério Público, em relação a conversar com a comunidade sobre os cuidados, os riscos, porque lá, além do desastre, por causa do morro e à beira do rio, também nas encostas, porque é aquela situação igual no Morro do Bumba, a gente vê lá muitas vezes a situação disso aí, de colocarem no lixo em qualquer lugar, nas encostas.

A gente sabe que quando chove, a penetração daquele lixo, tanto na beira como na encosta, ela vai deslizar a qualquer momento, como já aconteceu isso lá na comunidade. Então, essa parceria, não sei nas outras comunidades, mas no terceiro distrito, Itaipava, já tem essa parceria NUDEC com o CRAS trabalhando junto em prol do lixo da comunidade. Obrigada

Alexandre Pessoa: Como eu me estendi no tempo, eu vou somente voltar à pergunta inicial. Como nos organizamos para o enfrentamento das mudanças climáticas? A resposta vem desses territórios, vieram de vocês, vieram de uma experiência no limiar da vida e da superação do que representa a leptospirose é um conjunto enorme de doenças relacionadas ao saneamento. Então vamos fazer uma discussão não só de uma doença; são várias, mas a discussão da leptospirose, ela é estratégica. Veja a fala dela como traz a potência, de um relato. Sem dúvida, o papel dos promotores, agentes de combate à endemias tem que estar associado aos agentes comunitários é o modelo de saúde que defendemos. Falou da importância da pastoral. Os territórios vão indicar quais são os elementos de potencialidades, as organizações mais potentes no território. Tem os comitês de bacia e as associações de moradores e os sindicatos e o que tiver mais que é avançado na defesa da vida. Essa é a proposta. É muito mais do que enfrentar doenças e avançarmos na sustentabilidade desses territórios, na emancipação humana e no viver bem.

Bruno César: Obrigado, Alexandre, pela contribuição. Nós teremos agora um momento cultural. A apresentação do Gustavo.

Gustavo A. Konrath (Músico)

Eu gostaria de dar um bom dia a todos e reforçar junto com a palestra, gostaria que todos soubessem que esse meu amigo que veio tocar, junto com a conscientização do evento, é um dos que sofreu, junto com a conscientização do meio ambiente, do que está acontecendo, que pegou junto o surto, aqui do bairro, de Dengue. Logo, a dois dias da recuperação, está aqui para ajudar a tocar um som com a gente. Gostaria de pedir uma salva de palmas pra ele. E veio de graça. Espero que todos gostem, a gente vai fazer nosso trabalho.

Música.

Bruno César: Parabéns aí para os rapazes pela apresentação. Dando continuidade a nossa programação, vamos para a próxima palestrante, a professora, doutora, Viviane Japiassu do Instituto Federal do Rio de Janeiro. A professora Viviane Japiassu é doutora em Ciências Ambientais, mestre e bacharel em Engenharia Ambiental com formação pedagógica em Geografia, Tecnóloga em Meio Ambiente, professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro, na Universidade Veiga de Almeida e vai discutir sobre a gestão dos resíduos sólidos.

Viviane Japiassu Viana (Instituto Federal do Rio de Janeiro)
Apresentação: Páginas 99 a 112

Muito obrigada! Bom dia pessoal, é um prazer está aqui com vocês. Muito feliz de ver a comunidade participando desde o início da concepção até as discussões. Tem que ser assim. Se não for assim, não está sendo certo. Bom, a conversa hoje tem o tema de resíduos sólidos que a gente usualmente chama de lixo. E vocês já tiveram uma conversa importante aqui sobre os aspectos da saúde pública e das doenças relacionadas.

O recorte que eu vou fazer aqui é, dentre tantos outros que teremos aqui hoje, mais específico sobre a relação desses resíduos com os desastres, desastres que, infelizmente, Petrópolis sabe bem do que a gente está falando.

Desastres são eventos adversos, ou seja, eventos que a gente não espera ou não deseja e que causam impactos locais que superam a capacidade da gente conseguir lidar com os recursos que temos internamente. Então, precisa de ajuda externa, né? Precisa avisar outros órgãos. Muitas vezes vai ver que o próprio município não dá conta.

Tem que vir do Estado ou, dependendo, do Governo Federal. A gente sabe que isso é recorrente, e no Brasil, e especificamente aqui na nossa região, existe uma relação muito importante desses desastres com a ocorrência das chuvas, essas chuvas intensas, chove muito em pouco tempo ou, então, chove pouquinho, muito tempo e aí, depois, quando vem qualquer chuvinha, o solo já está saturado, não tem mais espaço pra água, e aí se movimenta. E além disso, a gente está falando aqui das encostas, mas tem os desastres associados, há os rios, a água que não encontra caminho para passar, seja nas ruas nos alagamentos, seja nos rios que aí vai extravasar.

E tudo isso traz pra gente danos e prejuízos; impacta a nossa vida de diversas maneiras: desde a nossa rotina até perdas de bens e perdas de vidas. E a gente precisa sempre pensar não só na hora, mas pensar como é que a gente se organiza pra evitar tudo isso, entendendo qual é a relação entre os sistemas. Passar para mim, por favor.

E aí um fator importante que a gente pensa em tudo o que está sendo transportado, e pensa no solo que está correndo pela superfície. Mas o que será que tem embaixo dessa superfície que a gente está olhando do solo? O que tem ali? Onde é que e como é que a água se comporta dentro do solo, uma vez que entra ou que não consegue entrar? Então o solo, dependendo das características dele, vai ter uma maior ou menor capacidade de deixar essa água infiltrar. E isso já tem a ver com as suas características naturais; a gente percebe isso, vai na praia, é areia que tem o grão maior; a gente consegue até ver um grão de areia na mão. Mas esse solo mais argiloso, fininho, a gente não consegue. Nesse solo mais fininho uma partícula fica próxima da outra. Então esse solo, dependendo do tamanho das partículas dele, vai ter uma facilidade maior ou menor de deixar a água passar e também de se juntar um com o outro. Quando essas partículas se juntam muito, elas dificultam a passagem da água e também tem

uma facilidade maior de compactar. Todo mundo sabe o que é compactar o solo né, com caminhão, às vezes faz de propósito e às vezes não tem a intenção, mas acontece. Pisoteio de animais, maquinário. Passando então essa relação água, ar e solo é muito importante, porque a gente tem que entender como é que é o solo da nossa localidade, pra entender como ele vai responder a essa água, com essa capacidade.

E se ele não tem capacidade de receber a chuva que costuma cair onde a gente está, vamos precisar de medidas para direcionar essa água para algum lugar. Qual é o grande problema? É que a gente também, com as nossas intervenções, seja o poder público, seja nós no dia a dia, muitas vezes adotamos estratégias que impedem a passagem da água.

Por exemplo, vou lá e boto concreto, cimento, porque é mais fácil de limpar o quintal ou nas ruas. A gente vai tirando áreas verdes e substituindo por superfícies que não deixam a água infiltrar. Pra onde que essa água vai? Caiu a água da chuva ela tem que ir pra algum lugar. Se não vai para o solo, vai pra onde? Vai pras ruas; vai se acumular em algum lugar. E quanto mais a gente vai fazendo esse processo de urbanização, mais a gente aumenta esse volume de água que não está infiltrando e está se acumulando na superfície. E, infelizmente, muitas vezes a gente não tem a infraestrutura, né? Porque você está falando de saneamento e tudo mais, capaz de coletar tudo isso.

Então a gente tem um problema crônico nas cidades relacionado essa questão de a gente impermeabilizar, ou seja, não deixar passar, tirar a permeabilidade, e isso se soma a todas as outras questões. Então, ali não dá para ver tanto, mas o solo é composto, embora a gente fique muito atento às partículas sólidas dele. Ele tem ar e tem água dentro dele. E esse espaço que tem ar, que são os espaços vazios, é ocupado por água quando chove ou quando vem a água de algum lugar ou esgoto também, algum material ou chorume dos resíduos, algum material que não deveria estar ali. Pode passar.

Aí então, não sei se dá para vocês verem, mas é basicamente um esqueminha mostrando que um solo saturado, quando chove muito e ele alcança sua capacidade máxima de receber água, isso significa que todos esses espaços vazios, ou quase todos, estão ocupados por água. O que vai acontecer quando o volume é muito grande ali? A água que antes até ajudava essas partículas a ficarem um pouco juntinhas, ela vai funcionar como um lubrificante. Então esse solo perde a capacidade de ficar junto e dependendo do solo, dependendo do volume, em determinado momento, essa água vai ajudar uma camada do solo a escorregar em cima da outra, é os deslizamentos que a gente vê.

No dia a dia na comunidade, como é que a gente pode pensar em evitar? É claro que, dependendo das encostas, são intervenções que tem que ser feitas pelo poder público, que são muito caras. Mas, algumas coisas, a gente pode passar a observar, tanto essa capacidade de receber a água quando a capacidade do solo de ficar ali quietinho, estável, no lugar dele. Tem a ver com como a gente trata ele.

Nas encostas, se a gente simplesmente pega o terreno, tem aquela encosta, aí aqui que faz, corte para ganhar mais espaço no terreno e fica aquele paredão lá no fundo, reto, né? Só que, dependendo das condições desse solo, você não pode fazer assim, tem que entender e estudar qual é essa capacidade, qual é o ângulo que a gente pode fazer esse corte para ele não ficar instável e deslizar.

Então tem alguns aspectos técnicos que, claro, a gente não vai ter em casa, nem todo mundo vai ser engenheiro, vai ser geólogo pra entender isso, mas a gente precisa ficar atento que quando vai fazer essas mudanças no terreno, existem esses critérios que a gente precisa observar. Muitas vezes a gente constrói coladinho ali, porque aí tem um paredão no fundo e aí qualquer coisa, qualquer chuva mais forte, já desliza. Pode passar, por favor.

Então os movimentos de massa, dentre eles o deslizamento, acontecem em função dessa dinâmica do solo que a gente chama de mecânica, que é como o solo se movimenta. E isso tem uma relação direta com a carga, ou seja, a massa, o peso que tem ali e a pressão que a gente está sobre ele.

Cada casa que a gente constrói, o maquinário que a gente coloca ou estrada que a gente passa, mexe nisso, coloca mais carga naquele solo. Isso tudo vai se somando e diminuindo a capacidade dele de receber a água. Olha só que pacote completo que a gente tem aí, e fica socado, compactado. A gente já percebe logo que você empurra, aproxima muito essas partículas e aí não sobra espaço vazio para a água infiltrar; a gente tira essa capacidade desse solo receber a água muito bem. Pode passar, por favor.

Então, dentre as atitudes humanas que nós, enquanto sociedade, fazemos, que pode trazer problemas relacionados a isso, tem esse corte dos taludes, que são as encostas pra ganhar terreno, os aterros e depósitos de lixo que são o nosso tema aqui hoje, as modificações da drenagem ou jogar esgoto ou água da chuva direto no solo. Você pensa aquela tubulação que está ali caindo direto na encosta, vai fazer o quê? Tem água arrastando partículas do solo. Toda vez que cai ali, que a gente chama de erosão, vai aquele solo também vai desgastando, desgastando e aí vai tornando ainda mais instável e mais perigoso para as residências que estão ali e pra todos nós que estamos usufruindo, tanto quem está lá em cima quanto quem está aqui embaixo. Então isso é importante também.

E os desmatamentos? Qual é a função que a vegetação tem no solo? O que as raízes fazem com o solo? Todo mundo já tirou a plantinha, né? O que que vem junto? Você enterra esse solo, porque elas acabam agrupando ali e, de certa forma, dando uma estabilidade para esse solo, ou seja, fazendo com que ele fique mais seguro ali. Só que isso não é tão simples quanto parece. Algumas vegetações retém mais; outras retém menos. Algumas plantas, a bananeira, por exemplo, o exemplo clássico sempre tem na encosta, mas não é recomendado porque ela acumula muita água ali perto da raiz.

Então, quando vem a chuva e o solo já se mexe, ela já vai embora e arrasta um pedação de solo junto. Então a gente tem que ficar atento que todo solo é importante está protegido por, pelo menos, uma camadinha de grama ou alguma vegetação que possa proteger esse solo de receber essa chuva direta e sair sendo arrastado; que é a erosão. Pode passar.

Aí uma relação importante que a gente vê desses resíduos com os desastres, é aquela foto clássica que tem até ali no banner aqui, que é dos resíduos na encosta também. Por que o resíduo vai parar na encosta? Todo mundo aqui já viu a comunidade que tem encosta com resíduoi, escorregado? Por que que colocam ali? O que vocês acham? Por que alguém joga lixo lá? Porque não tem coleta. Então começa por aí. Posso ficar só colocando a culpa de quem coloca ali, se eu não faço a coleta, se eu não dou uma alternativa, então passa por quê? Por a gente estruturar. A prefeitura cumpriu o seu papel em estruturar essa coleta e a gente saber também exigir: Olha, tá vendo aquilo ali? Não adianta ficar só botando a culpa na comunidade. Cadê? Quem é que vai vir aqui recolher o lixo? Vai botar caçamba? Como é que a gente vai se organizar?

E, dependendo da localidade, vai precisar de adaptação. Tem lugares em que o caminhão, aquele grandão, não chega e aí as empresas de coleta já se adaptam, vão com caminhão menorzinho ou até arranja ali, às vezes, uma moto com alguma coisa. Uma caçambinha. Então a gente tem que pensar

junto quais são essas estratégias.

Isso, Ana Maria está comentando aqui que tem condomínio, que tem um caminhãozinho que aí coleta no condomínio e deixa num ponto para a prefeitura pegar.

Então eu acho que é importante a gente que está aqui pensando em como organizar essas questões para a comunidade entender onde é que faltam essas coletas, e isso fica muito claro quando a gente vê as pessoas jogando num lugar, elegem um terreno, tem uma questão de consciência com certeza, mas também tem uma questão de rotina, de vida e de não ter o equipamento necessário para a gente poder fazer essa destinação.

Então vamos observar isso e conscientizar que, além das questões dos riscos do deslizamento, por que é que o lixo na encosta aumenta o risco de deslizamento? Porque é mais um material ali, mudando a característica desse solo, acumulando água, porque se você deixar um saco de lixo ali, qualquer espacinho, a água entra, mistura com aquele resíduo.

O nosso resíduo tem o nosso lixo, tem muito material orgânico, e esse material orgânico, restos de comida, de árvore, de varrição, absorve muita [água]. E aí, vai fazer o quê? Vai pesar, e aí vai contribuir com que uma chuva, que de repente não fosse causar esse movimento, já vai causar com maior facilidade. Além do deslizamento, vem com esse monte de lixo e todos os problemas de saúde que estavam sendo falados aqui anteriormente pelo Alexandre.

A questão do lixo na encosta tem outro elemento. Quem é que gosta de ter uma encosta cheia de lixo perto de casa? É agradável passar e ter essa paisagem? Isso também desvaloriza a área de vocês. Não é agradável que você quer ver a encosta ali com a vegetação passar, né? E infelizmente a gente tem esse problema e aí isso já traz para vocês várias camadas de problemas, desde o impacto visual, esse incômodo, ao aumento do risco do movimento de massa por essa carga excessiva ali na encosta. Pode passar.

E aí não só os desastres relacionados aos deslizamentos, que tem seu risco aumentado em função do aporte de lixo, os vários tipos de inundação, que eu vou mostrar ali rapidinho para vocês, também tem essa relação. Alagamento, o que é? Quando o sistema de drenagem, os bueiros, as tubulações da cidade não dão conta de levar aquele volume de água. Aí o que acontece? Acumula bolsão d'água, aquela coisa na cidade que a gente não consegue passar, tem rua que está alagada, aquele transtorno. Sem contar que entra água na loja, na casa, na escola, todo mundo já vivenciou, já viu isso acontecer, já teve aí algum transtorno por conta disso. Então por que que causa alagamento? Porque o lixo que está na rua, na hora que vem a chuva vai parar na entrada dos bueiros e aí fica ali tampando então o volume de água que tinha que entrar ali já não consegue passar.

E às vezes eu mesmo já vivenciei situação de umas três ruas alagadas, vinte horas esperando até que alguém conseguiu cutucar ali o bueiro, tirar, um que era um saco de lixo que sacão né, que estava tampando e não passava. Então aí, como é que a gente faz? Bom, existe um dilema aí.

Pelo menos lá no Rio essa chuva de verão cai muito no final da tarde, que é o horário que passa o caminhão de lixo, o horário em que a gente botou o lixo para fora e aí a chuva chega antes do caminhão e faz o quê? Leva esse lixo. Então, como é que a gente faz? Tem que pensar estratégias. Tem cidades que colocam umas cestinhas de metal elevadas para você colocar e a chuva passa e não leva esse lixo além do da chuva. E também tem os animais que acabam se alimentando daquilo. Rasga saco né, então, é porco, cachorro e aí fica exposto e atrai todos aqueles vetores que foram falados aqui pelo Alexandre, barata, é rato, e olha, as doenças chegando aí também.

E também existem os desastres associados à saúde. A gente viu aí a pandemia está vivendo agora a questão da dengue. A gente associa muito desastre a deslizamentos e inundação, mas os da saúde também são desastres, né?

Bom, então o alagamento, a gente resolve ampliando essas redes de drenagem, a prefeitura fazendo obra, abrindo, botando aquelas manilhas maiores para ter mais espaço para a água passar. Cuidando dos rios de uma maneira diferente para as outras inundações e deixando de jogar lixo no chão, acabou. Pode passar por favor.

Bom, as cheias e enchentes? É normal do rio, tem dia que ele está com nível mais alto, a água está mais alta, está mais baixa. Ele faz esse movimento naturalmente, faz parte da dinâmica deles, que é a quantidade de água que chega nele. Ali, no ponto onde vocês observam, varia. Isso é uma característica natural. Então, esse aumento e redução do volume é normal e é também periódico. Tem períodos que a gente já sabe que ele fica alto porque chove mais e tudo mais. A gente deveria considerar isso antes de ocupar essas margens dos rios, porque muitas vezes a gente faz ocupação considerando o volume, quando ele está mais baixo, sem lembrar que, sei lá uma vez por ano, duas vezes por ano, ele já expande e acaba determinadas áreas que a gente vem e ocupa a gente, e aí eu não estou falando que é comunidade, só a prefeitura, todo mundo, né? A gente tem essa rotina. A gente também tem uma cultura que está mudando lentamente, que é de fazer o quê? Pegar o rio. Como é um rio natural ali no parque, ele é reto, vai reto toda vida. Como é que ele faz? Ele faz curva, e essas curvas do rio são super importantes. Por que? Porque são elas que vão quebrando a energia da água. Se a água vai reto é que nem carro é que nem a gente correndo correr reto a uma velocidade, faz curva você diminui essa energia. Você também cria características diferentes para os ecossistemas, para os animais, para fauna e flora.

Agora, quando a gente sai e bota tudo reto, a retificação que prefeitura gosta de fazer isso, pega a gente botando tudo reto, trata o rio como se fosse algo, um problema a resolver. Preciso me livrar dessa água, botar reto, ainda, botar concreto, porque aí essa resistência do solo passaria por vegetação. Já não tem mais. Vai um caminho reto para chegar logo lá no final e se livrar dessa água.

Será que a gente quer se livrar dessa água? A gente precisa de água. E essa água, quando está nas condições ambientais adequadas, não é só para a gente, é para todas as outras espécies que estão ali também. E isso traz também uma regulação natural das espécies que vão ser os predadores do mosquito e de tantos outros animais que podem ser vetores de doença, e quando a gente elimina, acabou.

Então a gente retifica tudo, aumenta a velocidade, acaba com as curvas e ainda ocupa no entorno. Pra piorar a situação, a gente joga lixo lá dentro. Qual é o problema de jogar lixo dentro do rio? Além da poluição, a água pode ficar contaminada. Se não for pra você, pra alguém, vai ser você vai receber um lixo. Pode não ser o seu, mas alguns vai chegar, a encomenda chega. Então tem essa questão de quando o rio extravasa, ir pra rua e às vezes é para dentro da sua casa, no meio da rua. E tem uma outra questão: a água ocupa um espaço dentro do rio, certo? Se eu boto o lixo, a água consegue ocupar o mesmo espaço que ele está ocupando? Não. Então o lixo dentro dos rios diminui o espaço disponível pra essa água passar. O que vai acontecer então? Pra onde a água vai?

Quando chover, vai elevar mais ainda o nível do rio, mais do que elevaria, e às vezes uma chuva que não ia causar uma inundação vai causar agora, porque a água não está ocupando espaço dentro do rio e vai ocupar outros espaços. Então a gente tem uma relação importante de como a gente faz a gestão desse lixo, como a gente lida com ele e a ocorrência de desastres.

A gente precisa entender que existe uma responsabilidade individual e coletiva com relação a isso, e é atribuição do poder público de dar os espaços e fazer a coleta. Mas nossa também de entender que jogar um saco de lixo no rio, é aquela coisa ninguém quer ficar com lixo em casa que quer se livrar dele. Essa é a verdade, né? E aí o joga no rio, porque ele leva embora, joga na encosta, porque foi lá para baixo e já que não tem onde colocar. Então a gente precisa ficar muito atento a isso, porque esse tipo de atitude acaba causando problemas posteriormente e às vezes, muito rápido. Então, como é que a gente pode se organizar se a gente sabe que tem algum local que o rio costuma levar ou que a água passa com velocidade o que a gente tem muita ladeira, muitas ruas mais íngremes, a gente tem que, de repente, avaliar a possibilidade de colocar esses resíduos em um outro ponto onde ela não passe com tanta velocidade que arrasta ou, de repente, pensar em colocar em pontos mais elevados. Isso é uma conversa que a prefeitura tem que ter com a população e que muitas vezes não tem, adota aquela mesma estratégia de coleta para todo mundo, bota o lixo ali na calçada e recolhe.

Mas para alguns locais talvez isso não seja a melhor estratégia. A gente tem que pensar em elevar ou em criar pontos mais seguros para que ele não vá embora com essa facilidade na chuva. Então vamos pensar; tem muitas cidades aí ou bairros pensando em estratégia, aí dá para ser criativo, dá para ser criativo junto, fazer coletivamente. Pode passar.

E aí a gente tem o alagamento porque a tubulação não consegue levar a água; a gente tem as enchentes, as inundações de quando o rio eleva o nível e tem a enxurrada, que é quando a água vem e vem com velocidade. Por que? Porque encontra declividade contra inclinação ladeira, encosta. Vocês também conhecem, né, aqui na região acontece muito pela própria característica da cidade.

Essa água, por conta da gravidade vai ganhando energia, e velocidade e muita força. Então quando ela passa ela arrasta gente, arrasta cá o lixo. Então você arrasta carro, não vai levar o lixo, leva carro, leva gente, leva casa às vezes, dependendo da situação. Na Região Serrana, a gente tem uma característica de que muitas vezes desses desastres embolam, né?

Vem uma enxurrada, mas também um deslizamento. Então a enxurrada não está levando mais só o que está no caminho, mas está levando material desse deslizamento também. E aí vai se sobrepondo esses problemas, o lixo acumulado junto com esse material que veio arrastado acaba impedindo a passagem da água e faz uma barragem e aí acumula. Foi o que aconteceu lá em 2011, aqui em Teresópolis, em Friburgo, a água chegando em níveis absurdos de altura.

Por que? Exatamente, leva ponte, que levou a ponte, pois é, tem vários lugares que isso aconteceu, porque esse material vai carregando, pode passar, por favor?

E tem ainda a inundação costeira. Essa não é um problema aqui, que é relacionado a mar. E esse tem uma relação muito importante com as mudanças climáticas, com as construções de portos e outros que acabam mudando ali o regime do mar e fazendo com que a água avance mais. Esse é um problema sério que o mundo está olhando mais para cá, especificamente dessas figuras que estão no alto, certo? Mas também é um problema. Pode passar.

Então resíduo na rua, descartado inadequadamente, vai ser arrastado pela água, causa alagamento, vai parar no rio, além de causar alagamento, é arrastado, às vezes vai parar no rio, mesmo que você não jogue direto no rio.

E isso a gente está falando do resíduo antes do desastre. Então, a gente pensando que como é que eu não deixo que o lixo seja mais um fator para se somar e piorar o cenário ou acabar causando um desastre no nosso bairro. E tem o lixo, o resíduo pós desastre, que é tudo isso que foi arrastado, que ficou embolado e tudo mais.

E como é que a gente gerencia esse lixo? Isso é um desafio na verdade que está sendo discutido ainda pra entender porque, dependendo da situação, como foi a situação aqui em Petrópolis em 2020 e 2022, como foi que teve esse último muito grande em 2011? São volumes absurdos, né? Então, as prefeituras hoje tem discutido isso, será que a gente não precisa de um método para ver o que dá para aproveitar ou vai jogar tudo fora? O custo é muito alto para poder lidar com isso.

E aí, muitas vezes prorroga a duração do desastre, porque fica aquela indecisão, aquela discussão de como é que vai fazer para poder descartar, para resolver esse lixo. E são mais e mais dias em que a comunidade está ali, isolada ou impactada por aquele material acumulado que ninguém consegue resolver o que vai fazer.

Então também é algo que em locais que a gente sabe que tem essa recorrência precisa vir para a mesa para discutir, para pensar como vocês têm feito esse movimento de se reunir para pensar juntos, soluções para discutir os problemas locais. A gente precisa também questionar e colocar isso como algo que a prefeitura tem que pensar com muito cuidado e tem que estar preparada, porque não adianta pensar nisso quando acontece. Porque a gente sabe que infelizmente acontece bastante, mesmo não leva uma casa, mas na própria estrada cai muita encosta, desliza por conta da característica que a gente tem aqui na serra. Petrópolis está na Serra do Mar, que pega ali também uma parte de São Paulo, é uma característica que a gente tem que, pela própria inclinação e pelas características locais, o solo que tem ali não é muito profundo.

Então, por isso que desliza com muita facilidade. Um dos motivos que desliza com facilidade. A água chega, ocupa todos os espaços vazios que tinham ali entre as partículas de solo, e aí fica ali, entra entre o material e a rocha que está em baixo e vai tudo escorregando. Um grande toboágua ali ladeira abaixo, pode passar.

Os resíduos nas ruas são problemas; resíduos nos rios também são problemas, assim como nas encostas. Então a gente precisa começar a pensar também nessa lógica. Por que? Porque no rio ele some. A não ser que seja um volume muito grande, o que sejam aqueles que boiam como garrafa pet, que fica ali na superfície, o saco de lixo que joga na corda, não com ele afunda dependendo do que tem dentro. E aí, pronto, problema resolvido. Não estou mais vendo. E não é bem assim. Então a gente precisa discutir isso, conscientizar sobre isso. Como o movimento que já é feito pela Fiocruz e pelo esse fórum é o que nas escolas, conscientizar a criança. Até teve gente que relatou que levou bronca da filha porque eles ficam muito atentos. Ah, isso e é cultural! Mas também a gente se regula e chama a atenção:. viu fazendo, poxa, porque não é uma coisa de “ah, eu que sei e eu estou fazendo ali, não se mete”, mas depois que você está fazendo, volta para toda a população.

Então todo mundo sofre essa consequência. Então não é bem por aí. Decisões individuais que têm impacto coletivo. Então a coletividade tem que se envolver sim. Vamos pressionar. As pessoas têm que ficar constrangidas de jogar lixo na encosta ou no rio, né, porque depois se traz problema para todo mundo. Pode passar, por favor?

E ali era um exemplo de pós desastre. Um dos exemplos é material com vegetação, arrasta árvore, elas que causam muito esse barramento de agarrar ali na ponte, não deixar nada passar e tudo mais, então a vegetação acaba ficando ali. Então, a existência material aí será que não dá para de alguma maneira trabalhar ele depois da compostagem. Como que a gente lida com esse resíduo antes e depois

do desastre? A gente tem que pensar antes para prevenir e depois porque é um problema real.

E a gente está, depois do desastre, imerso em vários problemas. É muita coisa pra resolver, não sabe nem por onde começar, não sabe com quem falar, não sabe o que fazer e quando, em situações críticas como essas, a gente precisa se planejar antes. É claro que vai ter coisas que a gente não consegue imaginar que [vão] acontecer. Mas se a gente já tem os protocolos definidos, quem faz o quê, pra quem eu peço o quê, isso com certeza agiliza o retorno à normalidade para a comunidade. E como é a comunidade que está ali, nós somos nós enquanto comunidade, que temos que saber o que fazer também. A gente tem que saber quem a gente chama, mas enquanto eles não chegam, o que é que a gente pode fazer? Como é que a gente pode lidar? Que cuidados que a gente tem que ter, por exemplo, para manipular esse resíduo? Se é perto de um hospital ou de posto de saúde que foi afetado, pode ter ali lixo, resíduos de saúde contaminados. E aí você vai mexer ali, pode se contaminar, seringa porque no meio disso pode. Vem tudo isso, não só no hospital

A gente em casa às vezes faz um descarte inadequado porque tá com pressa, não prestou atenção ou não se toca mesmo sobre isso. Mas existem riscos com resíduos perigosos de corte, de se furar e também de se contaminar, dependendo da substância que eu tô mexendo. Então são esses os pontos que eu queria colocar para vocês que não pode usar. Pode passar.

A gente tem os resíduos vegetais e tem muito entulho também. E aí o entulho é outro. Outra questão que ocupa muito espaço; é caro para descartar, alguém que conhece algum lugar que teve deslizamento ou inundação e que ainda tem restos de entulho ou alguma coisa que ficou? Ou tá tudo limpinho?

E não faltam exemplos, não faltam exemplos. Esse material que fica lá, ele causa também o impacto visual, ele cria riscos e às vezes, cria ali uma condição, que às vezes favorece determinados movimentos que trazem violência para o local. Além de ser um lembrete, um lembrete desagradável e constante de tudo o que uma população já sofreu e a gente quer passar essa página, quer virar essa página, mas todo dia passa lá e tem aquele lembrete ali gritando tudo o que aconteceu, lembrando a você todas as perdas, todo o sofrimento e te colocando também ali, com um certo medo de estar naquele local. Então, mais do que todos esses impactos sociais e também de saúde, tem também a questão da saúde física, mas tem também a saúde mental, da gente se sentir insegura, de a gente ficar voltando nesse momento de sofrimento toda vez que olha para aquilo. Vocês aí lembraram de vários e quando passa, não lembra? É involuntário, se lembra das cenas que assistiu ou estava lá, ou viu na TV ou viu no jornal, né? Todo mundo visualizou aquilo. Então é aquele lembrete constante do sofrimento também. Já pararam para pensar nessa relação? Pode passar, por favor.

Os veículos que vêm junto com entulho. E fica ali. Alguém já teve algum carro que foi arrastado [pela] enxurrada? Ou conhece alguém que teve e que levou ou que ficou molhado? Carro ou ônibus? E aí, o que faz com isso depois? Ah, eu vou lá e pego o seguro, se tiver. E depois? Mas pra onde será que esse material vai? Como que isso vai ser tratado ou vai ficar lá acumulado também no cantinho, causando inclusive focos de mosquitos. A gente vivenciando esse problema da dengue. Então, o resíduo diz de diversas maneiras, esse descarte do lixo, essa gestão que acaba sendo inadequada, causa impactos, ajuda a ampliar os riscos dos desastres, mas também são um grande problema no pós-desastre que a gente precisa discutir e pensar como fazer. Pode passar, por favor.

Bom, então o que é resíduo? Resíduo é todo esse material que a gente descarta, seja em casa, seja na indústria, que não tem mais serventia para a gente. A gente tem uma lei federal que fala sobre esse tema. Antes dela, a gente chamava tudo de resíduo. Hoje a gente faz uma diferenciação. Resíduo é aquele que ainda dá para aproveitar de alguma maneira, e Rejeito, é aquilo que já não tem o mesmo aproveitamento. Então é só esse conceito. Pode passar.

A gente tem os resíduos que são perigosos. Então isso também é um risco que a gente tem que ficar atento bastante de contaminação do solo inclusive, vamos pensar que tem indústria que às vezes armazena esses resíduos perigosos, que podem ser contaminantes, que podem causar diversas doenças pra gente de contato ou de absorção, que pode contaminar o solo.

Então, depois de um desastre, o que será que veio com esse arraste de material? Será que não veio a água que contaminou o solo? O solo onde eu estou cultivando, às vezes alimento? Que eu estou plantando para poder comer. Então é uma questão também, dependendo do local e da dúvida, a se conversar e pedir o apoio da vigilância de saúde para analisar esse cenário. Será que não veio nada parar aqui perto de mim que mudou a característica desse solo? E aí eu planto a minha hortinha, pomar, quem mora em sítio, mais coisa ainda, ou tem galinha e tudo mais. Tudo pode trazer contaminantes, sair propagando doenças. Pode passar, por favor.

Mas está na lei e pela previsão da lei federal, a prefeitura poderia multar. Se a gente faz o quê? Se joga resíduos na praia, no mar ou nos rios, está escrito lá na lei. Não é mais uma questão de só ser amigo do meio ambiente. Tá na lei, é proibido.

É proibido também deixar lixo a céu aberto. Então essa coisa de escolher um terreno para ficar jogando lá, acumulando e virar um lixão, isso também é proibido, inclusive pra prefeitura, porque tem prefeitura que faz isso também né; é proibido e o prazo deles já foi prorrogado várias vezes para resolver esse problema.

É proibido também queimar lixo a céu aberto; então eu não jogo lá, mas eu queimo o lixo. Não pode também, até porque dependendo do que tem nesse lixo, eu posso estar [criando] uma fumaça tóxica e aí não sou só eu que tô sentindo; também tô espalhando pela comunidade esse lixo, essa fumaça e outras formas inadequadas.

Então, pela lei que a gente tem que fazer, tem que colocar no local de coleta, se possível fazer a coleta seletiva; quando tem ou quais associações de catadores se puder destinar, e evitar qualquer uma dessas práticas de jogar em terreno, de jogar na encosta, de jogar no rio ou de deixar na rua em qualquer momento, evitar também colocar fora do horário de coleta. Agora a gente sabe também e dependendo do seu ritmo de trabalho, ou eu boto de manhã, eu vou trabalhar ou quando eu chegar, já passou e já pegou.

Então tem coisas que a gente tem que fazer de um jeito que não seria o ideal, mas que é. Agora vamos pensar sobre isso, tá? Provocação aqui e vamos pensar como é que nós, enquanto comunidade, podemos observar com cuidado quais são esses pontos mais críticos e pontuar, e trabalhar junto coletivamente com o poder público para pensar soluções, inclusive não aceitando aquelas soluções que são as mais [comuns]. Todo mundo faz assim, mas aqui isso não funciona. Como é que a gente pode fazer? Porque se eu deixar aqui, onde você está mandando, na nossa comunidade, vai vir a chuva daqui a pouco, vai arrastar e aí a gente não consegue nem sair daqui nem pra ir trabalhar, ou não consegue voltar.

Então, tendo pensando sobre isso, a gente consegue discutir e tentar fazer propostas coletivas sobre o tema para prevenir desastres e para lidar com esses resíduos pós desastre. Pode passar.

Ali falando sobre destinação correta, que foi o que a gente conversou.

E muito obrigada aqui por me ouvir e por dar esse espaço aqui.

Bruno César: Muito obrigado, professora, pelas contribuições. Agora, novamente nós faremos uma rodada de comentários e perguntas e eu peço novamente que essas perguntas sejam bem objetivas e direcionadas ao assunto que a nossa palestrante acabou de trazer para nós.

Sonia Regina Ameal: Você falou que tem que prestar atenção a prefeitura que é responsável. No caso é a Comdep que é responsável para tirar esse lixo. No meu serviço, hoje mesmo eu saí e deixei um saco de lixo. Segunda feira é o dia deles passar; segunda, quarta e sexta. Na segunda eu deixei o lixo, que estava até com mosquito; também não posso deixar em cima porque eu cuido de um senhor idoso; não posso deixar uma bolsa, um saco de lixo lá na parte de cima, eu tenho que levar e colocar. Aí a gente coloca na rua, só que ele só for pegar esse lixo na quarta feira, aí passa cachorro, rebenta os saco de lixo.

Então as pessoas reclamam, reclamam, mas só que não tem solução. Isso, às vezes, eu já passei mais de duas semanas lá com lixo, e tive que deixar mais saco lá em cima, porque eu não pude trazer, porque já estava cheio embaixo; já tinha um monte de lixo na rua, mas eu acho que isso aí a gente, a prefeitura, tinha que tomar consciência disso, que não pode, justamente por causa das doenças, por causa tudo. Mas isso não acontece; porque realmente é um desastre, a coleta de lixo.

Amilton Oliveira: Bom dia a todos. É um assunto bem relevante sobre manancial, ao meio ambiente. Eu moro numa comunidade onde a gente tem uma mina que a gente usa há mais de 35 anos; que a gente consome dessa água lá. E a gente luta muito pela preservação lá.

Claro que a responsabilidade tem que ser dividida, como foi falado. Vamos colocar aqui 50% para cada poder público e 50% pra população. Mas se é pouco, se também muitos entulhos são jogados e a gente não tem os órgãos hoje, competente pra fiscalizar e tem se acabado esse manancial e algumas situações sobre o meio ambiente, será que não tem um plano para trabalhar dentro das comunidade? Como a prevenção, uma orientação dentro da comunidade? Criar um núcleo de uma comunidade, para tentar trazer essa importância de cuidar do manancial, de cuidar do solo, porque a gente vê a discussão e ela é muito importante. Mas essa discussão ela tem que estar dentro dos bairros, porque a gente está aqui buscando informação e buscando conhecimento, mas é importante um núcleo dentro das comunidade, porque vem de dentro das comunidades.

Todas essas tragédias, todos esses problemas relacionados a lixo, isso tudo acontece dentro das comunidades, mas a gente não vê um trabalho específico dentro das comunidades. Eu tenho que ser orientado pelo menos 50% de responsabilidade e orientado sobre o lixo, orientado, sobre a manancial, sobre as encostas, como NUDEC tem feito com a gente lá.

É só que está faltando algo aí. Tá faltando ter mais trabalho dentro das comunidade para que possa todos se conscientizar desse problema que está se agravando a cada dia que passa. Foi falado do clima. Eu vi a reportagem ontem dizendo que Petrópolis começou a se preocupar com o calor, com o sistema de aquecimento, porque o comércio de ar condicionado começou a crescer em Petrópolis. A pessoa que mora nós aqui, que mora aqui embaixo, e até lá em cima não se preocupava com o ar condicionado. Hoje o morador está comprando o ar condicionado para colocar em casa. Então, quer dizer, já estamos sentindo o efeito do sistema. Então, se não haver uma prevenção dentro das comunidades, isso vai se agravar a cada dia muito mais. Esse é só um relato.

Mariana Vidal: Duas coisas: um depoimento e depois um segundo momento que eu queria falar. É, como o depoimento é a uns 10 (dez) anos atrás, eu fui convidada pela Associação de Moradores da Rua Manoel Afonso, na Vila Militar e como secretária né, pra fazer continha, e acabou que desenvolvemos um projeto de coleta seletiva. Mas o que foi esse projeto? É um processo. É um processo do homem invisível que o Alexandre falou, porque nós saímos e fomos para a Rua Bingen receber esse lixo, coletado. Isso fez que os moradores que participaram todos, que a gente tivesse que fazer uma reflexão sobre o processo de chegar a diminuir esse material reciclável. O que a gente tem que ver é como que a gente consome, as embalagens, desde a sacolinha que banalizou, mas a gente não leva aquela sacola reciclada. Aquela embalagem do produto que você comprou na loja você pega, devolve a caixa, deixa a indústria resolver o problema. Se a gente for olhar quais são os supermercados. Parece que o Pão de Açúcar é um, que, a embalagem dele; ele tem um processo de reciclagem, de reaproveitamento. Então, todas as embalagens que nós trazemos para casa nós compramos o problema do que vamos entre aspas foi chamado de lixo, desse resíduo sólido.

Então, o processo de se implantar coleta seletiva faz com que a gente arregace a manga. E utilize tudo. Desde a casquinha da laranja, tá? Aquela embalagem da geladeira. Então isso precisa ser feito. Claro, eu não sei nem se vai dar mais tempo, porque como a gente já está falando, o planeta já está aquecido, etc, etc. Mas se a gente tiver que implantar uma coisa dentro da comunidade, tem que arregaçar as mangas. Não adianta a gente falar mal do prefeito, não adianta mais ficar só nisso também. Mas tem que ter a prática de exercitar essa questão da embalagem. Eu vejo como diminuiu na minha casa. Porque eu tenho que pensar como eu vou descartar aquele produto, o que eu vou fazer com ele.

Então esse é o segundo item. Eu queria aproveitar a presença da doutora Denise Tarin, porque junto de todas essas falas aqui, sempre me lembra a Rua Coronel Veiga, que sempre está em todos os jornais, sempre é a única rua que enche, logo faz se milhões de coisas. Mas temos que ter atenção e quem conhece Coronel Veiga, conhece a Petroita, conhece a Escola Jamil Sabará. Pode observar que

dentro do rio tem uma construção antiga, não sei de que ano, muito sólida que ela está exatamente comendo metade do rio, então ali alaga e vai alagar, porque ali não é uma casinha, não é um casebre. Ninguém tem coragem de dizer, de tirar aquela construção e aquela construção. Você pode olhar em frente. O Colégio Jamil Sabrá é uma construção sólida e extensa porque é mercado, é casa, é bairro, é padaria. Mas ela está dentro do meio do rio e ela é de pedra. Ela não vai ser derrubada tão cedo, então ali vai alagar sempre. Então e são esses dois detalhes. Obrigada e parabéns a todos aqui.

Érica Ramos: Olá, meu nome é Erika, eu sou agente comunitário de saúde do Independência. Puxando um gancho da fala do nosso amigo, eu acho que um material que precisa ter atenção são os entulhos. Quando eu precisei, quando eu passei por uma experiência é muito, foi muito burocrático. Eu liguei para um local Comdep. Ai tinha a quantidade de material que eu tinha que comprar: sacos e ensacar e mesmo assim acho que era uma lata por saco. Então, foi muito burocrático. Então, a gente vê que, a quantidade era muito abaixo do que eu precisava retirar, esse dia era agendado e tudo mais. Então, assim, meio que não adiantaria, seria pouco, não me atenderia né, vamos colocar assim. Então a gente vê que aí é mais fácil para o morador, para a população, jogar lá da caçamba não tem fiscalização mesmo, né?

Então que é um problema, é que eu acho que tem que dar uma atenção e estudar um fluxo que consiga resolver, solucionar o morador, a vida do morador. Sem que ele atrapalhe o meio ambiente.

Mariana Vidal: Com relação ao que você acabou de falar, durante dez anos, o que aconteceu no nosso bairro? Quem fiscaliza somos nós. Eu, sou a fiscalizadora, entendeu, de um pedaço da calçada da minha rua. Levou 11 anos e hoje eu vi a Comdep botar uma câmera lá para o cara não jogar o entulho. Levou 11 anos, porque, pedi jardim, pedi cerca, pedi não sei o quê. Toda hora falando: - Tira, o senhor acabou de limpar, mas o morador colocou, entendeu? Hoje tinha uma câmera. Não sei se vão roubar a câmera, mas esse é um processo que somos nós.

Viviane Japiassu Viana: Juntando aí o que vocês colocaram. A questão que eu falei que a prefeitura é responsável, que a Comdep pela legislação, a prefeitura que tem que resolver a questão resíduos, e aí ela pode fazer concessão. Então a Comdep, que é aqui, ela é municipal? Ela é empresa da prefeitura, do município, que cuida disso agora, a responsabilidade deles, e dentro desses serviços, que tem que ser prestado de coleta, a frequência é um dos critérios que a gente tem que respeitar. Então, se tem que passar segunda, não está passando segunda vamos na Ouvidoria, começa a ligar, registrar essas reclamações, porque pelo menos vai gerando evidências aí para poder cobrar, porque a gente, enquanto população, às vezes dá para fazer isso.

Então a gente às vezes fica insatisfeito, reclama, mas não gera nenhum registro dessas reclamações. E quando eles começarem a ver isso se acumular lá, vai ter que lidar de alguma maneira, porque entrando um monte de reclamação, eles sabem que vão ficar expostos nesse sentido, isso também gera números pra que aquela empresa, aquele órgão que tem que resolver um monte de problema numa cidade inteira, saiba onde é que o problema é mais recorrente ou incomoda mais pessoas.

Isso acaba virando uma prioridade, não é? E isso é importante. Ele sabe o que é, é irritante, mas é importante gerar isso para registro pra prefeitura, inclusive saber onde é que o problema é recorrente.

Quando a gente fala aqui, ele está falando aqui o Amilton, da preservação do gelo, da água, dessa fonte de água que vocês usam ali, da mina, isso é fundamental, e os órgãos públicos também tem responsabilidade com relação a isso. Eu acho que quando você fala da população se juntar, e ela também falou sobre isso, é importante em alguns lugares eles têm feito, têm sido criados, até o governo do Estado criou agora, em alguns pontos, uns programas de guardiões do meio ambiente ou Guardiões dos rios. E aí vamos aproveitar os espaços que já existem organizados.

Então já tem um NUDEC estabelecido na sua comunidade, como existe essa relação direta da questão da água e do lixo e dos resíduos, vamos ver se a gente não consegue dentro do NUDEC, criar um movimento ou um grupo para ajudar a cuidar disso, porque ali já tem pessoas mobilizadas que estão trabalhando em prol da comunidade; de repente é mais um tema que a gente consegue mobilizar, formar os jovens que já tem, as crianças já tem esse potencial, aí já ficam atentos também, de repente, atuar em criar uma rotina, mutirões com a população, os que estão interessados de ir lá, de vez em quando, recolhe esse material e faz o que ela disse, leva para uma praça, para um lugar que dá visibilidade, para que as pessoas comecem a ver que isso existem, porque o que está escondido lá, ninguém percebe, né?

Então, existem essas articulações que a gente pode ir pensando em fazer. É problemático, a gente sabe, mas a gente tem que tentar dar visibilidade para o problema e aproveitar a mobilização que já existe, dentro do tema, mostrando para quem está mobilizado no NUDEC, que essa é uma questão que também pode competir ao NUDEC trabalhar junto com a Secretaria de Meio Ambiente.

A gente tem aqui em Petrópolis, tem CEFET, tem outras instituições de ensino, que às vezes tem projeto de extensão, um projeto de pesquisa que pode trazer também para dar visibilidade e ajudar, às vezes até conseguir recurso nos editais para poder estruturar alguma coisa. É fazer esse movimento, mas identificar o problema é a primeira parte. Identificar que é um problema, que não incomoda só a sua calçada, não incomoda só você, não só a senhora, incomoda todo mundo e a gente conseguindo identificar que é um problema coletivo, a gente ganha aí mais fôlego para mobilizar as pessoas em prol disso tudo.

Não existe uma receita secreta. Não é fácil nada disso que a gente está conversando aqui, mas começa por isso, por a gente se indignar, identificar, se indignar e se mobilizar pra começar um movimento. E pode ter certeza que quando começa a dar visibilidade, as outras coisas chegam, vocês fazem um movimento. Esse exemplo aí, Guardiões do Rio, Guardiões do Ambiente Comunitário, da visibilidade e a imprensa vem. Aí, às vezes alguns órgãos que não estavam interessados ficam bem interessados. A gente provoca aí, é uma atenção voltada e junto com isso pode vir recursos e apoio. Acho que eu falei isso no início.

Bruno César: Muito obrigado pela contribuição professora e todos que deixaram uma mensagem, um questionamento. Antes da gente prosseguir para nossa próxima atração, que vai ser uma atração cultural, só um rápido informe, tá havendo uma exposição aqui fora e eles apenas estão expondo. A pessoa que tiver interesse em comprar alguma coisa pode pegar o contato depois com os expositores, e fazer o processo de comercialização após o evento aqui dentro. Essa comercialização não está acontecendo aqui. É apenas a exposição, mas quem tiver interesse depois é só entrar em contato com eles que estão ali fora. Obrigado.

Bom, dando prosseguimento então teremos agora uma apresentação artística do MC Valter.

MC da Sorte: Oi! Primeiramente uma ótima tarde a todos presente. Boa tarde ou bom dia, ainda que eu estou meio fora de rota ainda. Deus abençoe a todos que estão presentes aqui. Beleza, deixar aqui um bom dia aos amigos que estava compondo a mesa aqui. Dar um bom dia também a diretora local escola aqui, que cedeu o espaço pra gente. A nossa amiga aí, a Dona Lili e todos os líderes da comunidade Vila Rica, aquele abraço aí, do amigo. Agradecer a galera da saúde local e todas as galeras da saúde aí presente. O nosso amigo e presidente Hélio Fernandes, presidente Associação do Alto Independência está representando a comunidade também, o nosso amigo da Oswaldo Cruz, presente aí também. Mais alguém? Eu quero deixar um alô especial aqui para Dona Marina, obrigada, minha empresária tá bom gente, quem quiser contratar fala com a dona Marina. A Norma tá beleza. Senhor Félix, tá bom? Os amigos da saúde aí, todo o pessoal presente. Eu não posso deixar de deixar um abraço especial. Com todo respeito a todos os meus amigos aí da Theobald. Alô Hugo, toda rapaziada aí. Acelera Dudu, meu amigo Jean, Rafael, os amigos aqui da sonorização. Se eu esqueci alguém, me desculpa que a emoção é muito forte, tá beleza, está presente.

Alô, alô, Mayara, alô Thais? Todos os amigos presentes, meus empresários estão todos aí obrigada hein, fazer o pix. O amigo do Amazonas, olha aí, estamos juntos. Tá beleza? Tá preparado? Vamos fazer um pouquinho de barulho? Acordar essa comunidade bonita aí? Alô, um abraço aí! Alô doutor está presente, é meu psicólogo. Toda vez que eu tô carente, desabafo pelo Dr. Cássio, amigo gente boa, Tamo junto Cássio.

Valeu, hein! E aí, amo que vamo! Marcelo, nosso guia turístico, tá beleza? Alô, Vila Rica! Vamos reciclar? Cadê o barulho da comunidade, do pessoal presente? Hoje é dia de festa e de alegria, tá beleza? É mais ou menos assim, oh ...

Vamos reciclar !! Oi! Vamos reciclar lugar de lixo e no lixo, no chão nunca será!
Então vamos reciclar, oi reciclar, do meio ambiente eu só quero o puro o ar!
Então vamos reciclar, oi, vamos reciclar, lugar de lixo é no lixo, no chão nunca será!
Então vamos reciclar, oi, vamos reciclar, do meio ambiente eu só quero o puro ar!
Latinha, papelão, plástico, garrafa pet, lugar de lixo é no lixo, o meio ambiente agradece! Seja em casa, na escola, no trabalho ou no lazer, todo dia é dia, é dia de aprender!
Essa é a nossa mensagem, a toda a sociedade, lixo, reciclagem, ciência e comunidade. Então vamos reciclar, oi, vamos reciclar no lugar de lixo é no lixo, no chão nunca será!
Então vamos reciclar, oi, vamos reciclar do meio ambiente, eu só quero o puro ar!
Latinha, papelão, plástico ou garrafa pet do meio ambiente, a gente agradece!
Seja em casa, na escola, no trabalho, no lazer, todo dia é dia, é dia de aprender!
Essa é a nossa mensagem, a toda a sociedade, do lixo, reciclagem, ciência e comunidade!
Então vamos reciclar, oi, vamos reciclar lugar de lixo é no lixo, no chão nunca será!
Então vamos reciclar, oi, vamos reciclar do meio ambiente só queremos puro ar!

Segura ai DJ, quero mandar um alô pro pessoal do coral que tá presente e meu professor de música. Parabéns! O pessoal do coral vai estar presente ai, tá bom? Violino, parabéns o doutor aqui também presente para o pessoal da palestra, tá bom? Minha amiga do Independência está aqui agora em Vila Rica. Minha amiga do Independência que está na Posse. Um abraço pro Brejal, pra todos os amigos da Posse, tá bom? Agradecer o carinho de todos.

Não sei se dá tempo, não sei como que funciona o esquema aqui, tá bom? Então só deixar agradecimento a todos. Obrigado, carinho e bom evento pra todos que hoje a Mayara falou que vai até a meia noite hein, tá beleza?

[Aplausos]

Oi, o pedido da comunidade é uma ordem, tá bom gente? Agradecer o carinho de todos. Obrigado pelo carinho, pela presença, pela preferência. Valéria, todas liberadas, a amiga da saúde, tamo junto hein, tá bom? Oi, esse meu DJ! Alô Dudu, acelera Dudu! Essa rapaziada da Theobald aí, oh, só rapaziada boa, pra quem não conhece, é a tropa lá da Serracap tá gente, no final vão tá sorteando uma

moto e um carro aí tá bom? Tá beleza? Galera lá do Serracap. Aí quando eu tô na comunidade, tem que cantar música de comunidade, certo? O tema do evento já foi dito e tal, vamos brincar um pouquinho?

Eu só quero ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci!
E poder me orgulhar e ter a consciência o pobre tem seu lugar!
Mas eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci!
É, e poder me olhar e ter a consciência o pobre tem seu lugar!
Era só mais um Silva, a estrela não brilha, ele era fanqueiro, mas era pai de família!
Era só mais um Silva, que a estrela não brilha, ele era fanqueiro, mas era pai de família!
É que eu moro na Estrada da Posse o nosso amor é lindo, Eu só quero você!
É que eu moro na Estrada da Posse, eu vou dizer pra todo mundo que amo você!
Tá bonito? Vamos assim então, oh!
Vou mandar um papo reto!
Essa aqui é minha rima!
Eu quero mandar um alô pra galera do Vila Rica!
Oi se liga no meu papo, vou mandando a verdade!
O tema aqui de hoje é o lixo e reciclagem!
Um abraço pra geral que está aqui presente!
Nem melhor e nem pior, são apenas diferente!
Esse povo é bacana, é um povo de luz.
Eu quero mandar um abraço pra galera do Oswaldo Cruz!
Oi, vai se liga nesse papo demorou preste atenção!
Essa rima é maneiro e não é brinquedo não!
Mas se liga na minha rima, eu sou MC da sorte!
Um alô pro Independência Amazonas e pra Posse!
Se liga no meu papo, todo mundo tá feliz!
Um alô para todos, a região Petrópolis!
As menias tá me olhando, demorou, tá na moral!
Daqui a pouco, aqui na frente, a galera do coral!
Oi, se liga na minha rima, demorou preste atenção!
Quem tá gostando do show bate na palma da mão!
Vai! Aqui na palma da mão. Ói bate na palma da mão, oi bate na palma da mão!
Alguém tem Jesus no coração? Ói, bate na palma da mão, bate na palma da mão!
Ói, bate na palma da mão, quem tem Jesus no coração!
E pra finalizar, na moral, na disciplina!
Eu agradeço a Thaís, não me esqueço da Marina!
Vai, se liga no meu som, minha rima é na hora!
Um alô pra empresária, eu não esqueço da Norma!
Tenho fé que sangue bom, demoro essa parada.
Um abraço pra geral, não esqueço da Mayara!
Valeu gente! Parabéns pra todos, pra todos.

Bruno César: É isso, agora que o MC Valter levantou a galera, vamos então pra nossa próxima apresentação, nossa próxima palestra. Gostaria convidar aqui agora Cibele Vieira para falar sobre gestão de lixo orgânico. Cibele Vieira possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis. Doutorado pela Universidade Politécnica da Catalunha e atua como professora de Urbanismo na PUC do Rio Grande do Sul desde 2012.

Cibele Vieira Figueira (Pontifícia Universidade Católica – PUCRS)
Apresentação: Páginas 113 a 137

Bom, quero agradecer muito o convite e parabenizar os organizadores, dizer que pra mim é um aprendizado também estar aqui, e saber que a gente tem que falar sobre conscientização, mas também tem que trazer animação.

Me convidaram aqui pra gente falar sobre a gestão do lixo orgânico é esse é um tema que eu tenho me vinculado bastante. Eu acho que é um potencial muito grande que a gente tem como cidadão. Eu queria que a gente pensar um pouquinho, por que a gente está aqui discutindo isso. Por que esses assuntos todos? Muito, muito, né?

Mas esse muito, é meio quilo, 1(um) quilo, 2 (dois) quilos, que tu acha que é? Ah, mais de 5 (cinco) quilos. Então, essa conscientização, ela é muito importante pra gente começar a pensar, né? Eu vou depois trazer os dados pra vocês, mas é bom a gente começar a se questionar, até porque a gente tem que fazer essa ideia de que tudo está interligado, né?

Porque não é só o lixo, eu posso pensar. Mas hoje eu levantei, eu só fui no banheiro, só fiz um bolinho e fiquei fazendo a minha hortinha de casa. Não gerei muito lixo, mas a gente tem o banheiro gerado ali, o resíduo do banheiro, a gente tem o resíduo da farinha, que tem o papel, que tem a produção dessa farinha. Tudo isso está entrando nessa conta.

Quando eu faço a poda, bom, eu tenho um resto das podas também. Tudo isso está gerando o lixo. Então é um problema mais complexo e é bem importante a gente pensar na questão do lixo, porque ele é aquela ponta aparente que vai nos mostrar o quanto tudo está interligado e que essa discussão, ela é importante porque ela tem a ver com o desequilíbrio ecológico que a gente está vivendo.

E quando a gente fala em desequilíbrio ecológico, geralmente a gente pensa no desequilíbrio ambiental, mas ele é econômico e ele é social também. Se a coleta não chega na minha casa, como chega lá no centro da cidade, isso também é esse desequilíbrio econômico e social que a gente está vivendo. Pode passar.

E eu acho que a pandemia veio nos ensinar isso. O mosquito da dengue também vem nos ensinar isso. Eu moro no centro de Porto Alegre, tive dengue. Por que? Porque o mosquito está fazendo o giro aí nas nossas cidades. Pode passar.

A gente também começa a visualizar cada vez mais na TV aquilo que os filmes futuristas mostravam; aqueles grandes incêndios, aquelas cidades mais avermelhadas, mais desérticas. A gente está vivenciando isso. Isso começa a ser um panorama do desastre ecológico, que não é tão ecológico assim. Ele também é potencializado e criado pelas nossas ações. Pode passar.

Eu acho também que às vezes a gente fala de aquecimento global e isso parece um discurso. E eu gosto muito de trazer imagens. Aqui no gráfico, era o aquecimento global há séculos atrás e como ele subiu e como ele está hoje em dia. Então, não é um discurso, é uma realidade que vem sendo calculada,

percebida. Pode passar.

E a gente tem que pensar então sobre isso, a questão da nossa pegada no planeta. É a pegada no sentido de aquilo que eu retiro ou que eu deixo de lixo no planeta, acaba se revertendo pra nós também. Acaba sendo parte do nosso, não tem planeta pra jogar fora, a gente não tem um outro planeta, não tem esse plano B, o que a gente está jogando é que dentro da nossa casa, a gente tem que começar cada vez mais entender, essa ideia de nossa casa dentro do planeta. Pode passar.

Aqui. É só um demonstrativo também, que hoje em dia a gente tem métricas que vem pensando sobre essa questão da pegada e qual é a capacidade da Terra. Pela quantidade de terra e água que a gente tem, a gente poderia ter uma pegada ecológica de 1,8 hectares. Porque quando se fala em pegada ecológica, tá se pensando o que cada pessoa precisa tanto pra botar o seu lixo fora, mas também aquilo que ela precisa produzir ou o espaço que ocupa a sua casa. Então, essa é uma métrica que se estabeleceu, que a Terra poderia, pelo número de habitantes que nós temos, tem uma capacidade de 1,8 hectare para cada pessoa. Só no Brasil a gente está acima dos 2,6. E se a gente quisesse viver como aquele modelo norte americano, a gente estaria nos quatro. Então isso também tem uma mensagem de mudança de pensamento e de consumo e de desperdício dentro do planeta Terra. Então a gente tem que mudar o que é o nosso desejo dentro da nossa convivência, nesse bem comum que é o planeta Terra. Pode passar.

Aqui, se alguém quiser testar, existe um site lá que vocês podem botar a minha pegada no planeta e ele calcula lá na internet, é bem, é bem legal. Aqui é um gráfico também, só pra mostrar que hoje em dia existe o dia do esgotamento da terra, que é como cada país está se comportando. Então só pra vocês terem uma ideia, com toda a exuberância que o Brasil tem em toda a produção, e na nossa maneira de viver o nosso planeta, pensando num ano inteiro, a gente quando chega em agosto acabou. É como se fosse um salário no final do mês, mas em agosto acabou e a gente já entra no negativo, a gente está gastando mais do que deveria. E vamos pensar que muitas vezes, quanto mais rico é um país, ainda maior é esse gasto. E eles [estão] acabando antes. Eu acho que somente a Colômbia chega até outubro aqui na América Latina, então a gente tem que repensar muito a nossa maneira de viver dentro do planeta. Pode passar.

Tanto que hoje em dia até se fala da era do Antropoceno, que é a era em que o homem já conseguiu começar a afetar diretamente o planeta. Então é uma era que se considera que, o que a gente faz já está alterando o planeta. E essa alteração não é o urso polar que está sem alimento, que está cada vez com menos neve. Já é as chuvas aqui, já é os deslizamentos que a gente está sofrendo e todas as questões ambientais que vão nos afetar.

Então, dentro das nossas cidades, pode passar.

E eu gosto muito da cidade, como esse cenário do desequilíbrio ambiental, porque a gente é a ponta que também vai sentir onde as catástrofes vão ser maiores, aonde os nossos erros acabam refletindo. Então, por mais que a gente veio construindo essa sociedade segmentada, cada um no seu nicho, os desastres ambientais, e aí eu estou incluindo desde vírus até os desastres naturais. Eles estão aqui para nos mostrar que isso tudo está interligado e que a gente, todos vão acabar sendo afetados de alguma maneira. E isso é um tema muito importante. Pode passar.

E aí eu, eu digo que a gente tem que olhar, tem muita gente fazendo trabalhos que vão falar dessa mudança comportamental geral. Não é só a maneira, aquilo que eu desperdiço, mas até como eu me alimento, com o que eu me alimento, aonde que eu compro e quantas embalagens tem naquilo que eu estou consumindo.

Esse consumismo que a gente também tem da nossa sociedade, que muitas vezes ele vem a ser simbólico, como um símbolo de prazer, um símbolo de representação, de poder. Ele tem trazido feridas para a nossa sociedade e para o nosso meio ambiente. Pode passar.

E cada vez eu acho que essa conexão, ela pede uma maior conexão da gente, não só nossa como como seres humanos, mas também nossas com as nossas raízes mais naturais. A gente entender os ciclos. A natureza não gera lixo, a planta ou a fruta caída da árvore, ela fica ali, ela se decompõe, ela é absorvida. Então, assim, a natureza não nos ensinou o conceito de lixo. Quem inventou o lixo é o ser humano. Esse é um conceito humano, a geração de lixo. Isso tem a ver com as nossas tecnologias de produção de químicos que vão gerar plásticos, que vão gerar outros elementos que não tem uma decomposição fácil pelo planeta Terra.

Por isso que também se fala muito que a gente está vivendo a era dos resíduos e aí tem um número que é muito interessante. Nos últimos 100 anos, a população do planeta, mais ou menos quadruplicou. Só o que cada um de nós produz de lixo triplicou. Então vocês imaginem a quantidade de lixo que a gente vem produzindo aí a partir dessas questões. Pode passar.

Então o lixo é essa invenção humana. Pode passar.

E aí, é bem interessante a gente pensar também que grande parte do lixo que a gente produz tá aqui. Já os outros palestrantes falaram: mais de 50% do lixo que a gente produz, é orgânico. Então, se a gente soubesse como destinar ele melhor, a gente já teria 50% do problema resolvido. A gente tem mais de 30% que são recicláveis, que são os plásticos, os vidros, o Tetra Pak, esses teriam capacidade. Então, assim, o problema dos nossos lixões deveria ser 20 % no máximo do que ele é. Pode passar.

Eu estava falando de comportamento. Aquela ali uma matéria que saiu na Folha de São Paulo, que mostrava que as cidades; é a menor produtora de lixo, é o lixo urbano. Se a gente parar pra pensar o lixo que a gente produz, mas o agronegócio e as indústrias são os maiores produtores. Mas aí eu pergunto: eles produzem pra quem? É o que a gente vai acabar comendo, ou também, no caso dos grandes negócios, muitas vezes exportando. Então, isso também são perguntas que a gente tem que se fazer: quais são os nossos planos de futuro pra que a gente tenha uma geração, que não afete a nossa população? É muito bom o Brasil ser exportador, mas vamos pensar que consequências tem isso daqui e aqui. Pode passar.

Aqui é pra responder um pouquinho pra vocês. Eu trouxe aqui o gráfico que mais ou menos uma pessoa produz um quilo de média, e aí uma notícia. Quanto maior é uma metrópole, maior é uma cidade, mais lixo se produz por pessoa. Porque daí a gente já vai ter mais perto de casa o mercadinho que embala, que isso, que aquilo que aquele outro. Nas cidades menores a gente tem mais contato com a feira, tem maior proximidade entre os vizinhos e tudo isso é melhor gestionado. Talvez até porque a nossa sensibilidade em comunidades menores ela é maior. Pode passar.

Uma notícia interessante é que a gente tem aí o marco legal que veio botar prazo até a gente não ter mais lixões e sim aterro sanitário. Mas como eu estava falando pra vocês, não é questão de substi-

tuir o lixão pelo aterro sanitário, se não que a gente conseguir levar o mínimo pra esses aterros. Pode passar.

Bom, vou chegar no tema que tinha me pedido, que é o lixo orgânico. O que é o lixo orgânico?

Lixo orgânico é tudo o que tem uma decomposição natural; então é tudo que vem de origem vegetal ou animal, mas isso são ainda resíduos muito diferentes no seu processo de decomposição e nos seus impactos que podem gerar a própria decomposição desses elementos na nossa saúde. E é sobre isso que eu queria falar um pouquinho então hoje. Pode passar.

Os orgânicos a gente pode pensar que a reciclagem deles não é só a compostagem, como geralmente a gente pensa. Eles também podem virar energia. E eles também podem, principalmente os de origem animais, virar alimento animal também, as rações, por exemplo. E é importante a gente saber disso, porque a nível industrial a gente tem um impacto grande gerado aí, principalmente pelo agronegócio. Pode passar.

Quis trazer aqui, por exemplo, lá no Sul a gente tem muita produção de arroz. Vocês já pararam pra pensar que o arroz, tão bonitinho ali pequeninho, a casca dele é quase maior do que o próprio produto que ele gera? Então, nas grandes produções de arroz, a casca do arroz é um grande problema, porque não tem como decompor toda aquela quantidade, fazer uma compostagem ecológica disso. Então, cada vez mais vem se desenvolvendo processos de queima dessa casca de arroz para produzir energia. E o homem, ele é fantástico, né? Porque ele vai buscando sempre soluções mais aprimoradas, porque ainda tinha o resto dessa queima que hoje em dia se consegue transformar em silício também. Então só pra a gente ver que se a gente bota a nossa força, a nossa energia, a nossa pesquisa, a gente tem como realmente reverter esses processos. Pode passar.

Por exemplo, os grandes aviários ou a produção de carne no Brasil, até mesmo de exportação, que ela é muito grande. Imaginem os restos tanto de água de lavagem, quanto os restos do que se corta que não é aproveitado. Isso daí também as grandes indústrias vêm sendo cobradas e hoje em dia elas se transformam em ração animal. A ração do nosso pet lá, que todo mundo agora tem, tem o seu cachorro, seu gato. Então isso é uma maneira de transformar. Pode passar.

A compostagem está muito mais ligada à questão do plantio, aos restos dos plantios. E é sobre isso que eu quero conversar, então mais com vocês hoje, porque o nosso tema aqui é compostagem. Pode passar.

Então a gente viu ali que a compostagem industrial vem avançando e vem sendo cobrada politicamente. As empresas hoje em dia têm que cumprir os ISOs, as certificações, então elas vêm sendo cobradas. Mas no residencial a gente está engatinhando muito nesse sentido e a gente precisa aprender mais. Então vamos conversar um pouquinho sobre o residencial.

O lixo orgânico residencial, ele é um grande problema também, porque se a gente não sabe como utilizar ele vai nos causar maiores problemas. Antes uma senhora estava falando aqui da questão dos cachorros, do lixo que fica ali. Se a gente pensasse desses orgânicos a parte toda vegetal, ela não fosse misturada, a gente já conseguiria compostar. Se a gente fizesse uma boa gestão dos resíduos sólidos, como plásticos e papel, esse não tem problema esperar quatro dias para ser recolhido.

Então o grande problema está no lixo orgânico animal. Mas se a gente parar pra pensar com o preço que está caro, cada vez mais a gente aproveita até o osso. Então assim é muito pequena essa geração desse resíduo animal que a gente acaba tendo, que é o grande problema. Pode passar.

Então eu vou falar mesmo com vocês a questão da compostagem. Quero sensibilizar para que a gente entenda a compostagem. Por que? Porque eu acho que uma das questões que vem se falando e promovendo nas comunidades é a gente aprender a fazer essa compostagem comunitária, que eu acredito, que eu acho muito interessante, mas eu acho que ela é muito fácil da gente errar coletivamente e

se desanimar coletivamente também.

Então eu acredito que a gente tem que fazer o processo individual, sabe? Como a criança que aprende a correr pra depois brincar no pátio. A gente, tem que fazer esse tipo de exercício também, então aprender o que é a compostagem. Pode passar.

A gente tem visto que São Paulo tem sido bastante líder nesse sentido de buscar fazer compostagens; há grande escalas ligadas, há grandes restaurantes, como pode ser os restaurantes das universidades, por exemplo, de grandes empresas, ou restos de supermercado, fazer essa compostagem orgânica.

Então a gente pode pensar que se a gente vai se educando individualmente, isso tem um potencial enorme. Pode passar o próximo também.

Hoje em dia tem o projeto "Ligue os Pontos" em São Paulo, que vem até toda uma reunião, desde o consumidor até o produtor, para fazer uma compostagem limpa desses sólidos orgânicos.

Mas não é fácil mudar, né? É aquela brincadeira assim quem quer mudar, quem acredita que a gente deve mudar? Todo mundo. Quem vai mudar amanhã na sua casa? Vou começar na segunda, né? Vamos ver! Vou adiar! Ou se não, eu falo, não sensibilizo lá meu marido.

E a compostagem orgânica, ela é muito sensível; a gente tem que pensar que a gente está criando ali um meio, que é sensível àquilo que é misturado nele. Pode passar.

Então, pra esse futuro desejado, ele exige de nós conscientização, que a gente pense então e aprenda. Para tudo na vida a gente tem que ter compromisso, né? Vai criar um filho, tem que ter compromisso, quer fazer um curso, tem que se comprometer, com a compostagem é a mesma coisa, senão ela vai dar errado. Se não eu vou achar que não é pra mim, se não ela vai gerar cheiro, vai gerar bicho. E como disse o colega, eu não quero nenhuma parceria com barata e rato. Não, não, não, não, não é esse o fim dessa compostagem. Então, quanto mais corretamente, quanto melhor eu fizer, eu não tenho esse risco. Pode passar.

É a compostagem residencial, ela pode ser uma experiência muito legal, pode ser até terapêutica, pra que a gente se conecte com os processos naturais, que a gente observe aquilo que a gente alimenta, como a gente se alimenta. Pode passar.

E aprenda um pouco e eu e eu, eu sou, eu não, eu tenho. Eu tenho uma composteira doméstica em casa, eu moro em apartamento, não sou fã de minhoca. Mas eu aprendi a ser fã pelo trabalho que ela vai fazer quando ela vai gerar lá o composto orgânico. E eu vi que as minhas plantas de casa mudaram muito a partir desse composto gerado. Então isso me ensinou a mágica dessa transformação, e até a pandemia foi uma salvação pra mim, foi uma terapia toda essa parte da reciclagem, inclusive porque eu comecei pequeninho e a minha família produzia mais lixo orgânico que eu imaginava. Eu cuidava até dos ovinhos, das minhocas. Eu não sabia no início que minhoca botava ovo, mas daí eu li que cada ovinho de minhoca tem cinco minhocas novas. Então eu comecei a cuidar até do ovo da minhoca, que tinha lá, quando eu tirava o material da composteira.

Para quem mora em casa, isso tudo é muito mais fácil, né? Mas eu acho que o processo também da compostagem artificial, essa feita nas caixas, ela é muito interessante para a gente aprender o processo. Pode passar.

E a vantagem que a gente tem. Em vez de ficar discutindo política ou olhando a foto da vizinha passear na internet, tem muita ajuda de grupos. Eu estou nesse grupo aí, "Minhocas na cabeça".

Então é assim: a gente quer fazer uma composteira e começar a aprender mais sobre isso. Não tem pergunta que eu tenha feito, que eu não tenha achado um vídeo. E se não tem, acho que a pessoa vai lá e ela resolve fazer o tal do vídeo e postar. Então tem muita informação disponível. Esse não é um tema que vocês vão esgotar aqui. Esse aqui tem a minha intenção é ser uma provocação para que vocês realmente se aprofundem e busquem informação sobre essa questão. Pode passar.

E aí a primeira coisa é a gente entender o que é ótimo, o que é bom e o que é muito ruim para as minhocas.

Quando a gente tá falando de compostagem de orgânicos e essa compostagem é residencial, a gente quer que ela seja feita realmente pela minhoca. A gente não quer que atraia mosca, não quer que atraia barata, não quer que atraia vermes. Então isso vai fazer com que eu comece a ter a sensibilidade de pensar também na minha alimentação mais natural possível. Ai o que eu posso compostar?

Bom, eu posso com praticamente todos os vegetais. Isso não quer dizer que não tenha truque. Por exemplo, a banana, a banana já na fruteira, ela já gera mosca, né? Imagina na composteira. Então botei em vídeo o que eu faço com a casca da banana na compostagem.

Bota no freezer a casca da banana e isso mata os ovinhos das moscas, e depois tu bota na composteira, quando tá esse calorão a minhoca agradece. É que nem botar um ar condicionado ali pra elas e não tem custo nenhum a mais. A gente já tem o freezer em casa mesmo, né? Então o que eu não devo colocar de jeito nenhum? Nada que tenha origem animal a nem as fezes do meu cachorro, tá?

Então bom, eu crio uma vaca. Eu isso vai ser bom. Ele herbívoro come só vegetais. Está ok. Agora nada que tenha relação com carnes, com elementos que possam gerar aí, complicações da minha compostagem, tá?

A borra de café pode. Isso também é legal, por exemplo, os ovos, desde que eu tenho composteira, eu já não compro mais em caixa de plástico, só compro na feira. Naquele pacote de papelão que aquele papelão até me serve da parte seca que ajuda na compostagem.

Porque a gente vai aprender que a compostagem ela também tem o seu microclima, que tem que ser criado, não pode ter muita umidade, por exemplo. A gente elimina até mesmo os bichinhos indesejáveis, principalmente ali da mosca, só tendo uma matéria seca que ele não se sente legal e acaba então sendo mais fácil de compostar.

Então aqui o processo de uma composteira só pra mostrar. Ela vai tendo um resíduo que a gente está colocando, o resíduo que fica descansando para as minhocas terem tempo para trabalhar e lá no final ela gera já não chorume, senão um biofertilizante.

Olha que nome chique, porque é porque realmente é um composto que eu até digo no princípio a minha mãe que falava porque eu chegava todo mundo na minha casa e eu pegava o composto e esse dizia cheira e ela com muito vai dar o cheiro do lixo para as pessoas, tem cheirinho de terra fresca, gente.

Se a gente faz a compostagem certinha, ai que é algo que eu gosto dessa sensibilização que me trouxe a compostagem é essa de caixas que a gente vê que quando a gente composta o que está correto que a gente gera é só benefício para o planeta, porque esse composto ele é muito bom para as plantas, ele se decompõe, não vai contaminar e nem os aquíferos subterrâneos que a gente tem.

O problema do composto sempre e quando ele se mistura com outras coisas, se misturou com uma pilha, aquele líquido, ele já virou um outro químico que vai alterar totalmente o ...

E aí eu queria saber, só pra conhecer com quem que eu estou falando? Quem aqui já composta ou tentou compostar? Nós podemos ser mais, né? Mas é isso, é isso, principalmente nas escolas, é muito legal porque vai educando também, mas é uma experiência muito interessante.

Aqui está a minha composteira, aqui está a minha caixa do meio e a caixa de cima. A caixa de cima, ela sempre é uma surpresa quando a gente abre, porque às vezes tem um pé de abacateiro, tomateiro tem muito, batata doce nasce belamente também. Então até pra quem gosta de plantas de cultivar, ali já sai a semente daquilo que pode ser plantado.

Na minha caixa, me saiu até cogumelos. Eu não comi, porque eu fiquei com medo, que eu não sabia se eram comestíveis ou não, mas sempre tem essas gratas surpresas assim. E é lindo porque um mês depois a caixa parada, ela realmente vira um composto aí que pode ser muito bem aproveitado. Pode passar.

E então aqui, só pra ressaltar para vocês, eu trouxe as duas definições: O que é o chorume e o que é o biofertilizante. Pode passar até que ele tem uma fotinho na sequência.

Então o chorume é quando a matéria orgânica acaba se misturando com outros compostos químicos, e acaba sendo aquilo que, principalmente quando se mistura com restos de animais, fica aquele cheiro que a gente costuma perceber do lixo. Isso é uma má gestão, podem ter certeza, que esse cheiro é muito forte, produzido em excesso na casa de vocês. É uma má gestão dos orgânicos que a gente está fazendo.

Eu aqui também tinha uma foto só pra vocês verem que esse composto ele é tão forte, ele é tipo um super-energizante, que a gente pra usar nas nossas plantas a gente tem que dissolver ele por dez por um copinho. São dez copos de água pra poder aproveitar pra botar nas plantas. Mas orquídeas, alface, várias plantas se beneficiam muito desse composto que tem cheirinho de terra.

Isso a gente só consegue, claro, captar na composteira artificial, na composteira de caixa. Na compostagem normal, na de quem tem uma residência que vai ali fazer o buraco, botar e botar sempre a matéria seca para não gerar bichos, isso daí vai naturalmente nutrir a terra de vocês.

E aí aquela casa que tu vai e o jardim dela é tão bonito, porque será? Porque essa terra está muito bem nutrida. Pode passar.

E eu digo que isso tudo daqui é essa experiência de aprendizado. Eu já passei por situações, de daqui a pouco tá cheio de larvinhas ali na minha composteira, mas que não eram larvas, eram... Eu não lembro agora de gato, eu acho que se chama, que é o larvinha da mosca. E aí eu vi o quanto ela era prejudicial pra minhoca, porque onde está a larva da mosca? Ela é maior, mas se desenvolve mais rapidamente. A minhoca acaba retraindo, retrai até a população. Então isso me sensibilizou. Questão da banana na geladeira, no freezer, a gente começa a ficar mais sensível.

Não é tudo que a gente pode botar na composteira. Então, por exemplo, tudo o que é muito ácido, a minhoca, ela é sensível, então não pode limão, não pode a laranja, não pode a cebola, não pode o alho, tá? Isso não quer dizer que isso não seja orgânico, os vegetais, e que não exista alternativas, porque existe. Pode passar.

Eu acho que tem uma imagem até da compostagem sem minhocas. Ela é uma compostagem que também tem vídeo na internet que a gente pode promover nas caixas. Ela só exige mais matéria seca: excesso de serragem, que muitas vezes a gente consegue até gratuito numa marcenaria, os restos das podas das plantas seca, cortar grama, o resto da grama, das folhas secas, eu uso muito a caixa dos

ovos.

Então, tudo isso tem que estar mais mesclado em camadas menores ali, mas tem como ir fazendo também essa compostagem sem a minhoca. Pode passar.

E aqui, eu enumerei até cinco motivos de porqué compostar. É como a compostagem tem essa ligação com o natural, quando gente consegue fazer comunitariamente. Eu acho que ela tem muita interação também de colaboração da gente, ter essa conscientização de trabalhar em conjunto. Ela sempre acaba nos vinculando a uma horta orgânica, até mesmo por esses frutos que ela dá.

Então, eu acho que ela é um processo inicial de de formação, que ela é muito legal. Mas eu vou dizer pra vocês o que é mais interessante pra mim, o que foi mais interessante pra mim, é a conscientização do que eu como. Porque daí a gente começa a olhar assim: bom, ser saudável pra minhoca também é pra mim. E eu diria, principalmente quando faz um calor como está fazendo aqui o lixo orgânico, ele não deve ficar na pia da minha casa muito mais do que três dias pra não começar a criar bichinhos. Então eu tenho que pra mim virou uma métrica.

Se a minha família não produz, não enche uma latinha ali de de cinco litros em três dias, é porque a gente está comendo mal. A gente tem que gerar orgânico! Então, e é incrível como isso vai sendo um ciclo de conscientização também.

Às vezes eu brincava com meus filhos: "nós temos que a lata! Não tem salgadinho, não tem chocolate, nós vamos ter que comer maçã, mas frutas em geral, pra poder encher aqui. Eu preciso levar lá para as minhocas, né? Então tem essa ligação também com o que a gente come, eu acho ela é muito importante. Pode passar.

Então aqui até pra gente fazer esse ciclo e daí tem toda uma conscientização que a própria gestão da minhoca me trouxe. A gente pode então se desligar um pouco dos ultraprocessados e se ligar mais a alimentação mais natural como algo muito importante, nossas vidas. Pode passar.

Começar a achar bonita as cores das frutas e não das balas e outras que não são tão saudáveis. Pode passar.

E aqui eu trouxe alguns dados assim que vamos falar então desse crescimento populacional que a gente tem, e do quanto a gente precisa dessa conscientização de trabalhar conjuntamente. De achar temas comuns que nos unam pra gente fazer construção comunitária. Acho que a gente carece muito disso em todos os níveis, certo? E de forma geral, é isso, agradecer esse espaço aqui, dizer que esse é um projeto que eu conheci agora, mas fiquei admirando.

Bruno César: Obrigado professora, pela contribuição. Em função do avançar da hora, a gente já está se aproximando com horário de almoço. Eu vou abrir essa rodada de perguntas pra três intervenções ou comentários. E eu peço encarecidamente que a gente tem que ser mais objetivo possível nesses encaminhamentos. Obrigado. Vamos lá então, vamos na ordem que ela levantou.

Mariana Vidal: Oi, você estava falando da compostagem, aquela coisa toda que o material que a gente coloca. A casca do ovo mesmo. A gente pode fazer uma compostagem dela, ela pode ser misturada com esses, esses resíduos todos?

Rosemar Camargo (Catadora de Lixo): Bom dia, meu nome é Rosemar e eu já faço esse trabalho de formiguinha né, pequenininho. Só que eu tenho muita dificuldade é o arroz e o feijão, a sobra do arroz e feijão. Eu acho que é um eu que me barra, essa compostagem maior, que poderia acabar apanhando de outros vizinhos também. Só que aí vem um arroz com feijão, com macarrão e assim eu como muito mal por não fazer mais por essa questão.

Axel Silva: A minha dúvida não é a respeito da compostagem, mas também é lixo orgânico. Eu tenho um gato e aí ele vai lá, faz suas necessidades na caixa de areia e eu queria saber qual é o descarte mais adequado pra esse tipo de material. Mistura com a areia ali também né, não é só o orgânico.

Sônia Regina Ameal: Eu fui funcionária pública durante 20 e poucos anos, então no primeiro mandato do doutor Rubens, que é o atual prefeito, ele fez com a gente, que eu era merendeira, depois passamos para cozinheiro. Então ele fez tanta reciclagem, tanto reaproveitar os alimentos, as cascas, né? Então eu acho que isso a gente tinha que voltar a ter de novo no poder público, não só para as pessoas que trabalhavam ali, mas umas coisas, comunidade que também para aprender a fazer, a reaproveitar os alimentos, as casca e também fazer essas ciclagem dos lixo também que nós aprendemos isso tudo no curso que nós fizemos.

Cibele Vieira Figueira: Bom, não quero esquecer de ninguém, são todas dúvidas que eu também tive, então assim até eu brinco. Na minha casa a gente é meio lagarto porque, eu como ovo, meus filhos como eu, ovo todo dia. Dizem que é ótimo para saúde. A casca do ovo que eu faço, eu deixo ela dentro da pia, pra quando eu lavar uma louça ela ficar limpa, deixa ela dentro de um baldinho dentro da pia e depois eu boto ela pra secar na minha janela e depois que ela já está sequinha, eu boto dentro do saco plástico e dou uma pisada, faz bem pra cabeça, né?

Aí, aí, é isso, eu posso ir misturando como matéria seca também na composteira. Então ela é perfeita pra compostagem. Por que eu faço isso de esmagar ela? Ela vai ficar mais pozinho porque a minhoca ela não é forte, então eu ajudo, digamos, a minhoca a ter um composto um pouquinho menor pra ela poder fazer o trabalho dela.

A questão dos alimentos cozidos eu vou falar em geral, tá? Vamos pensar que a prefeitura, ela [gera] o lixo dos orgânicos dela, certo? E eu acho que esse a gente tem que direcionar aí, é que é onde vai conseguir se fazer.

Então a compostagem dos orgânicos mais complexos de uma maneira melhor, porque o feijão vai ter fermentação, vai vir outros elementos que vão prejudicar também as minhocas.

Então não recomendo alimentos cozidos e a gente mesmo pensar em comer os crus, né? Então, muitas vezes a gente cozinha como abobrinha e outros legumes, que é bom cru também, também é bom, mas provém saladas, fica maravilhoso. Então, assim o alimento cozido ele não é legal. As verduras cozidas até podem ser postas na composteira, mas arroz, feijão, restos de carne, nada de estes elementos.

Sobre a questão dos gatos, a mesma resposta, o que para ela é a melhor direcionamento é a gente enviar realmente para a coleta de resíduos orgânicos da prefeitura que vai conseguir fazer então o direcionamento correto para esses elementos.

Eu sei que dá pena. Eu tenho gatos também, produz bastante, mas como eu estava falando, se tu tivesse uma vaca não tinha problema. Você podia botar na compostagem, mas o gato acaba comendo a ração que é animal e aí isso não é legal na composteira, tá?

E sobre a tua questão, eu acho que processos como esse em que a gente consegue chegar em mais gente, eles são muito importantes. Isso não exime nada o poder público de até, eu acho que a gente eu vejo lá em Porto Alegre, a gente teve uma evolução assim. Eu lembro de caminhar pela cidade, ter todo um processo educativo das várias cores de lixeira, e isso foi se reduzindo a uma lixeira só, orgânica, que eu acho que poucas vezes é respeitada. Tem muito trabalho.

Eu comecei falando que a gente está engatinhando nessa questão dos resíduos sólidos, principalmente. E é, e a gente tem que avançar na área e os passos são esses, a gente discutir as coisas certas, né gente? A gente vem discutindo tanta bobagem. Então agradeço muito a presença de vocês, de terem me escutado. E é um prazer está aqui.

Bruno César: Agradecendo novamente a contribuição da professora Cibele e das demais contribuições às mesas. Eu sei que está complicado, mas vamos tentar não nos dispensarmos, porque haverá agora a apresentação da orquestra do Palácio Itaboraí. Eu gostaria de dar uma ênfase aqui, porque nós temos uma aluna da orquestra que é moradora aqui de Vila Rica, que é a Maria Fernanda. Então, por favor!

Celso Franzen Júnior (Maestro – OCPIT)**:** Boa tarde a todos, meu nome é Celso Franzen, regente da orquestra. Nós somos a Orquestra de Câmara do Palácio Itaboraí.

Nós selecionamos alguns trechos de obras maiores que nós estamos fazendo. A primeira vai ser a Sarabanda, o segundo movimento da suíte aquática de Handel. A segunda vai ser um trecho das danças folclóricas romenas do compositor húngaro Béla Bartók. E por último, a gente vai fazer último movimento das três peças brasileiras Sandra Mohr.

Apresentação da Orquestra de Câmara Palácio Itaboraí.

Celso Franzen Júnio: Então nós vamos fazer o primeiro movimento da suíte aquática de Haendel, o Prelúdio.

Apresentação da Orquestra de Câmara Palácio Itaboraí.

Bruno César: Bom pessoal, depois da apresentação da Orquestra gostaria de passar alguns informes em relação ao almoço. As atividades de recreação estão acontecendo lá fora, elas serão interrompidas para esse momento de almoço, então nós solicitamos gentilmente que o responsáveis pelas crianças as acompanhem durante esse período de almoço.

Quem tiver interesse de observar todo o levantamento em relação à percepção dos moradores.

Um breve informe antes da gente iniciar com a próxima atração aqui do nosso encontro. As pessoas que tiverem interesse na inscrição para Orquestra de Câmara do Palácio Itaboraí, a Nina está aqui do lado, vai passar aqui o recado. Obrigado.

Nina Mayer (Coordenadora Executiva – OCPIT)**:** Pessoal, boa tarde. Eu sou a Nina, eu sou da equipe da orquestra, que tocou aqui antes do almoço, e resolvi essa fala porque algumas pessoas me procuraram. A gente empresta o instrumento, todo o material deles durante o curso e durante três anos eles têm aula de instrumento, aula individual de instrumento, aula de teoria musical e os ensaios orquestrais.

E nós fazemos muitas apresentações ao longo do ano nas escolas públicas, nesse tipo de evento e outros espaços culturais da cidade de Petrópolis e do Rio de Janeiro. Então, quem tiver interesse ou souber de algum jovem que tem interesse em aprender música, pode entrar em contato com a gente, a gente vai fazer a seleção agora no começo de março. Pode ser através do site do Palácio Itaboraí ou do Fórum Itaboraí, que é forumitaborai.com.br ou pelo nosso telefone, nosso zap. Enquanto vocês faziam as inscrições para a jornada tiveram acesso a esse número; podem mandar uma mensagem lá, que vocês terão todas as informações.

E pessoal, tanto da associação de moradores, eu vou entrar em contato com as associações de moradores que estão aqui.

Quanto às equipes de saúde da família que ajudem também nos grupos de WhatsApp dos moradores, porque às vezes não é o seu filho ou seu sobrinho, mas é algum filho de algum vizinho que vai ter esse conhecimento, vai nos procurar e vai ser nosso aluno. Então eu vou procurar o contato de vocês para que vocês repliquem essas informações.

Muito obrigada! Boa tarde, boa tarde de trabalho para todos.

Bruno César: Bom, então vamos lá agora. Teremos então agora a apresentação do Teatro do Oprimido, utilizando a técnica de Teatro Fórum e o título: "O nosso Lixo de cada dia". Eu vou passar então a palavra para a professora de teatro do Fórum Itaboraí, Thaís Paiva.

Thaís Paiva (Coordenadora do Núcleo do Teatro do Oprimido do Fórum Itaboraí)**:** Boa tarde a todas e todos. Guardem os aplausos para os artistas. Meu nome é Thaís. A gente está aqui hoje para apresentar a peça de Teatro Fórum e eu peguei a palavra antes rapidinho só pra explicar o que é Teatro Fórum, porque vocês irão participar.

Eu estou vendo aqui várias pessoas que já participaram da primeira, da segunda jornada, já entraram em cena e já estão bem dentro do que é. Mas eu vou falar rapidinho para quem nunca viu uma cena de teatro fórum, tem alguém aqui que nunca viu o Teatro de Fórum?

Beleza, eu vou falar com vocês. Então galera, a peça de Teatro Fórum, uma técnica do Teatro do Oprimido, vai apresentar algum problema que incomoda. Esse problema sempre é relativo ao grupo que montou aquela peça.

Então não é uma peça pronta. A gente fez ela para esse evento, pra jornada. Vocês vão ver que tem tudo a ver com o que já foi falado nas outras mesas, mas é a partir da vida das pessoas, a partir do que a gente vive, do que a gente sente, desse tema do lixo nas nossas vidas, como ele nos toca, como ele incomoda e principalmente, o que a gente quer que mude.

Mas a mudança não vai estar na cena, a mudança vai vir de vocês. A gente vai apresentar como a gente vê o problema e vai chamar vocês pra solucionar esse problema com a gente. Como? Vocês vão entrar na cena e dar uma proposta para mudar essa situação, se é que vocês se incomodam com ela também. Pode ser?

Vocês topam? E vocês aí, que não conheciam? Vocês topam tentar? Então preste bastante atenção, porque vocês entraram em cena, daqui a pouco. Vocês têm que prestar atenção nos personagens, nos lugares. O que você faria diferente? Já vai pensando, Beleza?
Então vou chamar aqui, antes da apresentação do teatro, a Lili, que vai ler um poema que vai abrir peça "O nosso lixo de cada dia".

Lilian Regina Marcilio Nogueira: – Boa tarde a todos.

Tecendo a Vida – Poema

Em Vila Rica a vida é diversa, floresce. Rica não é só no nome, mas nos corações de quem a tece.
Belos vales abraçam a montanha, recortes de rochas abençoadas.
Cercada de pêlo verde onde a vida dança a cada folha.
Gente talentosa, pintores, artistas, artesãos tecendo sonhos.

Música que pulsa, hip hop andando nos caminhos.
Adolescentes e jovens desbravam horizontes.
Crianças, sorrisos de esperança, inocência que encanta.
Idosos, guardiões da memória, sábios que tecem o passado.
Mulheres de luta, pilares da comunidade, força sem igual.
Povo vindo de diversas terras de Petrópolis, desbravam o caminho.
Em cada esquina uma história, em cada olhar, um universo.
Vila Rica tem essência, é feita de cada rosto, de cada verso.
Na teia da vida, somos todos fios entrelaçados e unidos.
Em Vila Rica a comunidade vive forte, resiliente e é infinita.

Foi escrita pela Marina Rodrigues de Jesus.

Thaís Paiva: Pessoal, como aqui a acústica se dissipa, eu vou pedir a atenção de vocês para conseguir escutar o teatro que vai ser feito sem microfone.

Apresentação do grupo de Teatro do Oprimido.

Isaque Santa Rosa, o pai, está varrendo o quintal de casa.

Lara – Grupo de Jovens do Vila Rica: Pai, tem lixo reciclado?

Isaque Santa Rosa - Pai: Oi filha, isso aqui eu jogo tudo fora!

Lara – Grupo de Jovens do Vila Rica: Não tem nenhum reciclável?

Isaque Santa Rosa – Pai: Reciclável? Não tem isso aqui não. Agora olha, na rua se você olhar tem um monte de reciclável na rua toda. Vai lá dá uma olhada.

Lara – Grupo de Jovens do Vila Rica: Tá bom, né.

Lara se senta na calçada da rua. Maria Antonia passa despejando um monte de lixo no chão.

Lara – Grupo de Jovens do Vila Rica: Que horror, hein!

Maria Antonia – Grupo de Jovens do Vila Rica: Que horror? Tá incomodada? Se tiver, eu jogo em cima de você.

Lara – Grupo de Jovens do Vila Rica: Claro que tô! Nossa Senhora!!

Lara vai embora. Maria Antonia cai no lixo enquanto gravava um vídeo dançando na rua e se machuca. Chega um grupo de jovens e ajuda a levantá-la.

Pedro Henrique – Grupo de Jovens do Vila Rica: Você está bem?

Lara – Grupo de Jovens do Vila Rica: Lógico que tô bem!

Gabriela – Grupo de Jovens do Vila Rica: Tem certeza?

Lara – Grupo de Jovens do Vila Rica: Absoluta. O que que vocês estão fazendo aqui?

*O grupo de jovens respondem ao mesmo tempo para Lara***:** Viemos te ajudar!

Lara – Grupo de Jovens do Vila Rica: Tenho certeza que não é pra isso! Vocês estão aqui por pontos na escola, não é?

Gabriela – Grupo de Jovens do Vila Rica: A gente não está precisando de ponto não querida, a gente veio te ajudar. Olha isso aqui? Você mora no mesmo bairro que a gente.

Lara – Grupo de Jovens do Vila Rica: Não quer dizer que eu tenho que limpar.

Os jovens começam a discutir com a Lara.

Maria Fernanda – Grupo de Jovens do Vila Rica: Vamos parar com isso! Todo mundo já viu que isso não vai dar em nada. Vamos falar para ela o que a gente veio fazer.

Sophia – Grupo de Jovens do Vila Rica: A gente quer saber se você quer ir com a gente nas casas, recolher óleo usado e recicláveis. Você quer ir com a gente?

Lara – Grupo de Jovens do Vila Rica: Não estou nem um pouco interessada. É perda de tempo. Vocês estão precisando de ponto na escola e eu não to precisando de nenhum ponto.

Marina – Dona Ceci: Graça!! Oh, Gracinha!! Vamos colocar o lixo pra fora porque hoje o lixeiro vai passar. Aproveita e avisa a Dedé, ela acabou de passar aí na rua.

Maria das Graças – Dona Gracinha: Dona Dedée!!

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Oi? Quem me chama?

Maria das Graças – Dona Gracinha: Vai tirar o lixo porque o lixeiro vai passar.

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: O quê?

Maria das Graças – Dona Gracinha: O lixeiro já vai passar.

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Dessa vez não vou esquecer.

Maria das Graças – Dona Gracinha: Não pode esquecer, e não jogar nada na rua.

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Não, não vou não. Não vou esquecer. Não posso esquecer do lixo.

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Dona Ceci!! – *Os estudantes gritam.*

Marina – Dona Ceci: Nossa Senhora!! Gente de onde vocês saíram?

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Da escola!

Marina – Dona Ceci: Menina, não era pra você estar em casa?

Gabriela – Grupo de Jovens do Vila Rica: Não!

Marina – Dona Ceci: Olha lá, que vou falar com a sua mãe, que você tem andado muito na rua, hein?

Gabriela – Grupo de Jovens do Vila Rica: Fofoqueira!!

Marina – Dona Ceci: alem logo que quero terminar meu crochê. O que vocês querem de mim?

Estudante 3 – Grupo de Jovens do Vila Rica: Queremos o lixo reciclado, óleo usado.

Marina – Dona Ceci: Mas pra que vocês querem isso?

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Pra um trabalho da escola!

Marina – Dona Ceci: Tá, mas o que eu posso fazer?

Larissa – Grupo de Jovens do Vila Rica: Pode juntar óleo usado e guardar em uma garrafa PET.

Marina – Dona Ceci: Mas gente, aqui em casa eu não guardo garrafa pet não. Vai tudo pro lixo. Lixo dentro da minha casa eu não admito.

Estudante 3 – Grupo de Jovens do Vila Rica: A senhora descarta o óleo que usa em casa em algum recipiente? Garrafa pet ...

Marina – Dona Ceci: Mas aqui em casa eu não guardo garrafa pet não. Vai tudo pro lixo. Onde vou guardar esse óleo aí?

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Dentro da garrafa pet!

Marina – Dona Ceci: Tá, se eu achar eu junto o lixo. Mas aqui em casa a gente não come gordura.

Estudante 2 – Grupo de Jovens do Vila Rica: Olha que fitness!

Marina – Dona Ceci: A gente tenta né, vai chegando a idade... Mas olha, vão com Deus e eu vou juntar, mês que vem vocês vêm aqui. E você mocinha... *(apontando pra Gabriela)* trata de voltar pra sua casa, tá? Tchau!!

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Obrigada, tchau!

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Dona Graciiinha!

Maria das Graças – Dona Gracinha: O que que foi? Vocês são chatos, hein?!

Estudantes 2– Grupo de Jovens do Vila Rica: Não somos chatos, a gente ama você! Por gentileza, a senhora tem garrafa pet?

Maria das Graças – Dona Gracinha: Tenho sim, vou lá buscar. Toma!

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Muito obrigado! Beijos

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Dona Dedéee!

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Quanto grito! Quem me chama? Ué, tudo de uniforme! Vocês estão vindo da escola?

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Sim!

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: O que vocês querem comigo?

Lara - Grupo de Jovens do Vila Rica: A gente quer saber se a senhora tem óleo usado.

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Óleo usado?

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Sim!

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Eu jogo meu óleos tudo na pia! Tudo na pia.

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Não pode!

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Jogo tudo fora! Eu não sabia, mas o que se faz com esse óleo em casa?

Estudante 2 – Grupo de Jovens do Vila Rica: A gente recicla, pra fazer sabão.

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Sabão? Dá pra fazer sabão com óleo? Eu não sabia!

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Dá!

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Eu não sabia!

Luiz Henrique – Grupo de Jovens do Vila Rica: Agora a senhora já está sabendo!

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: É da escola esse projeto? Como é que é? É um projeto de quê?

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Na escola, ué!

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Mas por quê? Eu quero saber o por quê!

Gabriela – Grupo de Jovens do Vila Rica: A Escola está fazendo um trabalho de quanto mais saco com lixo reciclado a gente levar, mais ponto a gente ganha.

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Mas a escola de vocês fica cheia de lixo?

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Não!!

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Depois alguém vem recolher, é isso?

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Sim!!

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Olha, gostei! Não vou jogar mais meu óleo na pia, inclusive entope, né? Não vou jogar mais! Mas eu vou bem onde colocar? Num plástico? Num recipiente?

Lara – Grupo de Jovens do Vila Rica: Pode, mas se a senhora tiver garrafa pet é melhor.

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Tá bom!! Não vou jogar mais na pia. Muito obrigada!

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: De nada!

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Tchau crianças!

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: Tchau!

Lilian Regina Nogueira – Coletora do lixo: Gente, o que que é isso? Hoje no dia da minha coleta e

esse chão cheio de lixo. Não vou pegar de jeito nenhum. Isso que tá na rua eu não vou pegar não. É impressionante, olha só, ali eu não vou pegar não porque não é serviço meu mas vou avisar a vocês uma coisa.

O nosso lugar é lindo, a comunidade é muito bonita, mas o lixo mal direcionado pode trazer muitas doenças, deslizamentos, alagamentos, a dengue através dos vetores que a gente sabe. Então eu fico pensando, vamos guardar sempre assim?

Marina – Dona Ceci: A gente vai guardar!

Lilian Regina Nogueira – Coletora do lixo: Oh, tô levando embora o lixo que tava ali. Não quero mais pegar essa rua assim, hein?! Tchau!

Dona Ceci e Dona Gracinha: Tá bom!!

A sacola arrebenta e a coletora só leva o lixo que está dentro da sacola que está inteira.

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Ah, não acredito! O lixeiro já passou? E agora? Esqueci de novo. Dona Gracinha me avisou! Aí, meu Deus, a caçamba está tão longe! E eu tenho problema na minha coluna. Eu vou deixar por aqui, eu acho que ninguém vai ver. Não vou lá embaixo não, não aguento.

Marina – Dona Ceci (*para Gracinha)***:** Que que eu te falei?

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica Oi, Dona Dedé!

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Aí, o que que foi? Eu sabia que ela não ia chegar lá.

Gabriela – Grupo de Jovens do Vila Rica: A gente viu a senhora largando o lixo ali?

Andrea Viana Machado da Silva – Dona Dedé: Vocês viram? Que vergonha! Sabe o que é? A caçamba que tinha aqui pertinho, tacaram fogo. A minha intenção não era essa, mas estou com muita dor. Mas como vocês chegaram, aí vocês podem me ajudar. Vocês são jovens, bonitos e fortes.

Estudantes – Grupo de Jovens do Vila Rica: A gente pode te ajudar. Quando for assim a senhora pode procurar a gente.

Marina – Dona Ceci: Estou vigiando Dedé daqui, oh! Eu sabia que ela não ia conseguir.

Laura – Agente de endemia: Meu Deus, quanto lixo no chão hein?! Gente, isso não pode acontecer não! Que coisa horrível, muito lixo! Qual o nome da senhora mesmo? Tudo bem com você

Marina – Dona Ceci: Dona Ceci! Tudo bem.

Laura – Agente de endemias: E a senhora, tudo bem? Qual seu nome mesmo?

Maria das Graças – Dona Gracinha: Gracinha

Laura – Agente de endemias: Então, essa situação desse lixo aí na rua... como é que pode um negócio desse, minha filha?

Marina – Dona Ceci: A gente faz a nossa parte né, Graça?

Maria das Graças – Dona Gracinha: Eu faço a minha parte! Minha casa é limpa, pode entrar lá. Minha casa mesma.

Marina – Dona Ceci: A senhora é a moça da dengue né?

Laura – Agente de endemias: Sou eu mesma! Eu estou substituindo a Claudinha.

Marina – Dona Ceci: É?!!

Laura – Agente de endemias: Vocês conheceram a Claudinha?

Marina – Dona Ceci: Ih conheci, aquilo ali me enchia a cabeça.

Laura – Agente de endemias: Mas ela sempre tratou bem as pessoas, todo mundo cadastrado.

Marina – Dona Ceci: Oh moça, vou falar um negócio, né Graça, a gente limpa a nossa casa, a gente acabou de ver aqui do alto agora, a dona Dedé vindo lá do cafundó, não tem lixeira lá. Ela com toda a dificuldade, sai lá de baixo para vir aqui. Ontem o lixeiro não veio.

Laura – Agente de endemias: Não veio?

Marina – Dona Ceci: Não veio! Aí a nossa vizinha avisou que o caminhão ia passar hoje.

Laura – Agente de endemias: Ué o pessoal está surdo? Não estão entendendo a linguagem que não pode jogar o lixo ali?

Marina – Dona Ceci: Não, não é todo o dia, a gente nunca sabe direito que dia que passa o caminhão do lixo.

Laura – Agente de endemias: Mas isso não pode, lixo na rua. Isso aí traz o que? Traz rato, traz mosca, e aí como é que fica? Encontrei uma galera do colégio trabalhando essa questão, o óleo as pessoas jogam na pia, a senhora viu, eles estiveram aqui?

Marina – Dona Ceci: Mas minha filha, o que que o óleo tem haver com a dengue? Gracinha vive reclamando de dor no corpo, acho que tá dengosa.

Laura – Agente de endemias: Mas quem que tá dengosa que bota o lixo jogado na rua, a senhora sabe que numa casca de ovo vem a chuva e acumula água e aí dá o que? Prolifera o mosquito da dengue. Pote de manteiga não pode estar na rua, pratinhos, olha lá, descartáveis... não pode dona Dedé. E a senhora, dona Gracinha? O que que a senhora pode fazer pra ajudar?

Maria das Graças – Dona Gracinha: Eu não posso fazer nada porque minha casa é limpa, tudo limpo.

Laura – Agente de endemias: Então a senhora orienta as vizinhas da senhora? Ou ficam de fofoca aí o dia inteiro.

Maria das Graças – Dona Gracinha: Oriento, mas elas jogam, eu aviso que o caminhão vai passar, mas eles não ouvem ...

Laura – Agente de endemias: Mas você também não ouviu as crianças do colégio que falaram que a questão do óleo, que não pode jogar na pia?

Maria das Graças – Dona Gracinha: Me falaram!

Laura – Agente de endemias: Se jogar na pia ela entope! Então eles estão pedindo o que? Pra não jogar lixo na rua.

Marina – Dona Ceci: Oh Graça, eu falei que o problema é da moça da dengue e é você quem tem que resolver.

Laura – Agente de endemias: Mas não é só eu, o vizinho, o morador tem que contribuir também quem armazena o lixo, não é só nós! O morador também tem que fazer a sua parte, dona Gracinha!

Maria das Graças – Dona Gracinha: Ah, eu não posso fazer nada.

Laura – Agente de endemias: Pelo amor de Deus, dona Gracinha! Não pode, não pode deixar jogar lixo na rua! Olha só, eu vou me embora, espero que a senhora fique bem, limpe sua casa e armazene seu lixo. Quando as crianças voltarem da escola, escute o que eles têm pra dizer porque eles têm informação, tá bom?

Marina – Dona Ceci: Eu vou entrar, mas Gracinha o que você acha disso?

Maria das Graças – Dona Gracinha: Olha é aquilo né, entra ano e sai ano, tudo a mesma coisa, nada muda.

Marina – Dona Ceci: Eu vou entrar, tchau!

Laura – Agente de endemias: Tchau! Vai na paz.

Maria das Graças – Dona Gracinha: Tchau!

Adaptação da Música da Sandra de Sá: Joga fora no lixo

Eh! Cansei já não dá mais
O lixo tá demais
Pra frente não se anda
O rio leva e traz

A paz que vamos ter
Criar mais com você
Eu sei que vai ser luxo
Mas temos que rever

E reciclamos o lixo
Reaproveitamos o lixo
E reduzimos o liiiixo

Thaís Paiva: Pode deixar o lixo ai, vai ter cena ainda, pode deixar. A gente já vai limpar. Quase que eu cai também. Queria perguntar para vocês, o que vocês viram aqui na cena.

Às vezes não deu para escutar muito, mas o que vocês viram e o que conseguiram escutar condiz com a realidade? É assim que acontece? Tem gente de outros bairros aqui também, né? Eu estou vendo todo mundo balançando a cabeça então, então essa aqui não é só no Vila Rica, né? Então todo mundo pode contribuir para mudar isso aqui.

E eu queria saber se vocês acham que essa situação aqui tem solução. Tem? Todo mundo concorda que tem uma solução? Sim? Qual seria solução para esse problema apresentado aqui na cena? Alguém tem uma ideia?

Levanta a mão, que a gente quer ouvir todo mundo, mas não só ouvir, qual o teu nome? Liliane? Você pode vir aqui? Palmas para Liliane. Tá?

Eliana! Eliana qual é a sua ideia? Você viu os personagens que a gente tem aqui, né? Vizinha, que é mais que que apresentou aqui?

Eliana Silva: Os alunos dando um conselho para guardar tudo, não jogar fora não jogar na rua. Porque se cada um guardar seu lixo e botar só no dia do lixeiro, não tem isso aí.

Thaís Paiva: A solução então, a senhora acha que é colocar o lixo no dia do lixeiro?

Eliana Silva: Isso!

Thaís Paiva: A dona Dedé tentou, mas ela não conseguiu colocar. Se quer substituir ela?

Eliana Silva: Tadinha ela tá muito velha.

Thaís Paiva: Mas aí, como é que a gente faz então com as velhas?

Eliana Silva: A gente procura ajudar.

Thaís Paiva: Então você pode entrar nalgum lugar de alguém para ajudar a dona Dedé? Pode? Você vai entrar no lugar de quem?

Eliana Silva: Da dona Dedé!

Thaís Paiva: Mas ela que precisa de ajuda.

Eliana Silva: Eu vou ajudar ela.

Thaís Paiva: Então você pode ser uma vizinha? Pode entrar no lugar da dona Ceci?

Eliana Silva: Posso!

Thaís Paiva: Então tá, sua casa é aqui. Vem dona Dedé! Então com vocês, Eliana e Dona Dedé.

Diálogo muito baixo.

Thaís Paiva: Muito bem! Obrigada Eliana! Vem cá! Vocês conseguiram entender a proposta da Eliana? O que foi que ela propôs? Levando o lixo, não foi só uma coisa que ela falou, fisioterapia. Alguém já pensou que fisioterapia poderia ajudar na questão do lixo? Eliana pensou. Vocês também. Que mais que ela falou? Abaixo assinado. Ela falou: Vamos pedir uma caçamba nova, mas como?

Eliana Silva: No abaixo assinado.

Thaís Paiva: Então queria uma salva de palmas para as soluções da Eliana.

E eu queria propor mais uma intervenção, mas não foi só o problema da caçamba que foi apresentado. Vocês perceberam outro problema? Qual? O físico da dona Dedé, mas no restante da cena outros problemas foram apresentados? Fala Sônia. A adolescente. Qual é o problema da adolescente? Vem cá, palmas para a Sônia.

Já tivemos uma intervenção ali com a idosa. Agora ela quer intervir com a adolescente.

Sônia Regina Ameal: Então, o problema da adolescente, o que é? Os adolescentes, eles querem correr para tudo, mas eles só querem ver o que eles gostam de fazer. Um adolescente odeia, eu tiro lá para a minha casa, porque o meu não carrega o lixo. Eu que sai de manhã para trabalhar, carrega um monte de lixo e não carrega.

Então ela quis se divertir. Aí ela pegou o que ela fez, jogou o lixo pro chão a fora, espalhou mas porque ela não gosta, e geralmente não é só ela, é vários adolescentes que não gostam de carregar o lixo. E para ela, se puder jogar para lá pro meio da rua, eles vão jogar.

Thaís Paiva: Deixa eu te perguntar. Então está falando que a adolescente, a juventude tem sido um problema que só pensa em se divertir. Como que a gente dialoga com a com essa juventude, que você falou que não é só essa menina, que você conhece outros? Como a gente faz para convencer essa juventude, gente? Sônia veio aqui para trazer uma ideia e temos muitos jovens na cena. Você quer tentar? Então vou chamar eles. Venham jovens, venham que a gente vai tentar mudar essa juventude.

Sônia Regina Ameal: O lixo, traz várias doenças, eu sei por experiência própria. E, além disso traz bichos peçonhentos, traz ratos, traz barata, os rato traz a doença. Não é só a leptospirose, porque tem uma febre bubônica também, que é transmitida através da pulga do rato. Então, é essa é fatal, não tem cura, e o lixo que traz isso tudo, e fora as ruas que ficam imunda, a gente vai passar. Tem uma casca de banana, nós vamos escorregar, vamos cair e vamos e podemos quebrar uma perna, um braço.

Então nós, adultos tems uma aversão, vocês são jovens, muitos, não estou falando todos, mas muitos acham que: Ah, o lixo não é para a gente carregar! Quem tem que carregar é os adultos. Nós não temos que carregar lixo.

Mas só que não é isso. Isso é um trabalho de formiguinha. A formiguinha não sai tudo uma atrás da outra, carregando umas folhas, a mesma coisa é as pessoas, tem que começar dos pais, mas com a ajuda dos filhos, para que não tenhamos sujeira pelas ruas. Não tenhamos os bichos peçonhentos. Meu filho foi mordido de escorpião, ele estava mexendo num lugar onde tinha lixo, quando ele colocou a mão, o escorpião veio morder a mão dele. Ele foi pro hospital, não quis ficar, mas graças a Deus não aconteceu muito grave, mas é tudo em relação ao lixo, porque aonde tem lixo, tem sujeira e tem os bicho tantos peçonhentos que tantos que trazem as doenças.

Então nós, o Brasil, o mundo tem que conscientizar que nós não podemos jogar lixo na rua, não podemos jogar lixo nos rios, porque tudo isso causa transtorno para todos, não é só para mim, não é só para vocês.

Nós estamos vendo o exemplo que aconteceu na Baixada agora que morreu. E sabe muitas coisas daquilo que aconteceu? É por causa de lixo nos rios, nas nos bueiros, que aí joga o lixo nos bueiros, os bueiro entope, aí quando tá chuva, como que logo a água vai descer da chuva? Não vai, vai transbordar o rio e vai acontecer as tragédias que aconteceu.

Thaís Paiva: Vou deixar você responder.

Jovem: Mas eu tenho preguiça, eu tenho preguiça, não gosto, ainda mais que eu cheguei atrasada. Então é jogar no lixo e eu não tenho muito o que fazer, mas eu não me senti muito convencida.

Thaís Paiva: Gente, que que a Sônia propôs aqui para a juventude, por que não convenceu? O que vocês acham? Por que não convenceu o dela?

Ana Maria Oliveira da Silva: Ela falou muito do dela, mas não mostrou para eles que o que ela fez aqui, tá errado, entendeu? Tem que mostrar para ela que o que ela fez está errado, não pode fazer, entendeu? O que você ensina pro seu filho é o que você tinha que ensinado para ela, que aí ela não iria ficar com a cara deboche que ela estava para você, e te respondendo.

Thaís Paiva: A jovem estava encenando. Não foi deboche contigo não. Porque a gente combinou, os personagens vão manter a mesma personalidade. Você é uma jovem preguiçosa, vai entrar gente e vai sair gente, você vai continuar preguiçosa. Foi isso que ela fez. Mas nem todos os jovens ficaram. Alguns talvez tenham se balançado, mas a gente tem que pensar estratégias, né?

Sônia deu um primeiro passo que é muito importante de dialogar com a juventude. Às vezes a gente acha que não tem solução. Ah, os jovens já estão perdidos, mas ela não pensou isso. Ela não pensou que a juventude está perdida. Por mais que ela não tenha conseguido. Aqui talvez a gente tem que criar outras formas de dialogar com a juventude, ela tentou.

Então, entra no lugar de uma vizinha aqui, que é então, por isso, pelas tentativas, eu acho que a gente tem que continuar tentando. O teatro do Oprimido é um ensaio para nossa vida, assim como a gente traz aqui cenas que são da nossa vida, as soluções a gente tem que levar para nossa também. Então, se a gente acha que tem uma população idosa no nosso bairro, que precisa de ajuda, ou se somos idosos, vamos atrás dessa população, se gente acha que a juventude está perdida, vamos criar formas de dialogar com a juventude.

Então eu queria uma salva de palmas para a Sônia também.

[Aplausos}

E queria chamar essa juventude e todas as atrizes e atores do Teatro do Oprimido para receberem uma salva palmas. Venham! Venham, venham, venham!

Muito obrigada gente!

[Aplausos]

Adaptação da Música da Sandra de Sá: Joga fora no lixo

Bruno César: Depois desse momento descontraído, mas muito reflexivo, sobre essa questão que a gente vem debatendo ao longo de todo dia, a gente então vai dar prosseguimento nessa programação, convidar aqui para nossa próxima palestra a Jennifer Thaís Santos Fernandes, uma jovem negra, catadora de materiais de recicláveis que desde os 16 anos trabalha na Ascito - Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Itabirito e com grande atuação no Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis. Tá bom? Então recebemos aqui a Jennifer.

Jennifer Thaís Santos Fernandes (Ascito)
Apresentação: Páginas 138 a 141

Oi gente, boa tarde! Depois de um momento desses de descontração, é bom né, pra poder dar uma aliviada no calor, a barriga pesada do almoço. Então vamos conversar um pouquinho. Eu prometo que eu vou tentar ser mais leve possível, apesar do tema não ser tão leve, mas eu vou tentar.

Como já foi dito, eu sou Jennifer Thaís, sou catadora de materiais recicláveis e trabalho numa associação de catadores e catadoras. A minha família veio do lixão. Eu já trabalhei no lixão desde os meus dois anos de idade, então lá realmente eu trabalhava com o lixo, que era tudo misturado, era um lixão a céu aberto.

Até quando a gente teve a oportunidade de acontecer uma mudança na vida da minha família, que a gente foi para o outro município e a gente começou a trabalhar de forma organizada numa associação de catadores.

E é totalmente diferente, porque no lixão não tem banheiro, não tem água é tudo insalubre. Você trabalha no meio do lixo com os urubu, com trator, com máquina, com tudo o que é de perigoso que tem, e lá você tem de competir pelo lixo né, porque todo mundo tá ali querendo tirar para poder levar o sustento para casa.

Então, depois que a gente foi para associação, meio que a nossa realidade mudou, porque aí a gente começou a entender que a gente não estava mais trabalhando com o lixo e a gente estava trabalhando com materiais recicláveis, e que a gente já não era considerado catador de lixo, era considerado os catadores e catadoras de materiais recicláveis.

Em 2002, a CBO a mesma ocupação que institui as profissões o médico, o professor, o pedagogo; ele decretou que nós somos catadores e catadores de materiais recicláveis.

Então, através disso, a gente conseguiu a Lei 12305, que é a Política Nacional de Resíduos Sólidos, todos os direitos que os catadores e as catadoras têm até hoje. Ainda são poucos, mas só veio porque a gente conseguiu firmar que nós éramos catadores.

Então, se a gente tenta mudar a nomenclatura da nossa profissão, a gente não consegue um contrato de prestação de serviço dentro do município, porque a Política Nacional de Resíduos Sólidos prevê contrato de dispensa de licitação para catadores e para catador de lixo, não.

Então, se a gente entra como catador de lixo, a gente vai, vai concorrer com uma empresa privada. Quem vai ganhar o contrato? A empresa privada. A empresa privada ela tem infraestrutura, ela tem caminhão, ela tem mão de obra.

O material dela já vem todo selecionado e os catadores não. Mal mal os catadores têm uma prensa, um vestiário, um banheiro, quando têm, que a maioria das vezes nem isso têm.

Todos os lugares que eu vou, eu gosto de dizer, porque vai mudando de realidade, de município e de estado, mas às vezes, naquele outro município que está um pouco mais afastado, ainda não está tão

dentro da Política Nacional de Resíduos Sólidos. Mas para poder trazer esse conhecimento, até mesmo fortalecer os catadores e as catadoras que estão atuando naquele, naquela região e naquele município, mas que não sabem a força que têm, porque na verdade têm, só que a gente também acaba desacreditando.

Ascito é a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis. Ela foi fundada em agosto de 2002. Ela está em Itabirito, Minas Gerais. Ela começou a coleta seletiva em seis bairros pontuais de Itabirito e começou sendo feito exclusivamente por catadores. Não tinha apoio de prefeitura, não tinha nada. A única coisa que a prefeitura fez foi tirar os catadores, que trabalhavam no lixão, porque a Política Nacional de Resíduos Sólidos, previa que ela tinha que fechar os lixões, apesar que ainda tem lixões abertos e catadores e catadores trabalhando lá dentro.

Mas aí Itabirito deu um passo à frente e fechou um lixão. E ele precisava de fazer a inclusão dos catadores, porque não é só fechar o lixão, tem que incluir todos que estão ali dentro trabalhando, porque ali também é uma fonte de renda. Então a prefeitura tirou os catadores de lá do lixão e colocaram eles no galpão e falou pra eles: Agora vocês se viram! E fechou o lixão.

Ai veio a Fundação Estadual do Meio Ambiente, a FEAM e ficava de cima e eles não podiam trabalhar; então por conta própria eles começaram a fazer coletas em pontos focais, e pouco se falava o que era material reciclado, o que era coleta seletiva ou como separava, e naquela época, em 2002, era um grupo mais de 12 (doze). Era um grupo cansado que estava ali, que não tinha outra fonte de renda, que estava lá no lixão.

Eles não sabiam muito o que fazer. Então, o que a prefeitura trazia para eles, eles aceitavam tranquilo, porque eles pensavam melhor do que nada, porque não imaginava a potência que tinha. Então, a partir disso, a gente, à época os catadores que estavam lá, conheceu o Movimento Nacional dos Catadores, que é isso o que eu represento.

E através do Movimento Nacional dos Catadores, a gente começou a entender, eles começaram a entender o que era as políticas públicas, qual que era a obrigação da Prefeitura, do Estado, do Governo Federal, e eles foram caminhando. Então eles conseguiram manter essa coleta seletiva e conseguiram um bom galpão junto com a empresa. A empresa cedeu o galpão para eles e fez a infraestrutura para eles conseguirem trabalhar, e eles ficaram trabalhando ali por um bom tempo.

Em 2006, a minha mãe foi pra Itabirito. Quando ela foi para Itabirito, ela começou a trabalhar lá pelo fato de eu sempre estar no lixão e trabalhando. Então acaba que, a gestão de resíduos sempre esteve dentro de mim. Ela sempre pulsou forte. Então eu começava a ir pra ver, para ver a minha mãe trabalhando.

Às vezes precisava de descarregar o caminhão. Eu ia ajudar a descarregar o caminhão, mas ainda assim, pro Estatuto da Criança e do Adolescente, eu não podia estar lá. Eu já estava com 16 anos, mas no lixão eu podia estar com dois. Aí como é que é a discrepância, né? Com dois anos você pode estar no lixão, mas você não pode estar dentro de uma organização.

Mesmo assim, eu ia, eu ia, ajudava a descarregar o caminhão. Toda vez que o Movimento Nacional dos Catadores ia fazer uma capacitação, eu dava um jeito de aparecer. Do nada, eles estavam lá fazendo as formações, eu aparecia. Aí começou a me despertar, eu comecei a entender que não era somente aquilo: triar, pegar o material, triar, vender e o que a prefeitura fizer, está feito.

Eu comecei a entender que não foi isso, então comecei a buscar mais. Comecei a buscar, comecei a entender, participar das formações e através do Movimento Nacional que veio as conquistas da Ascito. Pode passar, por favor.

A Ascito atualmente está com 19 associados. Prevê que para ser catador e catadora de materiais recicláveis, tem que ser pessoas físicas; não pode ser empresas, apesar que tem muitas empresas que para ficar livre dos impostos, elas falam que são associações e cooperativas, mas são grandes empresários que está atrás de toda essa máfia. Tirando a oportunidade de quem realmente precisa né? Então, a gente tem hoje esse número de catadores, a gente faz coleta residencial, que é o coleta porta a porta. Depois eu vou tentar fazer um questionamento para vocês a respeito dessa coleta porta a porta, porque eu não sei muito bem, sei que tem coleta, como é que funciona. Eu quero ouvir de vocês.

Tem coleta em grandes geradores. O que é essa coleta em grandes geradores? Supermercados privados, lojas privadas, que aí a gente vai, conversa, fala pra eles sobre a Política Nacional dos Resíduos Sólidos e se o município, uma coisa que a gente sempre traz para eles, que seu município pega o rejeito do produto deles, por que o reciclado eles vão vender ou mandar para fora do município?

Porque o município fica com o ônus e o bônus eles vendem, né? Então a gente começa a questionar isso. Então a gente conseguiu o contrato de prestação de serviços com os geradores, ainda não tem renda remunerado por eles, mas ainda assim a destinação já vai para a gente. E a gente ainda quer ser pago por esse serviço que a gente presta, mas nada da noite pro dia né? É tudo uma construção.

Então a gente também faz gestão de resíduos em eventos. Se tem algum evento, alguma festa privada e quiser contatar a Ascito, a Ascito vai faz a gestão de resíduo, precisa fazer capacitação, faz também. Eles não entendem sobre a gestão de resíduos e depois quer que a gente vai lá e busca. Então a gente já entende porque se a gente foi lá e capacitar eles depois, ainda vai ficar pior para a gente ir lá e buscar, porque a gente vai buscar só o rejeito, a gente não vai pegar material reciclado, né? Então a gente vai, conversa com eles antes pra poder fazer.

E tem a formação para catadores e catadores na questão da gestão de resíduos, para todos os catadores e catadoras que estiverem lá dentro, está apto a não somente na separação dos materiais reciclados. Se chega uma empresa, e, por exemplo, hoje eu estou aqui, se eles estivessem trabalhando, se chegasse alguém lá para poder conversar, não precisaria falar: Olha, a Jennifer não está aqui, não tem como conversar. Todo mundo tem que estar alinhado sobre o que está acontecendo lá dentro e a formação, porque se é um empreendimento, uma associação, todos nós somos donos. Então todos nós temos que ter essa responsabilidade.

E os princípios da economia solidária que não pode faltar. Ninguém é melhor do que ninguém. O que é meu é seu. Nós vamos construir. E se a gente não construir, não fazer, ninguém vai ter. Pode passar, por favor.

A gente trabalha com os impactos socioambientais, que é o que a gente mostra para a prefeitura; que o nosso trabalho ali dentro do município, está tendo eficácia. A gente recupera em torno de 40 toneladas mês, de materiais reciclados, e com isso a gente tem 22 (vinte e dois) milhões de litros de água, que a gente consegue poupar só desse material que a gente tira.

Claro que tem mês que varia, que vai ter mais plástico, mais papel, mais metal. Mas independente disso, a gente tem uma calculadora ambiental que foi feita para os catadores.

Qualquer catador pode usar essa calculadora ambiental, onde a gente consegue mensurar. A gente pode mensurar por mês, ou de seis em seis meses ou uma vez no ano. A gente prefere usar uma vez no ano que a gente pega todos dados para a gente poder alimentar essa calculadora.

E a quantidade de árvores que a gente consegue evitar de ser cortada, 20 milhões. A economia de aterro sanitário, olha, para vocês verem a discrepância: durante um ano, 238 milhões de custo em economia para evitar de aterrar material reciclado.

Com muita insistência e mostrando para eles a Política Nacional de Resíduos Sólidos, hoje a gente tem um contrato de prestação de serviço de R$ 18.000,00. Então você põe ai R$ 18.000,00, olha o tanto que eles estão evitando de gastar dentro do município, que o aterro em Itabirito é um dos melhores aterros que tem em Minas Gerais, é exemplo, só que fruto também da cor da constituição da Ascito, que está lá atuando há 21 anos, vai fazer 22. Hoje, se não tivesse a Ascito, como é que ia ser. Pode passar, por favor.

E a gente faz hoje 100% nos bairros em Itabirito; a coleta se estendeu para toda Itabirito e tem a coleta porta a porta; zona rural também tem, e o mapeamento dos grandes geradores. Aí tem um mapinha ali, que a gente colocou, e essa questão de coleta porta a porta, como é que ela funciona? E uma vez por semana ela vai passar em determinados bairros. Vamos supor: hoje é terça feira, vai passar no bairro da minha casa em mais uns 10, 15 bairros de manhã e à tarde. Hoje tem uma outra associação e a gente intercala a rota, que a gente dividiu em duas áreas: uma semana a Ascito está em uma, outra reciclagem está em outra, e a gente vai trocando. Mas toda a população é atendida própria pela coleta.

Então a gente faz o trabalho de mobilização junto com a prefeitura. Eu até esqueci de trazer um folder para vocês verem a cartilha, que aí a gente já não tem só mais a cartilha de papel, tem a digital também para quem consegue acessar, acompanhar, que a gente tem que mudar as formas de chegar nas pessoas.

Então a gente vai coloca o material reciclado do lado de fora da casa, o caminhão tem horário, por exemplo, que vai passar de manhã no bairro, ele não sabe a hora, ele vai passar de manhã, ele tem de oito até onze horas para passar naquele bairro. De 11 ao meio dia ele tem hora de almoço, quem vai no caminhão e depois ele tem de meio dia até as quatro horas da tarde para fazer a outra parte dos bairros.

Aí um questionamento: Vocês acham que material reciclado se eu juntar na minha casa durante uma semana vai dar mau cheiro? Por que? Pois é, se eu pego um material reciclado, uma caixinha de leite, se eu não lavar ela e colocar ela lá, ela vai dar mau cheiro, ela vai trazer bicho, ela vai trazer rato. Eu não vou conseguir ficar com esse material estocado uma semana na minha casa, ainda mais uma família. Vamos colocar cinco pessoas dentro de casa, não dá para juntar, porque a gente vê muitas, muitas pessoas dizendo, inclusive os grandes geradores, o poder público dizendo que coleta seletiva é gasto, mas não é gasto.

É gasto porque eles não fazem na forma que tem que ser, porque eu sei higienizar o meu resíduo antes de colocar para coleta, bicho não vai rasgar meu saco que vai estar higienizado. Todos os dias, que a pessoa, todas as terças feiras eu saio de casa para trabalhar, a coleta no meu bairro é a tarde e meu material reciclado fica no portão da minha casa e na hora que os meninos, os coletores vão buscar, não mexeu, porque está higienizado.

Então a gente também tem que ter esse hábito de fazer essa separação, de identificar, a partir do momento que eu vou consumir, eu não posso deixar de comer, mas eu posso optar por boas escolhas, porque o mercado ele é cruel, ele quer vender, é o capitalismo.

Mas a gente, enquanto consumidor, a gente tem que saber se aquele produto que eu estou comprando, quando eu terminar de usar, eu vou conseguir dar destino pra ele, porque a responsabilidade, a partir do momento que eu comprei, responsabilidade compartilhada, a responsabilidade é minha, eu tenho que saber onde esse material está indo, porque se ele não está indo pro lugar que ele deveria ser, que se é reciclado, é para a mão de um catador ou de um catadora, é minha responsabilidade.

Então, Itabirito, a gente sempre convida as pessoas. Você sabe onde seu material está indo? Você sabe quando você põe do lado de fora sua casa, ele vai para uma associação. Se ele vai para o aterro,

porque Itabirito não tem catadores individuais, todos os catadores de materiais reciclados, que tem em Itabirito, está inserido dentro de uma das duas associações.

Então, a gente sempre procura fazer essa inclusão, é claro que na pandemia aumentou o número de catadores. O Movimento Nacional dos Catadores tinha feito um levantamento que, antes da pandemia, nós éramos 800.000. A gente praticamente dobrou o valor de catadores por conta da pandemia. Estava todo mundo desempregado, todo mundo precisando fazer alguma coisa e por mais que várias associações e cooperativas precisaram fechar, foi um serviço essencial.

Quando a cooperativa estava fechada, ele estava catando na rua e vendendo para atravessadores, por um preço menor, porque tem pessoas que fazem isso. Elas vão comprar o seu material, mas ele não vai pagar o preço justo pelo seu material. E um dos fatores é de que você não está dentro de uma organização de catadores, porque quando você está sozinho é difícil você caminhar. Mas se você está com o coletivo e está todo mundo pensando junto no que vai fazer, é bom.

Então assim a gente tem que sempre procurar, porque quando a gente pensa que: como que eu vou investir nessa associação de catadores se não tem cinco pessoas trabalhando? Como eu vou justificar que essa renda está indo para os catadores?

Então, é totalmente inviável e a gente não para. Esse ano, nós conseguimos uma aprovação de um auxílio emergencial lá em Itabirito. Como a gente foi os primeiros a pedir, a entrar com projeto de lei, o valor pra gente foi pouco, foi de R$ 500,00 pra cada catador, porque a gente estava na baixa de preços materiais, só caindo, só que, não é nosso projeto de lei, nós fizemos só pensando no desenho da Ascito, na hora que aprovou e disparou para todo mundo e falou: agora você já adapta de acordo com a realidade do seu município. Tem município que aprovou um salário mínimo, tem município que aprovou R$ 300,00, mas a gente passou as informações porque a ideia é essa. O que eu consegui para minha associação, ela não pode ser de exclusividade da minha associação. Ela tem que ser para todos. Não somos todos catadores e catadoras? Porque que para mim vai ser diferente da outra?. Não tem como ser.

E a gente também tem lá em Minas Gerais, um programa chamado Bolsa Reciclagem, que ele é pago pelo Governo Estadual; deveria ser pago de 3 em 3 meses, como compensação dos serviços ambientais que a gente faz.

Só que ele paga uma vez por ano, quando paga né? Sejamos justos, quando ele paga, ele paga uma vez por ano. Mas é luta de muita incidência política, do próprio Movimento Nacional dos Catadores. Quem é o movimento? É eu, se você for catador, o Movimento Nacional dos Catadores é você, é você e todo mundo. Então o movimento conseguiu fazer.

Então agora a gente também está pelejando e lutando, fazendo muita incidência, pra gente conseguir um pagamento por serviços ambientais. Porque a gente também está trabalhando para o Governo Federal e a gente vai receber, a gente quer.

A gente sentar na mesa com qualquer um, se for, não vou estar lá para representar? Pode estar A, pode estar B, pode estar C, vai sentar com os catadores, a gente vai conversar. Porque independente de quem estiver lá, a gente está fazendo um trabalho e quem quer trabalhar e não quer ser reconhecido?

Não quero ser reconhecida de bater palma. Todo mundo trabalha pra receber. Gente, vai trabalhar de graça? Se você trabalha, vou trabalhar por amor. Aí você mora de aluguel, eu moro de aluguel, eu vou lá na dona do meu aluguel e falar assim: Esse mês eu trabalhei por amor, eu vou te pagar por amor também. Ela vai deixar eu morar lá? Não vai!

Então a gente quer ser reconhecido. Então a gente vai sim, não sei quando, mas toda oportunidade que a gente tem, a gente está fazendo essas incidências. É justamente fazendo por conta do "Minha Casa, Minha Vida", que é a metade dos catadores ou mais da metade, não tem lar, a gente não tem renda fixa.

No final do ano, acho que foi em outubro, eu fui pra Curitiba, aí chegou lá o presidente da Caixa Econômica Federal estava lá. Aí ele começou a falar sobre esse novo "Minha Casa, Minha Vida", que ia reformular. Aí ele foi e falou um monte de coisa bonita lá e eu fui, falei pra ele assim: Tá, tudo que você está falando aí eu sei que a tem direito, tudo o que você está falando. Agora, eu quero que você me fala como é que eu vou chegar no meu município e vou falar que eu preciso, que eu quero e que eles vão me dar.

Porque você falar pra gente que é catador fica fácil, você vai falar: Ah, eu já falei para os catadores, mas eu vou chegar lá e falar com município, que aí o município vai querer dar um jeito, porque ficar sem morar eu não posso.

Os outros catadores também não pode. Então aí não resolveu lá, ele disse que ia resolver o que que a gente está fazendo dentro de Minas Gerais. Cada município está montando um foro regional junto com o Ministério Público; o de Itabirito vai inaugurar semana que vem. Quarta feira que vem, é o lançamento do fórum em Itabirito.

Aí a gente vai colocar para sentar, o Ministério Público como o órgão fiscalizador. Ele vai ter que fiscalizar o que que está acontecendo. Ele vai ter que fiscalizar se o contrato é justo, porque pros catadores é de R$ 18.000,00. Para coleta convencional é milhões de reais. A gente não está atuando na mesma área? Ele não faz 100% (cem por cento) de Itabirito, a gente não faz 100% (cem por cento) de Itabirito também? E ele ainda aterra, e a gente não está aterrando. Qual que é a diferença, né? Então, assim, são muitas coisas que eu queria falar para vocês, mas eu acho que essas são as mais essenciais.

E dizer para vocês também que, independente das pessoas dizerem que é difícil montar uma coleta seletiva, mas que nós, enquanto pessoas, somos difíceis de conscientizar. Muitas vezes não é nem por maldade. Eu mesmo já me peguei entrando no supermercado, comprando um iogurte na hora que eu cheguei em casa eu vi que a embalagem não tinha como mexer, eu não podia reciclar ela. Eu fui ver depois, e eu não achei dentro da coleta seletiva. Então muitos produtos que eu já sei eu já não compro, mais esse eu não sabia. Eu comprei a primeira vez e não comprei mais. Então as pessoas pensaram: mas a pessoa não fazer a coleta? Não vai, não vai fazer direito? A prefeitura não vai fazer?

Comecem gente, comecem, porque se a gente tivesse começado a coleta seletiva há 5, 10 anos atrás, em todos os municípios, a gente não estava passando o que a gente está passando hoje com aquecimento global, porque agora não tem como voltar atrás mais. Desculpa! Agora a gente só tem como mitigar, um pouco, não dá!

Então a gente tem que pensar muito e não olhar o do outro. O outro não vai fazer, eu não vou fazer também! Ah, eu vou separar, a prefeitura não vai buscar! Se eu ficar pensando só nisso, eu não vou começar nunca.

Então eu vou começar para chegar na prefeitura e falar com ela: Olha, eu estou fazendo a minha coleta, eu tô separando; você vai dar seu jeito ou você não vai? Se a prefeitura não dá jeito, então a gente vai ter que conversar com o Ministério Público, porque é o Ministério Público tem que resolver, alguém tem que resolver. Passa, por favor

Tem uns mandatos no Instagram da Ascito, porque hoje em dia a gente está usando mais o Instagram: é Ascito Itabirito. Vocês vão ver várias informações, inclusive essas que eu estou passando para vocês; a página do Movimento Nacional dos Catadores no Instagram também. Vocês vão ficar por dentro de tudo o que está acontecendo e recentemente tem até um vídeo lá que a gente colocou, que todos os catadores da base estavam soltando, que a gente começou a vender o papel branco, porque é assim, sobe três centavos num preço, abaixa a sessenta centavos no outro.

O papel branco, a gente estava vendendo a R$ 1,20 o quilo. Aí você imagina quantos quilos de papel branco eu tenho que vender pra poder fazer renda pra 19 famílias? É muito!

O papel branco, ele não caiu, ele despencou. A gente está vendendo papel branco a sessenta centavos o quilo. O papelzinho coloridinho, aquele que não é branco, dez centavos. Dez centavos, é isso mesmo.

Tudo o que a gente tem de informação, a gente não segura não, a gente passa a informação. Se precisar que vem algo ou alguém do movimento, o movimento vem também. Aqui no Rio de Janeiro, eu sei que tem a Claudete e o Custódio, mas se não conseguir localizar eles e falar com alguém: oh, eu sei que vocês estão em Minas, mas eu preciso de alguém do movimento aqui, o movimento vem, o movimento não se opõe.

Inclusive eu sou da Comissão Nacional do Movimento dos Catadores também, nunca me opus de ajudar. Então, tudo o que precisar na questão de coleta seletiva, gestão de resíduos e a gente poder ajudar, a gente está aqui para ajudar vocês, tá? É isso!!

Bruno César: Vou fazer uma abertura de uma rodada de comentários e perguntas para ela; então vou abrir para 4 neste primeiro momento.

Claudia Renata Ramos: Representante do Movimento do Aluguel Social e Moradia de Petrópolis – Jeniffer, parabéns! Olha, para mim, sou militante como você, só de movimento popular, movimento social. Eu estou aqui realizada, já estou aqui, já a menina aqui me segura, quero teu contato, até porque você falou de uma coisa chamada moradia. Moradia para os seus companheiros.

Então conte comigo, tá? Já vou te passar um contato importantíssimo para você chamar para sua reunião. Um contato direto, porque o que a gente não consegue aqui embaixo, que nem você falou, a gente pede a Deus e Deus leva a gente até os mais altos. É esse contato que a gente está tendo aqui, é uma pena que a doutora Denise foi embora porque ela estava passando mal, mas que é do Ministério Público e ai de nós se não tivéssemos uma parceria com ela.

Isso em todas as áreas. Está aqui a Cristina, que é o do NUDEC, vamos dizer assim, representante dos problemas ambientais de Defesa Civil e da luta por moradia.

Tem outras pessoas também que solicitam muito a doutora Denise e é esse caminho que você está traçando e que está certíssimo, certíssimo. Então, conte comigo porque eu tenho também contato com o pessoal das barragens lá do MAB. A gente já vai fazer um trabalho junto agora, em breve também. E então tamo aí, tá? Então quero o seu contato.

Parabéns! E é isso, é uma rede que vai construindo e é muito bonito vê uma menina tão nova, quantos você tem? Quantos anos você tem Jennifer? 20 (vinte) anos! Ah, gente aí! Fechei a tarde de

sábado feliz da vida, uma menina que podia ser minha filha, que meu filho tem 27 anos e tá aí, gente, parabéns! Olha, muito feliz ganhei meu sábado. Parabéns!

Lucia Helena Almeida (Fórum Itaboraí): Boa tarde Jennifer, parabéns, você fez uma excelente fala, muito inspiradora. Eu queria fazer um comentário e também que sugestões que você traria pra gente? Petrópolis é uma cidade que tem uns 300.000 habitantes; eu não sei quantos habitantes tem Itabirito. Ah, 62.000. A gente tem aqui em Petrópolis, uma das cidades daqui do Estado do Rio de Janeiro, em termos de população, que sofre sempre muito com questões de desastres. Conforme falamos, não existe nenhuma cooperativa de catadores, aqui em Petrópolis. E também a coleta seletiva é incipiente; só em alguns bairros do Centro, lá no primeiro distrito; a gente tá num bairro periférico. Então, que sugestões que você traz pras pessoas das comunidades, como que as pessoas podem reivindicar, até mesmo, porque é uma potência, você tava falando agora, uma potência pra gerar renda nas próprias comunidades. Então, que sugestões você traz pra organização em torno de criação de cooperativas e de ampliação de coleta seletiva.

Rosemar Camargo (Catadora): É Jennifer, boa tarde, eu sou Rosemar, sou catadora mas aqui eu me identifico como Agente Ecológica, igual a você e você veio do lixão. Trabalho, entrei no NUDEC-Caxambú; a Prefeitura deu um espaço, foi onde que eu entrei pra mostrar o que eu já fazia há anos que, que nem o professor falou, que a gente é invisível, a gente acaba realmente sendo invisível, e eu me tornei, tive que me tornar visível, que assim a vergonha é muita, o nervosismo, desculpa até pelo modo de falar, que o nervosismo se torna um pouco que é maior e as emoções também.

E nisso igual a você, você veio do lixão, a minha mãe trabalhou na época que o Rubens Bomtempo botou a reciclagem, que tinha uma coisa de reciclagem aqui em Itaipava, na época, e a minha mãe entrou na Comdep nessa época. Minha mãe tem 77 anos e aposentada da Comdep. E nisso eu aprendi, lá atrás, aos 12, 13, 17 anos, e eu fui trabalhando nisso. Nunca tive vergonha, a minha mãe é gari mesmo e tentei até esse ano ser gari também, só que por alguns motivos não consegui.

E foi nesse método, igual você está falando sobre movimentos, igual dentro da minha cidade, que eu conheça e que eu vejo, não temos visibilidade nenhuma e se tem é mínima, porque eu me faço presente. Algumas pessoas me conhecem e eu sempre faço essa colocação em todo lugar que eu vou. Porque realmente eu gostaria dessa visibilidade que você está tendo lá na sua cidade, que eu tivesse na minha e acarretasse um bando de gente que está lá atrás, invisíveis também, entendeu? E assim, gostaria que você viesse nos ensinar, pelo menos se ensinar pra mim, vou também fazer que nem você, tentar levar mais pessoas, trazer mais pessoas para o nosso lado. Igual só no meu bairro, somos três catadores, fixos, mesmo assim pessoas que vendem o material.

Igual você falou, a R$ 1,20, eu vendo material a R$ 0,30. Seiscentos reais de governo não banca a minha família, entendeu? Não é chorar, é a gente mostrar que, é igual, se você for na minha casa agora eu tenho 2 bag lotada. A gente sabe o que é uma bag. Muitos aqui vai falar: Hum!!. Mais duas bag lotada para buscar o material dentro da cidade, é difícil. Você ter esse trâmite de entregar o material, de procurar. Estudei muito, agora estou estudando, por isso que eu estou nesses lugares, para aprender e agradeço. Como ela falou: Nossa, agradeço muito! Quando você chegou eu falei: Ih, a lá, é eu! Só que aos 40, você tem 20, eu tenho 40, entendeu?

É que essas políticas realmente acontecem, e tem que acontecer pra gente, porque eu não sei lá, é igual eu já tinha visto, até tinha uma cidade vizinha de vocês lá, que é de Minas mesmo, de Capitólio eu acompanho. Não conheci de vocês, mas a de Capitólio e tem isso.

Só que na minha cidade, igual a essa senhora que eu vou falando, é igual a reciclagem em média de porta a porta, ela é feita como? A prefeitura disponibiliza um saco, te entregam, só que eles vêm até pra apanhar, só que só passam em locais de gente com situações financeiras melhores. Os mais baixos,

morro não, não sobe. O que sobe é a Comdep, quando sobe, quando chega lá. E eu tentei implantar essa porta a porta lá onde eu moro, só que por essa falta de trâmites para levar o material, porque ocorre isso, eu parei e fui criticada porque ninguém me perguntou porquê eu parei, foi porque eu não tinha espaço.

Eu não tenho um espaço mais para colocar, então assim, adorei conhecer e espero que a gente entre sempre em contato. Que você venha mais a Petrópolis que eu não moro aqui, eu moro no primeiro distrito, não nesse aqui, mas eu no primeiro, é assim, essa visibilidade, a gente tentar também trazer lá, pra cá pra Petrópolis, que ela não existe.

E eu sei muito bem, sofro isso cada dia, até para carregar um material é nos meus braços, são sacolas, quando eu quero vender um material, porque aí a gente sabe o que que é o ouro da reciclagem, o que é a prata na reciclagem, pra esses eu encontro compradores mais rápido e para fazer uma luz, uma água. Entendeu? Mas o que nem você falou, do papel papelão. Eu já escutei da Editora Vozes em Petrópolis, que eles não compram papel reciclado, sabe por quê? Porque é muito caro. Então, são coisas que os próprios empresários da nossa cidade falam, que o Brasil é muito caro, então a gente tem que começar a ver aqui as prensas, têm que ter um valor menor, ou então uma redução de impostos. Tem que haver isso, porque vai abrir portas de emprego para muito mais pessoas do que tem hoje. Gente, desculpa, muito obrigado.

Lilian Regina Nogueira: Oi, você foi a primeira pessoa que dei um abraço, e vai ser, espero que não a última que eu dê. Muito obrigada! Como que vocês conseguiram resolver a questão da acessibilidade para os caminhões que pegam na sua cidade? Lá tem lugares estreitos como nós temos aqui? Como é que vocês conseguiram resolver essa questão da acessibilidade? E a questão também do espaço para guardar, porque nas comunidades, os territórios nem sempre tem um espaço grande para guardar, como se não viesse o caminhão toda semana, um espaço para guardar. Eu queria saber esses dois movimentos acessibilidade e espaço. Obrigada.

Jennifer Thaís Santos Fernandes: Vou começar daqui. Eh, aí todo mundo, se quiser anotar gente, eu já vou passar o meu contato. Às vezes durante a semana pode ser que demore responder, porque eu tô na Ascito o dia inteiro e à noite eu vou para faculdade, então às vezes eu não consigo responder, mas assim que eu conseguir, eu não deixo ninguém sem resposta. Telefone: 031 9 9509-5958, esse é o meu telefone e eu quero o contato sim, porque eu busco moradia e não é para mim. Eu busco moradia para todos os catadores, o máximo possível, porque eu estou chegando, tem catadores e catadoras que já não está aguentando mais trabalhar e não tem ainda nenhuma casa.

Então, o que a gente puder fazer pra...; porque se eu estou aqui hoje é porque teve outras catadores e catadoras antes de mim. Então tem que fazer jus a todo o movimento que eles conseguiram, porque até para a criação do Movimento Nacional dos Catadores precisou deles e a gente só está dando continuidade no trabalho que eles fizeram.

E a gente tem que ter a consciência disso. O que a gente puder fazer, a gente faz. E a colega ali atrás perguntou sobre como fazer para poder implantar a coleta seletiva.

O primeiro passo é que tem que ir para qualquer município, tem que deixar claro para os prefeitos que a coleta seletiva não é obrigação do catador. A coleta seletiva é de responsabilidade da prefeitura. Se ela não faz a coleta seletiva, é ela que está pecando, não é os catadores não. É para poder ter um diálogo mais transparente com o secretário de Meio Ambiente, Prefeito, Prefeita, é bom fazer um mapeamento dos catadores que tem entorno, conversar com eles pra saber se eles estão dispostos a trabalhar numa possível associação cooperativa, porque tem muitos catadores e catadores que acham que não é viável estar em grupo; porque é a função deles, eles só querem catar o material, vender, embora.

Eles querem, eles têm o mundinho deles, e a gente também tem que respeitar isso, porque se você chega na prefeitura e fala da coleta, é claro que ela não vai implantar em todos os bairros, ela vai fazer teste, ela vai começar num bairro e sempre vai começar no pior, no que tiver menos fluxo e o que ela vai começar para poder depois dizer assim olha, a gente tentou os catadores, não deu conta.

Então fazer esse levantamento chegar para o secretário de Meio Ambiente ou o secretário e falar: Olha, a gente tem demanda, tem demanda da população, tem demanda de pessoas que não tem emprego, que está disposta a formalizar a associação cooperativa, mas se a gente não tiver um material, um insumo para trabalhar, como que você cria uma cooperativa, uma associação? Porque até para criar isso é gasto. Você tem que registar ata num cartório, tem que fazer estatuto, tem que ter alvará de funcionamento, tem que ter licença ambiental. Se você não tem um dinheiro para fazer isso, como faz?

Então, é eu sei que é estranho, mas também tem que dar um jeito de dar uma sensibilização neles, que se não sensibilizar, eles não vão, porque a metade dos municípios estão entrando para consórcio, porque quando eles entram para consórcio, eles conseguem jogar a responsabilidade da coleta seletiva dentro do consórcio, porque o consórcio está vindo para a gestão de resíduos. Então o prefeito ou a prefeita vai falar: a gente está cuidando do nosso resíduo, mas a gente passa para o consórcio e o consórcio vai contratar a empresa, ele vai contratar outro tipo de mão de obra, só que quem sabe fazer a separação qualificada do material é os catadores, se a gente pega no saco, a gente já sabe ter rejeito, nem adianta, tem rejeito.

E se teimar e abrir, vai ver que lá dentro não tem só material reciclado, outras coisas. Então tem que ter essa sensibilização, conversar, fazer um mapeamento dos catadores, conversar se eles têm interesse, até para poder propor essa demanda para a Prefeitura, porque se você vira para a Prefeitura e fala assim, a gente podia testar pelo menos de três bairros para ver se ela sabe antes, onde que vocês estão? Onde que está o espaço?

Eles não vão por o caminhão logo de cara! Então eles vão falar: E como é que vocês vão fazer a coleta se a gente não implantar? Então é tudo, é passo a passo, primeiro passo a correr atrás desses catadores para saber se eles estão dispostos a trabalhar numa associação, na cooperativa. Aí depois vai para associação de bairro, para poder conversar com os moradores, para saber o que eles pensam sobre a coleta seletiva.

Não devia nem pensar, né? Porque tem que ser claro que a gente precisa da coleta seletiva. Só que a gente que é boba, a gente quer fazer o serviço né, porque precisa. Todo mundo precisa da coleta seletiva, ainda está tendo a gente fazer, mesmo se eles não querem.

E para você. Então eu venho todas as vezes que precisar, a gente conversa, a gente faz reunião online e a gente faz o que for pra gente conversar e não desanima não, não desanima não, porque eu sei que não é fácil, porque é pra gente chegar no nível de associação que a gente está hoje, a gente passou por muita coisa, e assim, eu, minha mãe, meus irmãos, a gente trabalhava num lixão em outro município, que era em Belo Horizonte e o pessoal da Ascito trabalhava lá em Itabirito.

E olha pra você ver como é que depois as coisas se juntaram. Se a gente tivesse pensado e parado quando estava no piloto de seis bairros, talvez a Ascito não tinha crescido tanto que cresceu hoje. Só

que aí é porque as pessoas que estavam lá também se comprometeram que sozinha também você não vai dar conta. Não adianta, porque precisa de outras pessoas. É um trabalho muito puxado, não é só trabalho braçal, é um trabalho aqui, olha, o braçal a gente joga nas costas, vai embora. Agora, aqui a gente não dá conta de administrar. Então, a mesma sugestão que eu dei pra colega eu dou para você também.

Tenta fazer um mapeamento para ver quem são os catadores que tem, porque tem catador de certa forma, tenta fazer um levantamento para ver onde que eles estão, propor, conversar. Se precisar de reunir eles para uma conversa, a gente conversa, para dizer como funciona a associação, que às vezes eles ficam com medo. É tudo novo, dá medo. Eles sempre trabalharam de forma individual, de repente, vai se ver com 10, 15 pessoas no mesmo lugar, Não sabe como é que vai funcionar. Então a gente conversa também, a gente tenta. É um trabalho igual o do teatro, de formiguinha. A gente vai andando devagarzinho, devagarzinho, mas uma hora a gente chega.

E para você, você não vai ser a última, me dar o abraço, a gente ainda vai se abraçar muito ainda. E tem, Itabirito fica ali do lado de Ouro Preto. Ouro Preto é município histórico Itabirito também é.

Então é muita ladeira. Itabirito é só morro, só uma única rua. Até pega o centro, que é uma pra ir e outra pra voltar, outra só ladeira. E realmente tem ruas que o caminhão não entra, porque se ela entrar também, a gente não sabe nem se ele vai aguentar ficar parado lá em cima pra gente por material que provavelmente vai descer. Então o que a gente faz? A gente pega as bags e sobe na ladeira, põe o material nos bags e desce e põe no caminhão, porque não pode deixar de fazer. E a questão de, por exemplo, se não tiver coleta toda semana, um espaço para deixar, eu não aconselho caçamba, um lugar para por material que não tiver catador para ficar olhando, porque as pessoas misturam rejeito, na hora que você for lá, daqui uma, duas semanas, o material vai todo perder, porque a gente sabe que se mistura o reciclado com rejeito, tudo vai virar rejeito. Então não aconselho não.

O problema da caçamba que não dá, porque a pessoa vai trabalhar durante o dia e a noite quem vai tomar conta?. Tem gente que sai à noite de casa só para fazer sacanagem com o serviço do outro. Aí se você apanha uma caçamba, igual Itabirito, ele estava na febre de colocar essas caçambas. Só estava colocar caçamba e colocava lá: Coleta seletiva. Na hora que a gente ia buscar, só tinha material reciclado por cima, embaixo era só rejeito. Aí os coletores, ia lá, tirava o material de cima e deixava o rejeito. Secretaria de Meio Ambiente, ligava, a gente falava então você vai lá, separa. Não é caminhão da coleta convencional, aqui é o caminhão da coleta de reciclado.

E a gente já deixou claro que agora, onde tiver essas caçambas, a gente não vai pegar, porque quando eles falaram que ia colocar a gente foi contra, e mesmo assim eles colocaram. A gente falou que não vai pegar. Então é bom ter um espaço para poder armazenar, o espaço que você vai fazer é a triagem, a separação do material, porque depois vai te dar dor de cabeça. É isso gente, Obrigada!

Bruno César: Bom, depois desse dia de excelentes contribuições, eu vou convidar aqui nossa companheira de trabalho do Palácio Itaboraí, a assistente social Marina. Ela vai falar um pouco sobre o processo do diagnóstico rápido participativo, que redundou, além desses painéis que estão pendurados, esses cartazes aqui, ajudou também a estruturar o debate que a gente vem desenvolvendo aqui e depois a gente já vai começar a direcionar para os encaminhamentos para a parte final do nosso evento

3 - DRP E ENCAMINHAMENTOS

Marina Rodrigues (Fórum Itaboraí – FIOCRUZ)
Banners: Páginas 142 a 147

Eu gostaria de convidar para retornar à mesa os nossos palestrantes. Por favor, Alexandre, Cibele, Viviane, Jennifer. Bom, agora chegou o grande momento. Nós tivemos um dia riquíssimo, com muitos debates, experiências, eixos, começando pelo eixo da saúde. Depois nós fomos para o eixo do impacto do lixo e a sua relação com os desastres ambientais. Depois nós tivemos a Cibele, que falou sobre a gestão do lixo orgânico e agora, gente, encerra com a fala da Jennifer.

Mas antes da gente trilhar essa reta final, que é de construção coletiva, eu gostaria de convidá-los para fazerem uma inserção num processo que nós fizemos aqui em Vila Rica. Lembrando que essa parceria da Fiocruz com Vila Rica, se dá desde o ano de 2017, com o DRP Saúde, a partir de uma cooperação com a Secretaria Municipal de Saúde.

Aproveito também, esta oportunidade para agradecer o envolvimento dos Agentes Comunitários de Saúde e da equipe do Posto, e das lideranças locais aqui representadas pela Lilian, a Carol, que não está aqui presente, infelizmente não pôde comparecer, o Isaac, e tantos outros moradores que participaram ativamente no levantamento de informações e uma metodologia que a gente dá o nome de diagnóstico rápido participativo, que é uma ferramenta de escuta qualificada da população e seus territórios sobre a dinâmica de vida.

Então, não sei se vocês tiveram tempo pra ver isso aqui, vamos viajar aqui, pouquinho comigo, gente, vamos percorrer esse caminho aqui. Isso aqui é fruto de caminhadas que nós fizemos, como eu falei pra vocês, lideranças, técnicos da Fiocruz, agentes comunitários de saúde; a gente foi visitando cada localidade de Vila Rica, a gente respeitou a organização local de cada lugar, porque Vila Rica, historicamente, ela tem um ponto de surgimento de ocupação.

E depois as áreas de expansão, elas vão tendo nomes diferentes. Nós respeitamos o nome que o morador deu pra sua localidade, por isso que vocês vão ver banners diferentes. Isso não saiu da cabeça dos agentes de saúde, não saiu da cabeça dos técnicos da Fiocruz. Aqui a gente pôde problematizar com cada morador como é que ele enxerga a vida no lugar e como é que ele enxerga essa dinâmica nessa gestão do lixo.

Aqui a gente fez uma síntese da síntese. Então a gente vai ver que aqui no Loteamento Boa Vista, Bananeira, os moradores colocaram essa relação, como é que a comunidade se dá? Conseguindo enxergar os pontos positivos em primeiro lugar. E foram listadas principalmente por suas lideranças locais e pelo processo de luta que cada território tem possui. E também os aspectos negativos dessa questão. Só que, cada morador, os coletivos não ficaram problematizando só pontos negativos não, porque a gente precisa, além de enxergar a dinâmica local, os seus, as suas potencialidades e os seus pontos negativos, também propor. Então, o que mais surgiu aqui foram propostas. Propostas riquíssimas de caminhos possíveis, porque o povo está cansado, o povo sofre com descrédito, o povo não tem garantia de acesso a seus direitos, infelizmente, a luta, ela tem que ser permanente. E diante desse processo de luta permanente, a gente precisa construir alternativas, e as pessoas apontaram.

Vou citar aqui um exemplo. Ouvindo os moradores, eles falavam: “pra gente poder conseguir desenvolver alguma ação aqui dentro da comunidade, primeiramente, a gente precisa ter organização comunitária, uma associação de moradores forte, uma boa relação com posto de saúde, com a gente de endemias e com os trabalhadores da limpeza urbana”.

Em Vila Rica, o que se destacou foi, principalmente aqui no Conjunto Santa Edwiges, uma excelente relação dos moradores com os trabalhadores da limpeza urbana. Isso por que? Isso foi construído porque muitos desses trabalhadores também moravam aqui e até aqueles novos que vêm de outras comunidades trabalhar aqui são muito bem recebidos. Vocês perceberam que na peça do Teatro a dona Ceci já tinha uma intimidade para lidar com a Liloca.

Porque a Liloca é uma dessas. Formalmente, a gestão municipal informava a data da coleta do lixo, mas a Liloca passou um WhatsApp pra dona Ceci e falou: Oh, prepara o lixo que amanhã eu estou passando aí.

Então é isso que acontece em boa parte desse território. E a partir de então, dessa relação, e vendo essa dinâmica existente aqui no núcleo do Santa Edwiges, os moradores de uma área que aqui, depois da BR:040, aponta como alternativa, porque lá, Jennifer, não passa nem o carro, o carro de quatro lugares é difícil pra passar, porque são construções feitas na antiga linha férrea, então não vai caminhão de lixo, então ele sai e vem até a BR, ou vão até próximo a Pedro do Rio pra levar.

Qual é a ideia alternativa? A proposta é que tenha gari comunitário, que seja uma pessoa da comunidade, contratada pela gestão pública, para fazer toda essa coordenação e ao mesmo tempo a proposta também foi pra que esse gari tenha uma comunicação mais fluida no território, que a escola aqui da comunidade desenvolva ações educativas com as crianças, como tarefa de casa, para que essas crianças repliquem essa experiência na comunidade e traga isso para dentro do ambiente escolar. Olha, está tendo resultado porque eu estou aplicando o que eu aprendi aqui na escola, no meu lugar. Então, gente, a gente não tá de brincadeira, a comunidade não tá de brincadeira, a gente está pensando caminhos, né? A gente não está em busca milhões ou de grandes orçamentos para que a coisa aconteça.

Eu queria contar só mais uma coisa. Por exemplo, como não há, segundo os moradores, uma atenção especial no controle de construções em área de altíssimo risco, essa gente não é só isso, não é só de cara um caráter de julgamento; é no caráter do cuidado, que fique bem claro, ninguém está criminalizando ou julgando o morador que vai construir no alto da encosta. Quem mora aqui já presenciou perdas, tem essa preocupação do morador que chega de fora, na sua urgência de morar e constrói no alto. Como não há fiscalização, o que o morador aponta é: vamos plantar. Se a gente fizer horta comunitária nesse lugar de alto risco é uma das iniciativas que tem sido feita pensando nessa estratégia, e que os próprios moradores já estão fazendo o levantamento.

E agora a gente está tendo o apoio dos nossos geógrafos, do Caiett, do Bruno, para identificar quais são as áreas vazias aqui nesse lugar, para que a comunidade possa plantar, fazer jardins, hortas e aí, se for hortas, vamos pensar na questão da segurança alimentar aqui no território, unir as pessoas, fomentar uma organização comunitária que já teve muito forte passado e que agora está mais ou menos, mas que também está atuante.

A gente está trazendo aqui de volta os nossos palestrantes, e que vocês também, inspirados em tudo o que aconteceu durante dia digam qual é a deixa? O que vocês pensam como alternativa, como construção de proposta para melhorar a gestão dos resíduos, para melhorar e trazer à tona o tão sonhado bem viver dessa sociedade petropolitana? Tá lançada! Eu deixo aqui a palavra com vocês.

Cibele Vieira Figueira – Eu vou aproveitar a fala, porque a cada depoimento, a cada discurso que a gente escutou, aqui vem vindo ideias e uma mensagem que eu queria deixar muito clara, é a proximidade que a gente quer enquanto universidade e locais de estudos, a gente quer formar cidadãos. Que o sonho deles seja resolver os problemas reais.

Então pra nós é muito importante que vocês não temam se aproximar, né? Eu, há dez anos venho trabalhando com pesquisa e não pode ter nada melhor do que eu receber desafios. Então vocês trazerem questões tão básicas como o que estavam comentando. A Jennifer fez a sugestão de fazer levantamento de quantos catadores, que tipo de impacto vocês tem, que necessidades tem de gestão, por exemplo, uma cooperativa.

A gente tem inteligência suficiente dentro das universidades para montar projetos e envolver os alunos e capacitá-los para ajudar nas nossas realidades. Não, a gente tem recebido muita formação também, enquanto professores, que não tem o menor sentido formar o profissional né, aquele cara que virou médico destacado ou arquiteto que construiu um grande museu.

Não, a gente quer construir gente que resolva as questões fundamentais da nossa sociedade, que já vem sendo adiadas há muito tempo. Pense que a universidade é o lugar da parceria, no sentido de ser realista e resolver problemas.

Se vocês toparem com um professor que não seja assim, busca outro do lado, vai ter alguém.

Viviane Japiassu Viana: Bom, eu acho que o que fica aqui é essa mensagem de que o coletivo é o que funciona, e vocês deixam isso muito claro e aproveitar as potencialidades que vocês já estão desenvolvendo aqui na comunidade, as fortalezas que você já conseguem identificar de mobilização, quais são os núcleos que já existem e começar a fortalecer isso também para trabalhar os temas que de alguma maneira, estão deixados de lado pra gente poder ver como é que se consegue caminhos.

Então essa parte do resíduo, eu acho que dia tão produtivo mostrou isso que dá para costurar com o que vocês já estão fazendo, e sobretudo, tem que chamar a responsabilidade de quem tem as competências. Mas se a gente não se mobiliza, não faz um movimento e às vezes esse movimento passa por começar a fazer até o que não deveria ser a gente, mas fazer alguma coisa, fica tudo parado, fica tudo do mesmo jeito.

Então é muito interessante ver a Fiocruz fazer esse trabalho do DRP, porque promove essa reflexão e, sobretudo, o que o que funciona é a comunidade que o que o dia a dia está sofrendo as consequências; ajudar a pensar em soluções.

E é daqui que vão sair as soluções que funcionam de fato. A gente fica muito feliz de participar aqui, pelo menos nesse dia com vocês.

Jennifer Thaís Santos Fernandes: Então gente, eu quero agradecer por vocês terem me acolhido aqui, ter ficado até o finalzinho, porque num sábado todo mundo que trabalha e tem as coisas para fazer durante a semana e dedicar o sábado inteiro e participar.

Eu sei que é muito difícil e foi bonito ver que vocês levantaram várias pautas, mas atrás das pautas que foram levantadas, vocês também vieram com possíveis soluções. E isso é muito bom. Significa que nem tudo está perdido, a gente ainda está pensando nos caminhos. Quando eu cheguei aqui, uma das primeiras coisas que eu fiz foi olhar os banners.

Então eu vi os levantamentos das coisas que davam pra melhorar, então já veio como sugestão do que pode fazer, que é muitas vezes a gente chega pra um gestor público e coloca alguma coisa ou para qualquer outro parceiro, a primeira coisa que eles vão falar: mas e ai? O que você acha que dá para fazer? É difícil, não dá para fazer, mas vocês já vêm com a solução do que fazer, do que pode tentar, e isso é muito bom.

E eu, enquanto catadora de materiais recicláveis, eu sempre fiquei com esse pé atrás quando eu ouvia falar sobre a universidade; está aqui para ajudar vocês. Eu nunca me via dentro de uma universidade. Eu falava assim, será que tá? Porque catador é desconfiado, catador desconfiado é mais do que qualquer outro ser humano. E eu pude perceber que realmente as universidades estão para ajudar.

Em Belo Horizonte tem projetos de extensão que eles fazem com os catadores. É só para melhorar a UFMG e várias outras para poder ajudar. Agora eu fui pelo FIES, eu estou na faculdade, eu entrei esse ano, então no propósito de poder melhorar para a gente também.

Então aproveita essa oportunidade que eles estão oferecendo, que realmente é para ajudar mesmo e toda ajuda que vem, é bem-vinda, né? Então junta as cabeças pensantes na universidade, a gente que tem a prática e eles tem a teoria, não tem como dar errado, né?

Viviane Japiassu Viana: E só reforçando que não é a favor que a universidade está fazendo; não tá. É obrigação, está dentro ali. As universidades existem pela nossa legislação, e pela concepção do que ela é o tripé, que é ensino, que é a sala de aula, pesquisa e extensão. E extensão é isso aqui que a gente está fazendo, ajudando e vir pra comunidade construir junto, ajudar e colocar essa galera que está se formando para aprender como faz isso também e para dar a contribuição deles, porque conhecimento só dentro de sala de aula não serve pra nada.

Alexandre Pessoa: Eu queria agradecer o esforço de todos nós estarmos até agora. O lixo falou. Ouvimos hoje a fala do lixo, as falas do lixo e aí vem a potência. E eu acho que aprendemos muito, porque o território falou, as vozes do território vieram aqui e aí é um tempo diferente, não é um tempo na correria, é um tempo da reflexão.

Eu não sei se a academia é a teoria e vocês a prática. A tua fala trouxe concepções de sociedade e de teoria. Você não falou só da prática, você estabeleceu uma forma de sociabilidade que nós estamos sedentos por ela, não por uma, pela lógica de condomínios ou pela daqui a pouco a gente vamos chegar, à lógica de bunkers, as pessoas isoladas, vendo a destruição do entorno.

Essa lógica não leva a lugar nenhum. E o que eu espero é que você ensine as universidades mais do que as universidades virem aqui. As universidades têm que aprender com isso, com essa práxis. Na Fiocruz a gente faz alguns movimentos, porque são tempos distintos e até mesmo lógicas distintas. É uma lógica, uma disciplina de determinação social da saúde, que sempre levamos movimentos sociais para fazer o impacto. É o choque teórico que ela faz em qualquer lugar que ela for.

É isso que os pós-graduandos, os doutores, precisam. Se os doutores não tiver essa força, eles não vão se reconhecer como trabalhadores. A nossa essência é o trabalho e isso tem uma potência muito grande.

Claudia Renata Ramos: Representante do Movimento do Aluguel Social e Moradia de Petrópolis – A proposta primeira é que isso aqui não termine aqui. O professor já falou, já deu a deixa. Eu estou muito emocionada, porque eu estou passando uma situação pessoal; mas hoje eu vim aqui e hoje eu falei das duas uma: ou esquento minha cabeça de vez ou eu saio daqui mais aliviada e eu estou saindo daqui muito aliviada, principalmente por isso aqui que eu estou vendo, porque isso aí que o senhor falou, professor, agora tem sido parte da minha vida há dez anos. Bandeiras diferentes. Você pelos recicláveis. Eu sou na luta por moradia. Vítima das tragédias sócio ambientais de Petrópolis e da região Serrana. E hoje, se a Cláudia está aqui e a Cláudia hoje, pode te dar um contato importantíssimo, que está na tua mão, que vai fazer a diferença na sua luta, é por causa de pessoas igual os professores que estão aqui, porque hoje, não desperdiço nenhuma oportunidade que eles te derem.

Peguem todos os contatos deles, porque eu tenho. E se não fosse um professor do escritório modelo Rizoma da faculdade Estácio, se não fosse um professor da UFF, se não fosse um professor? Eu falei que eu já estou quase tirando carteirinha da UFF, porque eu já fui para Niterói, eu já fui para Campos dos Goytacazes, eu já fui para Pádua e através deles Deus me honrou e me levou para Aracaju, para a BR Hydro.

A BR Hydro me conhece num discurso, num evento como esse e me leva pra falar. Não foi ninguém político; foi por causa da minha luta, da sua luta. Então não desperdice nenhum momento como esse, porque é assim que você, daqui alguns anos você vai ter um contato importante, como esse, pra dar para alguém que vai te pedir ajuda ou que nem vai te pedir ajuda porque você não pediu nada, você só falou: eu posso ajudar ela de alguma forma.

Então, isso não termina aqui. E isso é uma proposta: que tenham mais fóruns, mais jornadas, e que sempre tem uma banca como essa, uma pessoa que tem um trabalho que não precisa ser do nosso município, porque ela veio lá de Minas pra estar falando com ela. Então isso aqui hoje foi pra você não desistir, que é pra você talvez ser hoje ou amanhã uma pessoa igual a ela aqui em Petrópolis, não desista, não desanime do teu sonho.

Se o teu sonho é esse, Deus te botou nesse propósito. É nesse propósito que você vai ter que fazer. Pegue contato com ela, já começa articular. Se aqui não tem apoio, vai ter apoio em Minas. Os professores estão aí; fala pra eles: professores me ajudem.

Rosemar Camargo (Catadora de Lixo): Aqui, dentro do município, é uma grande luta e vou continuar assim. Uma Vez eu fui vender o material para um dos compradores da minha cidade que é lá no centro. A pessoa falou pra mim o seguinte: que como eu era mulher o meu preço foi muito menos, porque até então o meu material daria para pagar minha luz, a minha água e sabão para corta. Ele me deu um valor muito inferior porque eu era mulher e eu escutei do meu filho de onze anos, que era para mim desistir não. Eu estava compartilhando com ela que eu tenho uma neta de quatro anos, que ela falou com a mãe dela assim: não joga o potinho de danone fora não, lava e da pra vovó.

Então quer dizer, dentro da minha casa e minha família a gente já tem esse costume, já estamos passando de geração para geração. É assim, eu já coloquei até município que eu quero chegar até a escola, não tenho autoconhecimento, mas tem um conhecimento para chegar lá e amostrar pra eles, que é passar esse tipo de informação que é pequenininha, mas é igual, o que vocês estão falando da sujeira num material; eu aprendi com uma pessoa e essa pessoa me ensinou que assim você vai lavar a tua louça, pega o seu potinho de manteiga, a tua casca de ovo, antes de começar a lavar a louça, coloca no meio porque no final eu já sei lavar, porque já está lavado, o sabão já vai ter passado a água, você vai botar no escorredor alguma coisinha assim do lado, vai escorrer e você vai entregar limpo para a gente, porque ele não precisa ir pro lixão.

O lixão de Petrópolis está interditado, só que está com uma liminar. E não é só Petrópolis e várias cidades assim. Petrópolis é uma delas ou é igual ao Duarte, a doutora Denise, que hoje teve que sair, mas ela mesmo, uma luta é muito grande para tirar o Lixões de dentro. Mas é a primeira visão de qualquer petropolitano, onde que era o lixão? Duarte da Silveira e muita gente ainda moram lá e tem os gases lá, né?

Então a gente né, como a formiguinha, fazer um pouquinho, espera que um dia chegue o seu lugar para poder mostrar isso, que você está me ensinando agora, porque cada um aí me ensinou um pouquinho. O como eu me lido com o arroz e o feijão, porque pra mim essa experiência é diferente, porque até então na minha rua eu ponho de quase todo mundo. Eu já vou passando. Eles já me entregam até a maior parte limpo, mas o que eu panho [sic], que subo lixeira também.

Então pra mim, independente de eu panhar [sic] na tua porta, eu vou panhar [sic] na lixeira. Só que lá na lixeira tem a sujeira, tem um rato, tem leptospirose, tem tudo, tudo de ruim tem lá na lixeira. Quando você tá com uma roupa suja do lixo ninguém nem olha para tu, tu passa realmente os invisíveis. E a gente não é invisível, a gente é visível, a gente está aqui, entendeu?

Laura Bernardes (Agente Comunitária de Saúde de Vila Rica): Bom gente, terceira jornada de seis comunidades Vila Rica, eu vou fazer os meus agradecimentos e dizer que mediante a tanta coisa boa que a gente ouviu aqui hoje, os moradores de Vila Rica não podem sair daqui iguais. Eles têm que sair diferentes mediante tudo aquilo que a gente ouviu aqui, nos podemos sair diferente.

Ou melhor, nós temos sair diferente com tudo aquilo que tudo foi passado aqui. Então eu vou agradecer a Fiocruz, o Fórum Itaboraí, Trabalhadores, a minha equipe que está aí, cadê meu povo? Parte que está ali, cadê a gente?

Cadê posto, cadê? Cadê o pessoal? O Sérgio Ali da Fiocruz também, os moradores, a Ro que contribuiu com a gente, o pessoal do artesanato, a Roseli, Pastor Wesley tá ali, Norma Chefinha que está ali. Cadê a minha chefe do posto cadê ela? Bárbara, que está lá no final. Agentes de saúde, minha turma, e a galerinha do teatro que foi novidade pra todo mundo, que foi muito bom. A juventude que nós já estamos velhos mesmo, e também o pessoal da música, o Gustavo e o Juninho. E também agradecer o pastor Roberto, que ele também fez a sua parte pra isso também acontecer aqui hoje.

Mariana Vidal: Bom, eu não sei o que que eu vou contribuir, mas sei que com todas as falas a gente fica extremamente mexida. Eu juro por Deus que eu não gostaria de estar aqui.

Sabe, porque esse tema é muito difícil. Aí eu comecei a pensar entendeu o porquê? O porque, aí eu comecei a escrever a questão da memória. Além de a gente como brasileiros, a gente não sei por que motivo, não compreendo, mas a gente tem uma memória curta ou às vezes ela fica guardadinha só com a gente. E aqui ainda apareceu a história dos invisíveis e dos catadores.

E aí eu também comecei fazer um retrospecto. Como eu já tenho mais de 70 (setenta) anos, já dá para fazer retrospecto. Então eu comecei a pensar no senhor Antônio, lá da Independência, que para mim foi a primeira pessoa que eu conheci fazendo Coleta, aqui em Petrópolis.

Depois do senhor Antônio, eu conheci um casal de jovens que na época estava namorando, que hoje eles têm uma empresa de coleta que vende para São Paulo, tem caminhão, tem é local. Quer dizer cresceram na vida dois filhos, formado e tudo mais.

E aí depois teve a Federação das Associações de Moradores, o movimento dentro de comunidades. Com relação à questão da coleta seletiva. Aí apareceu a política que eu vi, que destruiu, dispersou as pessoas e aí eu não entendo, eu não entendi esse processo, essas pessoas que eu acho que deveriam estar no poder, elas foram apagadas, mas elas estavam com as iniciativas, elas estavam colocando a mão no lixo, elas estavam fazendo as coisas e elas tinham a compreensão de tudo o que foi falado aqui.

Mas essas pessoas sumiram, apagaram essas pessoas, entendeu? Aí eu comecei pensar: Pô, será que a gente não pode, já junto com a universidade, fazer um resgate da memória, desses invisíveis, porque nós apagamos a história, assim como vão apagar a nossa história de agora também? Talvez a gente valorizar e apresentar quem faz isso também, eu acho que serve para o jovem que está chegando.

Laura Bernardes: Siga os passos daquela menina que tá vindo. A minha proposta, então, é que os invisíveis tomem seus caminhos, que sigam os seus passos, Jennifer, que foi de bom proveito para nós aqui ouvi a tua palestra. Muito bom! Meus parabéns. Novinha, imagino quando você estiver da minha idade, tá onde? Eu sou do tempo do Noé, tu é novinha!

Lilian Regina Marcilio Nogueira: Fazendo uma retrospectiva também, como Mariana Vidal, que também já estou com meus 66 (sessenta e seis), cheguei aqui com 33 (trinta e três) e a nossa iniciativa foi levar os jovens para conhecer outros lugares fora do seu território. E hoje em dia eu percebo, que a educação, a gente precisa mostrar aos nossos jovens como nós vimos aqui, a nossa realidade dentro do nosso território, mas também mostrá-los estas oportunidades que não são daqui e que isso é possível. Muito obrigado. Eu estou muito feliz em carregar esses 33 (trinta e três) anos mais com um final muito feliz, pelo menos hoje, é o que a Laura falou, cada um morador precisa ouvir, certo, tudo o que foi dito aqui, com muito amor, com muito carinho, porque nós só vamos poder melhorar a nós mesmos e o planeta não tem puxadinho, então vamos dar continuidade ao que nós ouvimos. Obrigada.

Sonia Regina Ameal: Então, como a Cláudia mesmo disse, aqui, tomara que isso não fique só aqui. E como desde o começo eu falei como eu fui ensinar uma criança como que era para fazer com o lixo e fui repreendida pelo meu filho de 13 (treze) anos. Então eu acho a proposta é das creches que são os menorezinhos, já começar a ensinar esses menorzinhos como se faz com o lixo, que eles não devem jogar o lixo no chão, que eles não devem jogar lixo na rua, porque eles é que vão aprender mais rápido.

Porque às vezes um adulto não aprende tão rápido que uma criança, aquilo que você aprende, uma criança, ensina uma criança, ela vai aprender e ela vai levar aquilo para a vida, porque quando ela estiver maior, ela vai falar assim: Poxa, eu aprendi isso quando eu era criança, e mesmo que ela não faça, mas quando ela vê alguém falando, ela vai falar: Eu aprendi isso quando eu era criança, mas poxa, eu eu não estou fazendo aquilo que eu aprendi e isso vai voltar para memória.

Então desde o começo eu falei que a gente tem que ensinar as crianças, porque elas aprendem mais do que o adulto e às vezes ela vai ensinar para um adulto aonde que o adulto está errando.

Felix Rosenberg: Bem, chegou a hora de mais uma despedida. Cláudia você sempre pede mais uma e você vê que sempre tem mais, né? Então, a próxima vai ser na Independência. Vamos discutir a questão da saúde mental.
Queria agradecer muito a Liliane, a Cibele, a Jennifer, o Alexandre, a Jennifer, a segunda vez que eu posso e eu espero ouvir muito mais vezes, pelo que de fato minha inspiração.

E eu tenho que agradecer muito a vocês todos. Nós somos todos muito estoicos, lamentavelmente, tivemos muito calor, o que de alguma maneira tira um pouco o tesão, a vontade de participar mais, mas faz parte da natureza.

Como eu disse no início, tenho certeza, que isto é um aprendizado permanente e certamente daqui sairão mais ideias ainda. Então só isso, agradecer enormemente. Estou muito feliz pela nossa iniciativa e pelo apoio que vocês, as comunidades, dão a essa iniciativa. Começaram, como eu disse, com o Amazonas e apenas alguns em Vila Rica foram apoiar a iniciativa do Amazonas.

Depois a Amazonas e Vila Rica foram apoiar a iniciativa da Posse. Agora já temos a Independência, Vila Rica, Amazonas, Posse, fora os outros que estão participando. Eu acho que é assim uma mancha que pouco a pouco vai se espalhando e que também vocês têm que contribuir para ir espalhando e, sobretudo, pedir a vocês que nos deem, a nós da Fiocruz, ideias ousadas. Nós somos ousados e aceitamos ideias ousadas.

Então, por favor, juntos vamos ir construindo o seu espaço. Tenho certeza que vocês estão apoiando. Bom retorno para quem não é daqui e muito obrigado pela hospitalidade dos Vila Ricenses.

4 - APRESENTAÇÕES

4.1 - Alexandre Pessoa

Lixo e Saúde:
Nos caminhos do manejo sustentável dos resíduos sólidos

Filme: Lixo Extraordinário

Prof. Dr. Alexandre Pessoa Dias
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV)
Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)
Coordenador do GT Águas e Saneamento da Fiocruz
Coordenador do GT Saúde e Ambiente da Abrasco
alexandre.pessoa@fiocruz.br

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO

Tecnologias Sociais em Saneamento na Promoção da Saúde

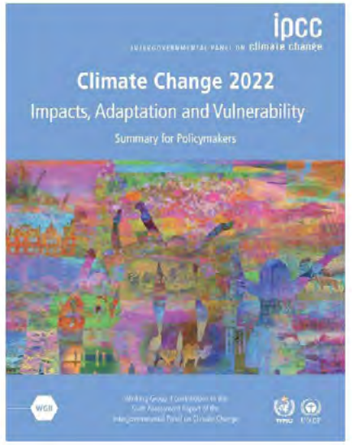
Resíduos sólidos – Canal Saúde. 16 ago 2021

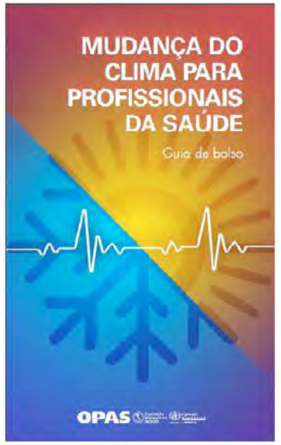
https://www.youtube.com/watch?v=IMSTaBSTKPY

Política Nacional de Resíduos Sólidos – 02/08/2010

https://www.canalsaude.fiocruz.br/canal/videoAberto/programa-nacional-de-residuos-solidos

Como nos organizamos diante das mudanças climáticas?

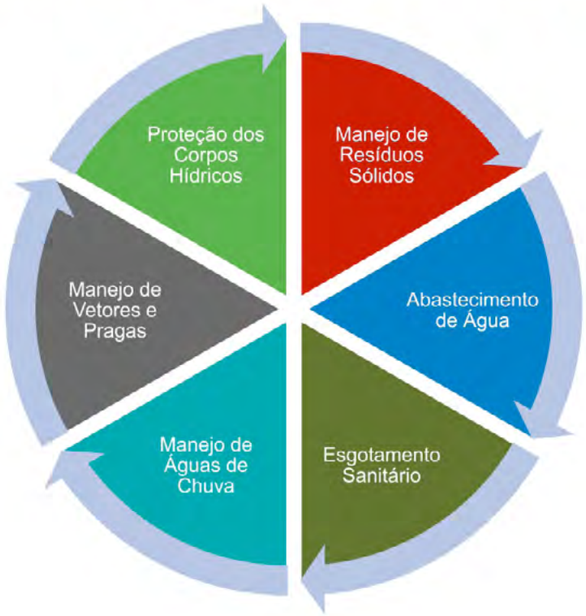




MEDIDAS DE MITIGAÇÃO, ADAPTAÇÃO E DE ENFRENTAMENTO DE DANOS

Saneamento Ambiental é determinante para Saúde Pública

4A



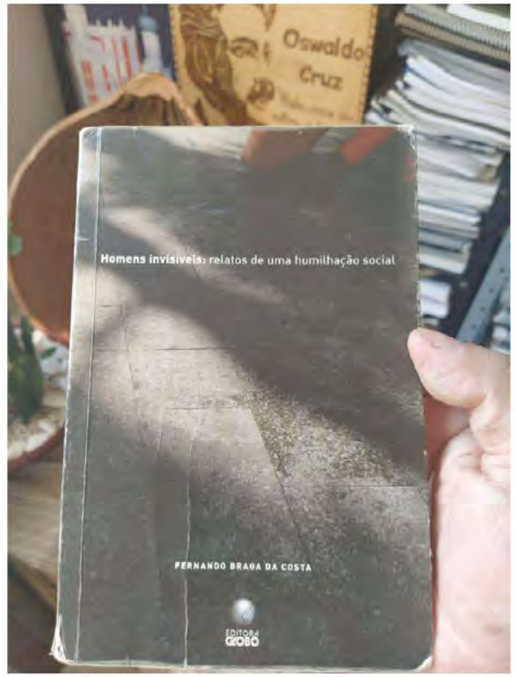
Lixão em Pacaraiama, Terra Indígena de São Marcos, Roraima
04 fev. 2024

Quando lixo se transforma em solo

A morte no lixão

A tragédia no Morro do Bumba, em Niterói, é o triste símbolo de décadas de irresponsabilidade do poder público

Fonte https://istoe.com.br/64153_A+MORTE+NO+LIXAO/



"Os garis abriram meus olhos. Alguma consciência emergiu. Passei a ver coisas que não via. Passei a ouvir coisas que não ouvia. Passei a sofrer por coisas pelas quais não sofria. Pano de fundo tornou-se figura..."

Fernando Braga da Costa

https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/garis-trabalhadores-da-saude

ATUAÇÃO INTEGRADA

AGENTES PÚBLICOS + AGENTES POPULARES

1. Trabalhadores do manejo de resíduos sólidos;
(garis, garis comunitários, catadores de resíduos sólidos);
2. Rede de escolas públicas;
3. UBS – Estratégia da Saúde Família / Vigilância em Saúde;
4. Sistema Assistência Técnica e Extensão Rural;
5. CRES (8.557 Centros de Referência de Assistência Social);
6. Nudec (Núcleo Comunitário de Defesa Civil);
7. Comitês de Bacia Hidrográfica, guardiões dos rios, agentes de reflorestamento, etc.

Somos o que produzimos, distribuímos, consumimos e descartamos
Resíduos sólidos é uma questão de saúde pública

NO MUNDO, MUITO DO QUE É PRODUZIDO É COMPLETAMENTE DESNECESSÁRIO

O que as famílias comem em uma semana em diferentes países

Fatores de Geração de RSU

- Poder aquisitivo
- Industrialização dos alimentos
- Evolução das embalagens
- Hábitos da população
- Fatores econômicos
- Fatores culturais
- Condições ambientais
- Sazonalidade
- Estilo de vida
- Manejo dos resíduos
- Etc.

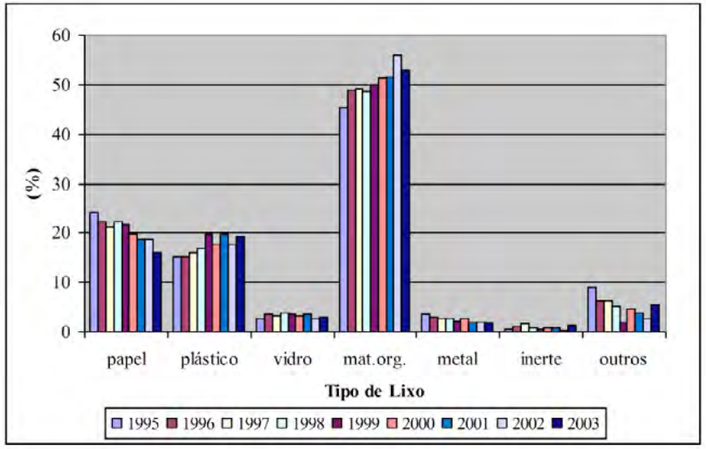
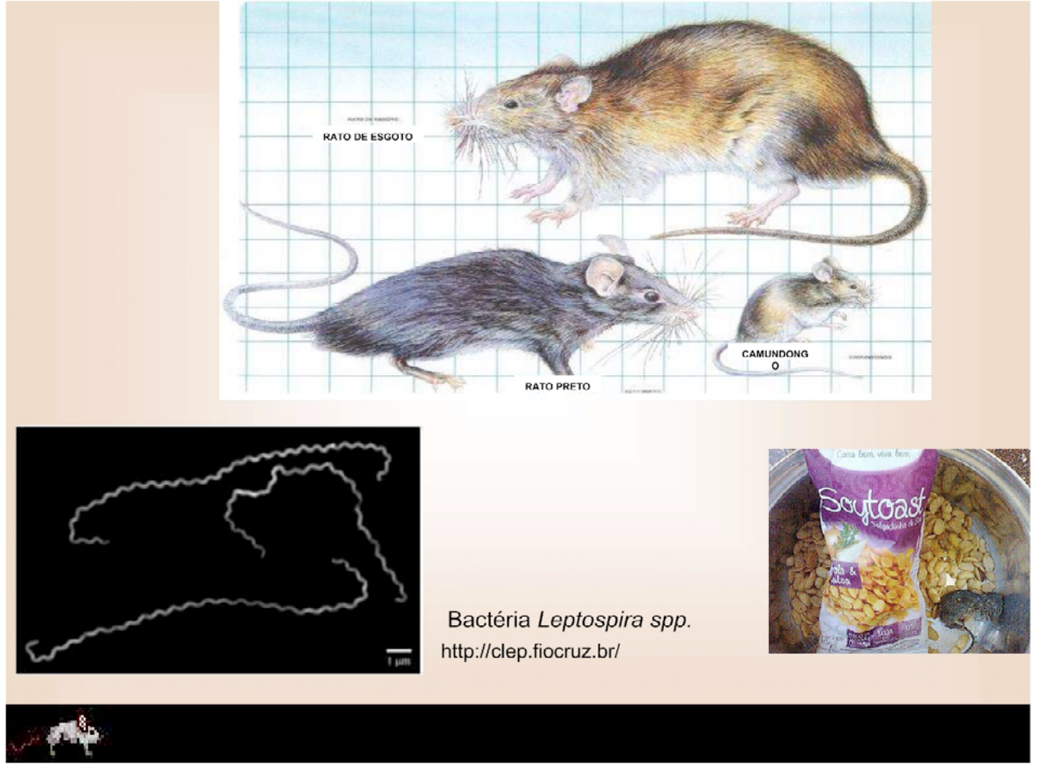


Figura: Média diária de lixo por tipo na cidade do Rio de Janeiro (Fonte: COMLURB, 2005)

Tempo de sobrevivência em dias de microrganismos patogênicos nos resíduos sólidos

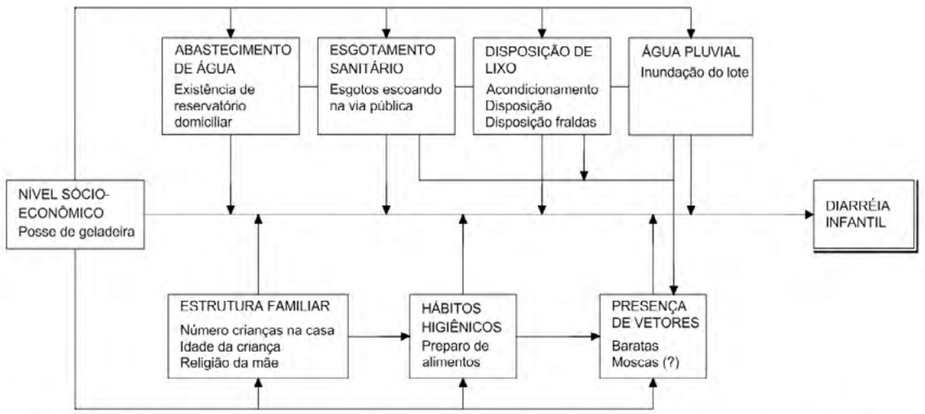
Microrganismo	Doenças	Tempo (dias)
Bactérias		
Salmonella typhi	Febre tifóide	29 - 70
Salmonella paratyphi	Febre paratifóide	29 - 70
Salmonella sp.	Salmoneloses	29 - 70
Shigella	Disenteria bacilar	02 – 07
Coliformes fecais	Gastroenterites	35
Leptospira	Leptospirose	15 – 43
Mycrobacterium tuberculosis	Tuberculose	150 – 180
Vibrio cholerea	Cólera	1 – 13
Virus		
Enterovirus	Poliomielite	20- 70
Helmintos		
Ascaris lumbricoides	Acaridiase	2000 - 2500
Trichuris trichiura	Trichiuriase	1800
Larvas de ancilóstomos	Ancilostomose	35
Outras larvas de vermes	-	25 - 40
Protozoários		
Entamoeba histolytica	amebíase	8 -12

Fonte: Manual do Saneamento. 4ed.rev. Funasa, 2006.



Interdependência entre os componentes do saneamento

Modelo multicausal de diarréia infantil em Betim, MG.



HELLER, Leo *Saneamento e Saúde*. Brasília: OPAS/OMS. Escritório Regional da Representação do Brasil. 1997. 97 p.

O Aedes não faz Quarentena

#aedesnaofaz40ena:A água acumulada em poças, ou mesmo por conta de alagamentos e transbordamento de rios, pode virar criadouro para o mosquito Aedes aegypti. Isso precisa ser evitado. Se o rio da sua região está como o da imagem, exija da prefeitura os serviços de dragagem e limpezas das bocas-de-lobo (bueiros). Isso não é favor, é direito.

Este conteúdo é parte da série "O Aedes não faz quarentena!", uma iniciativa do Projeto Zika – Pesquisa Científica e Tecnológica para Inovação em Educação e Comunicação para prevenção da Zika e doenças correlatas nos territórios. Nas próximas semanas, vai sempre rolar conteúdo novo sobre dengue, zika e chikungunya por aqui! Se liga e espalha pra geral!

O Aedes não faz Quarentena

#aedesnaofaz40ena:Todos os dias, moradores de qualquer região geram resíduos sólidos (lixo) e material para descarte. Reutilizar e reciclar são boas saídas e as cooperativas podem gerar renda, mas nem tudo é de responsabilidade dos moradores. A prefeitura tem o dever de fazer a coleta frequente de resíduos na sua comunidade. Faça valer seu direito.

Este conteúdo é parte da série "O Aedes não faz quarentena!", uma iniciativa do Projeto Zika – Pesquisa Científica e Tecnológica para Inovação em Educação e Comunicação para prevenção da Zika e doenças correlatas nos territórios. Nas próximas semanas, vai sempre rolar conteúdo novo sobre dengue, zika e chikungunya por aqui! Se liga e espalha pra geral!

Etapas do manejo dos resíduos sólidos

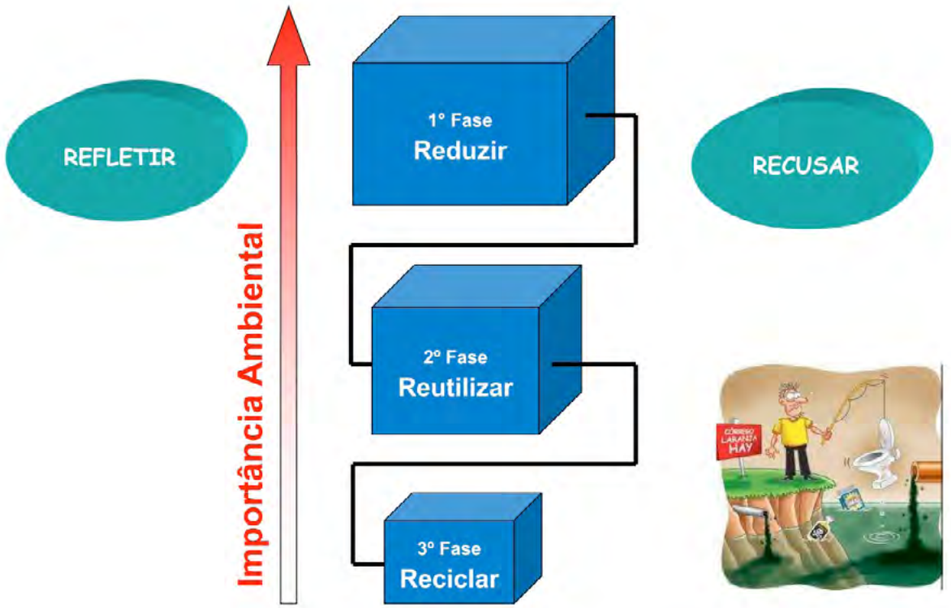
Manuseio: conjunto de atividades, equipamentos e dispositivos domésticos no manejo dos resíduos até à sua coleta;
Segregação: separação dos resíduos nos seus diferentes tipos ou nas suas frações no local gerado. Depende do tipo de coleta, programas de reciclagem e refere-se à forma de separar os diferentes tipos de resíduos, seja em secos ou úmidos ou nas subdivisões em resíduos orgânicos: madeira, papel e papelão; e inorgânicos: plástico, vidro, metal, resíduos perigosos, resíduos de serviços de saúde, radioativos ou não passíveis de separação;
Acondicionamento: ato ou efeito de embalar os resíduos sólidos para seu transporte. São colocados em recipientes adequados, como sacos plásticos, lixeiras públicas, recipientes com tampa e alça, caçambas, *containers* etc;
Coleta: realizada de acordo com as características de cada lugar, devendo ser periódica (dias e horário marcados) e regular (não haver interrupção). Existem coletas regulares (domiciliares, feiras, praias e calçadões, varredura e de saúde), seletivas, especiais e de particulares;

Etapas do manejo dos resíduos sólidos

Varrição, capina e limpeza de logradouros: conjunto de atividades para remoção dos resíduos, limpeza e conservação de logradouros e áreas públicas;
Transporte: transferência física dos resíduos coletados até uma estação de transbordo, de tratamento ou disposição final;
Tratamento: atividades que alterem qualiquantitativamente as características dos resíduos com vistas à redução, reaproveitamento, valorização, inativação, facilitar sua movimentação ou disposição final.
Destinação final ambientalmente adequada: inclui a reutilização, a reciclagem, a compostagem, vermicompostagem, a recuperação e o aproveitamento energético, ou outras destinações admitidas pelos órgãos competentes, entre elas a disposição final;
Disposição final ambientalmente adequada: distribuição ordenada de rejeitos em aterros, observando normas operacionais específicas de modo a evitar danos ou riscos à saúde pública e à segurança e a minimizar os impactos ambientais adversos.

Os Caminhos dos RSU

O Caminho dos 5R



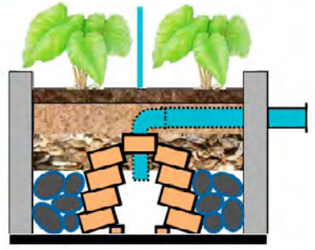
Informativo Comlurb

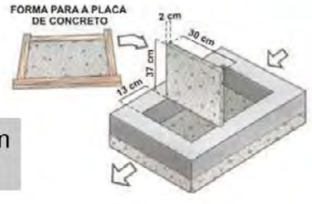
Fertilizantes da Comlurb serão usados em reflorestamento da cidade

A Comlurb vai produzir as 5.250 toneladas de composto orgânico que serão usadas no programa Rio Capital Verde, ação de reflorestamento em 1.500 hectares na cidade, com 3,7 milhões de mudas, que a Prefeitura irá fazer até 2012. Batizado de Fertilurb, o fertilizante é produzido na Usina do Caju a partir do lixo orgânico recolhido pela coleta domiciliar. O programa da Prefeitura, em parceria com as Secretarias Municipais de Meio Ambiente e de Conservação e Serviços Públicos, é para atingir a meta de redução das emissões de gases do efeito estufa em até 20% até 2020 na cidade.

Saneamento ecológico na Praia do Sono, Paraty, RJ

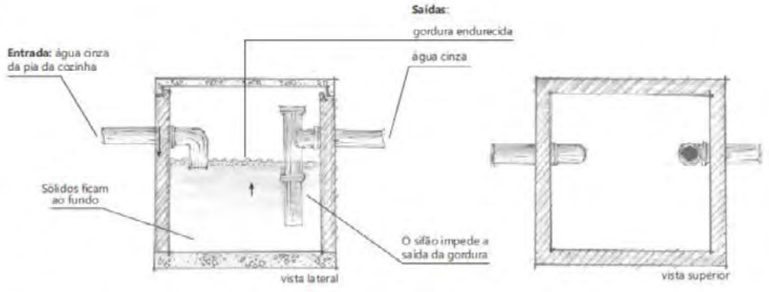
https://www.otss.org.br/saneamento-ecologico





Os resíduos sólidos mudam ao longo do tempo

Caixa de gordura



Descrição: Utilizada para separação de gorduras, principalmente do efluente da pia da cozinha, evitando o entupimento de tubulações e sistemas de tratamento.

Construção/montagem: Podem ser compradas prontas ou construídas em alvenaria ou fibra de vidro.

Funcionamento: As gorduras, ao resfriarem, formam uma camada espessa acima da superfície da água (flotam). Os sólidos, por serem mais pesados, decantam ao fundo da caixa.

Dimensionamento: Seu volume deve ser proporcional à quantidade de refeições servidas no estabelecimento. Para uma residência padrão, deve ter, no mínimo, 18 litros.

Operação/manutenção: Retirada da escuma pelo menos a cada 6 meses. A gordura pode ser enviada para a compostagem.

Adequação: Não é necessária quando o efluente for direcionado a sistemas envolvendo compostagem (Ex: círculo de bananeiras).

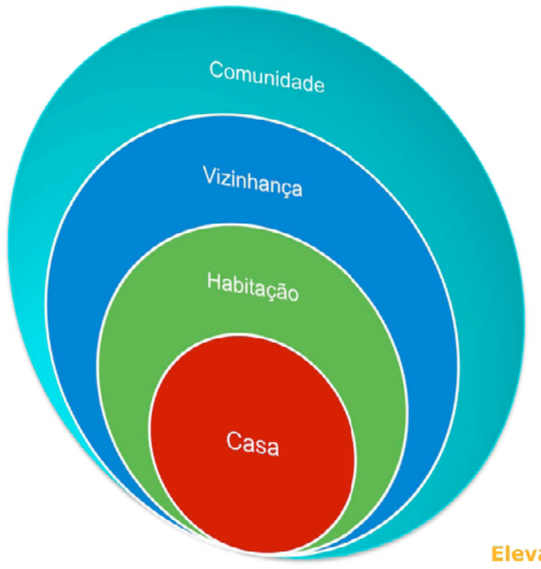
Custo: Baixo

Tipo de mão de obra: Simples

Norma: NBR 8160/1999

Caixa 27 x 27 x 25 cm = 18.225 cm3 = 18L
Caixa 30 x 30 x 30 cm = 27L
Caixa 50 x 50 x 50 cm (diminui a frequência de limpeza)

"AS FALAS DO LIXO"



Elevador do Castelo
O mais antigo elevador ainda em atividade no Rio de Janeiro (1909).
Foto: Acervo COC.

Terra Indígena Yanomami Ariabú e Maturacá (2023)

Travessia:
Nos caminhos das águas

Mutirão:
Cuidar da Comunidade
Indígena sem Lixo

Vigilância Popular em Saúde

https://www.youtube.com/@vigiapovo

As inundações estão aumentando de recorrência e de intensidade

Manguinhos,
13/03/2018

4.2 - Viviane Japiassu Viana

Jornada Ciência e Comunidade | 12 de fevereiro de 2024

RESÍDUOS SÓLIDOS E DESASTRES

Profa Dra Viviane Japiassú Viana

IFRJ e UVA

viviane.viana@ifrj.edu.br

Foto: Petrópolis. Folha UOL. 15/02/2022

INSTITUTO FEDERAL
Rio de Janeiro
Campus Rio de Janeiro

UVA

MPCMA
MESTRADO PROFISSIONAL

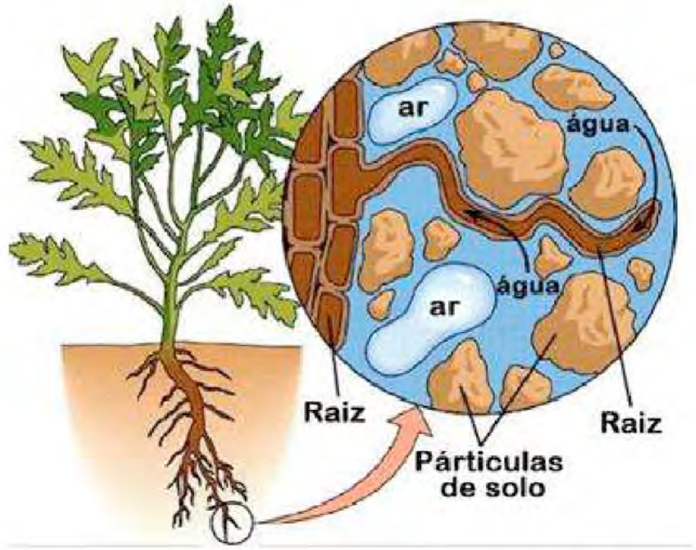
Desastre

Resultado de **evento adverso**, de origem natural ou induzido pela ação humana, **sobre ecossistemas e populações vulneráveis** que causa **significativos danos humanos, materiais ou ambientais e prejuízos econômicos e sociais**;

Política Nacional de Proteção e Defesa Civil - LEI Nº 12.605/2012

Solo

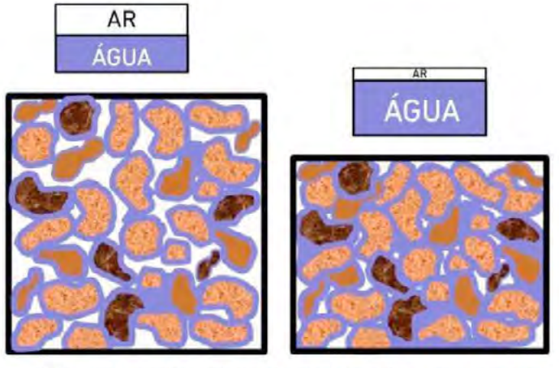
- Água
- Ar
- Partículas
- Microorganismos



Gênese e morfologia do solo, Gomes)

Solo e água

- Água entre os espaços vazios
- Saturação



Fonte: https://gramalegal.com/blog/tolerancia-de-gramados-a-compactacao-do-solo

Movimentos de Massa

Causas naturais

- Condições climáticas
- Chuvas intensas (alta pluviosidade)
- Maciços montanhosos
- Relevo íngreme
- Solo raso

Fonte: https://ilhadoconhecimento.com.br/enchentes-e-deslizamentos/

Movimentos de Massa

Atividades humanas

- Cortes em talude
- Aterros e depósitos de lixo
- Modificações na drenagem
- Desmatamentos

Foto: Freepik

Resíduos na encosta

- Absorve umidade
- Gera chorume
- Aumenta a carga na encosta

AUMENTA RISCOS DE DESLIZAMENTOS

Foto: Freepik

O **alagamento** ocorre quando as **galerias de drenagem não conseguem escoar a água** da chuva devido a **entupimento ou bloqueio** por lixo (sacolas, folhas, entulhos) e sedimentos (areia, restos de obra...); sistemas subdimensionados ou defasados, **impactando a rotina urbana.**

Na **cheia ou enchente**, o **nível da água sobe**, mas **não ocorre transbordamento**. Este **fenômeno natural e sazonal**, quando não é considerado na ocupação urbana, **afeta** repetidamente as **comunidades instaladas dentro do leito do rio**, causando danos e prejuízos.

Na **inundação**, o **nível** dos rios **sobe gradualmente**, causando **transbordamento** e **atingindo áreas** que **geralmente não** são **alcançadas** por estas águas. Costumam estar associadas a **grandes volumes de chuvas concentradas**, e podem causar **danos e prejuízos** significativos.

A **enxurrada** resulta do escoamento superficial em **áreas de relevo acidentado** (encostas, declives, ladeiras etc) e possui **grande poder destrutivo**. Estas **podem arrastar** pessoas, objetos e até veículos, tamanha a **força e velocidade** com que as águas se deslocam neste fenômeno.

A **inundação costeira** ocorre quando a **água do mar excede a altura normal da maré alta, atingindo as praias e áreas costeiras**, podendo impactar estruturas da orla. *As mudanças climáticas tendem a ampliar as áreas vulneráveis a estes fenômenos.*

Resíduos nas ruas

- Entopem bueiros
- Obstruem galerias de drenagem
- São arrastados para os rios
- Impedem a passagem da água

AUMENTAM RISCOS DE ALAGAMENTO

Resíduos nos rios

- Poluem as águas
- Se acumulam no fundo
- Diminuem o espaço para a água passar
- Obstruem galerias de drenagem

AUMENTAM RISCO DE ENCHENTES

APÓS O DESASTRE

Resíduos Vegetais

Foto: Folha UOL, 15/02/2022
https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/02/fortes-chuvas-matam-ao-menos-104-pessoas-em-petropolis-rj.shtml

Materiais: Vegetação como árvores caídas, vidros e madeiras

Resíduos gerados por desastres

APÓS O DESASTRE

Entulho

Foto: SBT News, 18/02/2022
https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/primeiro-impacto/197705-petropolis-amanhece-sob-chuva-fina-e-novos-deslizamentos

Materiais:

- Madeira, cavacos de madeira, resíduos de madeira (como pilar, material de parede de viga), artigos volumosos, cabos
- Concreto/tijolos *O amianto deve ser categorizado como perigoso
- Aço, vergalhão, material de alumínio etc.

Resíduos gerados por desastres

APÓS O DESASTRE
Veículos

Foto: UOL Notícias, 18/02/2022
https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/02/18/carros-petropolis.htm

Resíduos gerados por desastres

APÓS O DESASTRE
Resíduos de serviços de saúde

Foto: UOL Notícias, 18/02/2022
https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/02/18/carros-petropolis.htm

Resíduos gerados por desastres

O que são resíduos sólidos?

material, substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade, a cuja destinação final se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólido ou semissólido, bem como gases contidos em recipientes e líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou em corpos d'água, ou exijam para isso soluções técnica ou economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia disponível;

Política Nacional de Resíduos Sólidos - LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010.

O que são rejeitos?

resíduos sólidos que, **depois de esgotadas todas as possibilidades de tratamento e recuperação** por processos tecnológicos disponíveis e economicamente viáveis, não apresentem outra possibilidade que não a disposição final ambientalmente adequada;

Política Nacional de Resíduos Sólidos - LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010.

O que são resíduos perigosos?

Aqueles que em razão de suas características de **inflamabilidade**, **corrosividade**, **reatividade**, **toxicidade**, **patogenicidade**, **carcinogenicidade**, **teratogenicidade** e **mutagenicidade**, apresentam significativo risco à saúde pública ou à qualidade ambiental, de acordo com lei, regulamento ou norma técnica;

Política Nacional de Resíduos Sólidos - LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010.

É proibido...

- lançamento em praias, no mar ou em quaisquer corpos hídricos;
- lançamento in natura a céu aberto, excetuados os resíduos de mineração;
- queima a céu aberto ou em recipientes, instalações e equipamentos não licenciados para essa finalidade;
- outras formas vedadas pelo poder público.

Política Nacional de Resíduos Sólidos - LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010.

Destinação ambientalmente correta

- Reutilização
- Reciclagem
- Compostagem
- Recuperação
- Aproveitamento energético
- outras

Política Nacional de Resíduos Sólidos - LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010.

Destinação ambientalmente correta

- Observar normas operacionais específicas;
- Evitar danos ou riscos à saúde pública e à segurança e a minimizar os impactos ambientais adversos;
- Redução do volume e da periculosidade dos resíduos perigosos;

Política Nacional de Resíduos Sólidos - LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010.

Obrigada!

4.3 - Cibele Vieira Figueira

Tema 3

Gestão de Lixo Orgânico

Jornada Ciência e Comunidade

Cibele Vieira Figueira

Porque estamos aqui?

Desequilíbrio Ecológico

Ambiental

Social

Econômico

A QUESTÃO MUNDIAL

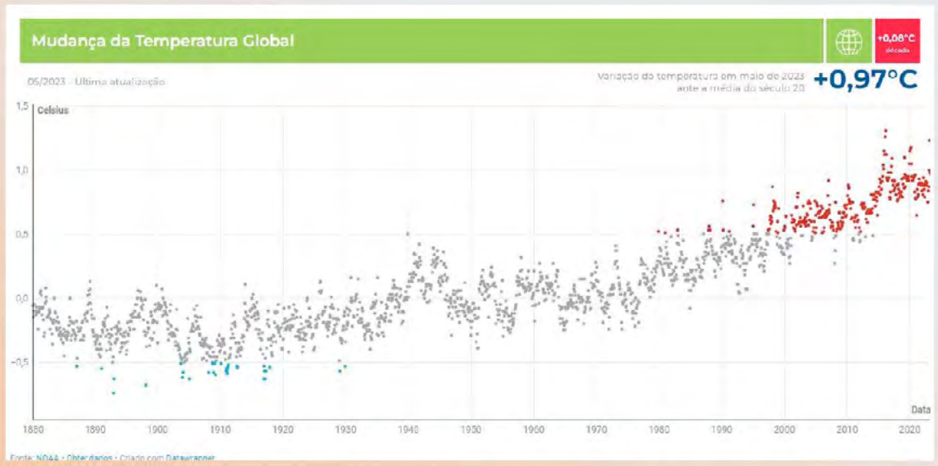
PLANETA TERRA

Aquecimento global
Pegada ecológica
Dados e análises
Sobrecarga Terrestre
Desequilíbrio ecológico
Mudar a lógica atual

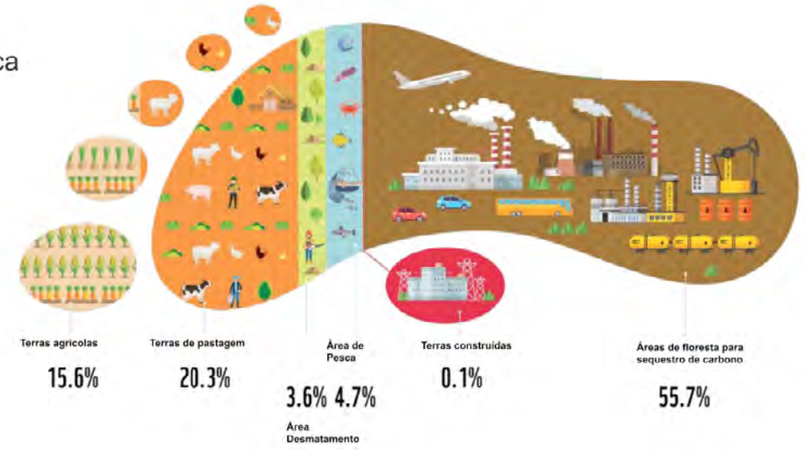
A QUESTÃO MUNDIAL
PLANETA TERRA
Aquecimento global

Cena do filme Blade Runner
1982

Arte: Luana Machado/Foto: Prevfogo/Flickr
O País Tropical queima: incêndios florestais ameaçam biomas brasileiros. Out/2021
https://www.portalfiocruz.org.br/index.php/2021/10/o-pais-tropical-queima-incendios-florestais-ameacam-biomas-brasileiros/



A QUESTÃO MUNDIAL
PLANETA TERRA
Pegada Ecológica



A QUESTÃO MUNDIAL
PLANETA TERRA
Pegada Ecológica

Metodologia de contabilidade ambiental que avalia a pressão de consumo das populações humanas sobre os recursos naturais.

Permite comparar diferentes padrões de consumo e verificar se estão dentro da capacidade ecológica do planeta. Medido em hectares globais por pessoa (HGA).

PERMITE MEDIR O IMPACTO HUMANO NO PLANETA.

A QUESTÃO MUNDIAL
PLANETA TERRA
Dados e Análises

GHA – *Hectares Globais*

Um hectare global significa um hectare de produtividade média mundial para terras e águas produtivas em um ano por habitante. Permite comparar diferentes padrões de consumo e verificar se estão dentro da capacidade ecológica do planeta..

MÉDIA MUNDIAL DA PEGADA ECOLÓGICA - 2,7 HGA

Fonte: Ecological Footprint Atlas 2010

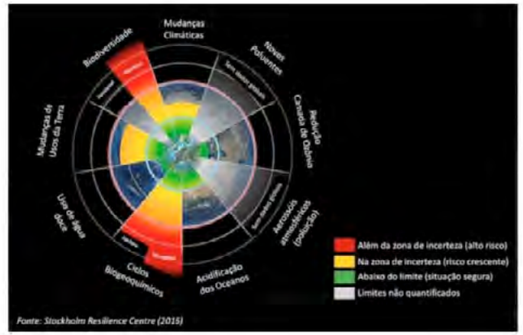
CAPACIDADE DA SUPERFÍCIE TERRESTRE – 1,8 hectares globais por pessoa

A QUESTÃO MUNDIAL
PLANETA TERRA
Desequilíbrio
ecológico

A ERA DO ANTROPOCENO

Aunque los humanos no han habitado la Tierra durante mucho tiempo, ya dejan marcas que son difíciles de borrar.

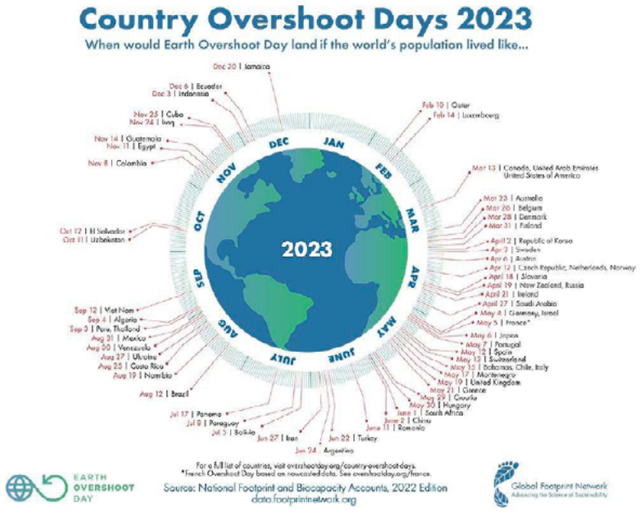
Las actividades humanas, desde la agricultura hasta la producción de materiales como el plástico, el hormigón y la energía nuclear, alteran la Tierra creando un nuevo tiempo geológico, el Antropoceno.



A QUESTÃO MUNDIAL
PLANETA TERRA
Sobrecarga
Terrestre

O Dia da Sobrecarga da Terra é uma data global que marca o momento em que a humanidade consumiu todos os recursos naturais que o planeta é capaz de renovar durante um ano. Em média, o défice ocorre entre junho e julho.

Em 2020, devido à redução das atividades económicas devido à pandemia da Covid-19, o pico ocorreu no dia 22 de agosto – há 15 anos a data não acontecia tão tarde. (previsão para 2023 – 2 de agosto)



A QUESTÃO MUNDIAL
PLANETA TERRA
Desequilíbrio
ecológico

CIDADES

Construção física do desequilíbrio ecológico

DESEQUILIBRIO AMBIENTAL
DESIGUALDADE SOCIAL
DESIGUALDADE ECONÓMICA

A QUESTÃO MUNDIAL

PLANETA TERRA

Mudar a lógica atual

Economia a curto prazo – Catástrofes de longo prazo

Modelo de desenvolvimento insustentável:

produtivista
consumista
crescimentista
desenvolvimentista

Fritjof Capra – físico e teórico austríaco

ECONOMIA LINEAR

CONSUMO E DESCARTE

Extrair, Transformar, Descartar.
Extração crescente e insustentável de recursos, gerando um colapso no sistema além da escassez de materiais diversos.

ECONOMIA CIRCULAR

RESTAURADOR E REGENERATIVO

Todo desperdício é um erro de projeto;
Prosperar reduzindo a dependência de materiais finitos e fontes de energia não renováveis;
Fabricar numa lógica cíclica, prolongando a vida útil dos produtos, construindo processos focados na reutilização, transformação e reciclagem, gerando produtos com maior valor agregado.

A ERA DOS RESÍDUOS

O LIXO É UMA INVENÇÃO HUMANA, UMA HERANÇA MALDITA, UMA INVENÇÃO NÃO NATURAL.

André Trigueiro

QUANTITATIVOS GLOBAIS

Nos últimos 30 anos, o lixo produzido no mundo foi ***três vezes maior*** que o crescimento populacional. Atualmente equivale a ***30 bilhões de toneladas.***

De acordo com o organismo da ONU, ***99% dos produtos que compramos são jogados fora dentro de seis meses***. Para acomodar os 7,8 bilhões de moradores do mundo, suprir o uso de recursos e absorver o lixo gerado, seria necessário ***70% de outro planeta Terra***.

Alemanha é exemplo. Praticamente todo lixo é reciclado, reaproveitado ou utilizado para geração de energia, apenas 1% vai para aterros sanitários. O país só alcançou estas metas devido a *políticas* como a de proibir remessa de lixo doméstico ou industrial sem tratamento para aterros desde 2005. Além disso, entre 2002 e 2010 o total de resíduos caiu 3,5 milhões de toneladas.

TIPOS DE RESÍDUOS

Na matéria ***"De onde vem lixo produzido no mundo"*** do jornal Estadão em setembro de 2011, alertava que os países que não reciclam resíduos sólidos provenientes dos diferentes setores, ***perdem dinheiro.***

Segundo site da ONU são produzidos por ano mais de ***2 bilhões de toneladas*** de resíduos no mundo.

2020

Marco Legal do Saneamento Básico

Resolução nº 79/2021 (Norma de Referência nº 1), que dispõe sobre o regime, a estrutura e parâmetros da cobrança pela prestação do serviço público de manejo de resíduos sólidos urbanos, bem como os procedimentos e prazos de fixação, reajuste e revisões tarifárias.
Prevê a extinção dos lixões no país.

https://www.youtube.com/watch?v=jt8KHXjmXZA&t=383s

RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS NO BRASIL

O Brasil coleta aproximadamente ***183 mil de toneladas de resíduos por dia***, o que significa uma média de 401,5 kg de lixo por ano para cada brasileiro (e 1,1 kg/dia), segundo o plano Nacional de Resíduos Sólidos.

De tudo que é gerado, ***31,9% tem potencial de ser reciclado*** (plástico, vidro, metal e papel). ***51,4% são orgânicos*** – passíveis de compostagem – e os ***16,7% são rejeitos***.

AMPLIANDO O CICLO – VALOR AGREGADO

ABATEDOURO DE AVES, BOVINOS E/OU SUÍNOS

Abatedouros, matadouros e frigoríficos são considerados agroindústrias e seus resíduos são muito volumosos e apresentam alto valor de matéria orgânica, o que pode causar sérios problemas ambientais. No caso das aves, os efluentes são gerados nas lavagens de pisos e das instalações de diversas fases da produção como área de recebimentos das aves; lavagens das caixas utilizadas no transporte; sala de abate; sala de sangria; depenagem mecanizada; congelamento e expedição. Já para bovinos e suínos, os efluentes são gerados em diversas fases como águas de banho, limpeza de pocilgas e currais, lavagem da sala da sangria, da carcaça, limpeza de equipamentos e graxaria, além das águas de cozimento de embutidos.

Vários tipos de resíduos podem passar por tratamentos biológicos, visando à reciclagem e preservação do meio ambiente. Muitos desses resíduos podem ser reutilizados como rações ou fertilizantes.

Quando não tratados, os resíduos podem ser focos de proliferação de insetos, roedores e de doenças.

RECURSOS RENOVAVEIS– BIOMASSA

CASCA DE ARROZ

O arroz é a terceira maior cultura cerealífera do mundo, ultrapassada apenas pelas de milho e trigo. O Brasil se encontra em nono lugar na produção mundial de arroz e 70% se origina no Rio Grande do Sul. A safra do Estado ultrapassa 8,7 milhões, tendo como principais cidades produtoras Alegrete, Itaqui e Uruguaiana. A casca de arroz representa 22% da colheita.

Nesta região se instalou indústria química para aproveitamento desta fonte renovável na geração de novos produtos. Assume o manejo, licenciamento e transporte da fonte e a utiliza para queima, produzindo energia elétrica (atualmente produz energia equivalente a uma cidade de 200 mil habitantes). Das cinzas produz o silício (produto derivado do quartzo), material que é utilizado em diversos comodites utilizada por empresas de detergentes, corretores de solo e artefatos de borracha. Com isso fecha-se o ciclo para o equilíbrio.

De um prejuízo ao meio ambiente veio um benefício para todos

FABRICAÇÃO DE COMPOSTO ORGÂNICO

RESTOS VEGETAIS ORIUNDOS DE ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS

O composto orgânico é um adubo de uso rotineiro nas propriedades orgânicas, especialmente nas de pequeno porte. Apresenta-se como excelente forma de aproveitamento dos restos vegetais oriundos da atividade agropecuária. Para obtenção de um composto de qualidade é necessário combinar resíduos ricos em carbono, como capins, com outros materiais ricos em nitrogênio como palhada de feijão ou estercos de animais.

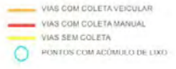
Centenas de milhões de toneladas de materiais orgânicos são geradas anualmente no Brasil, e o aproveitamento desses materiais é fundamental para promover a sustentabilidade agrícola e a conservação do ambiente.

A compostagem é uma tecnologia que busca aumentar a eficiência dos processos de reciclagem de resíduos orgânicos, de modo que possam ser reaproveitados na agricultura com segurança.

Lixo Orgânico

Industrial

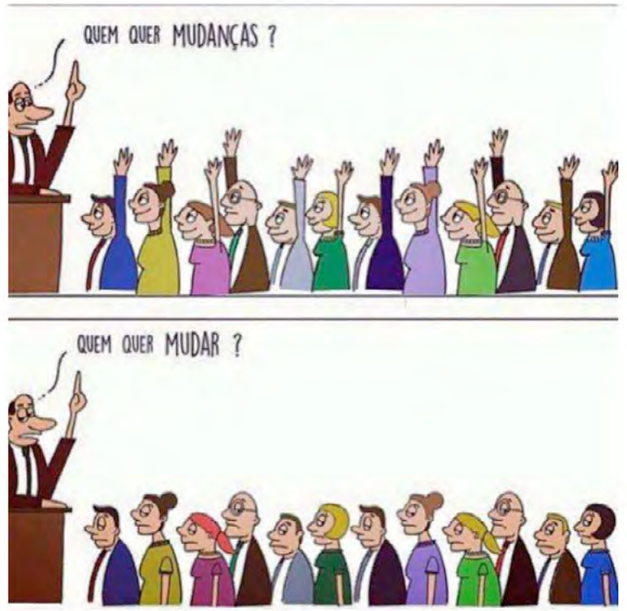
Residencial



Declividade Acentuada

Alagamentos

MINHO MACK
COMPOSTAGEM
NOVA
LÓGICA
COMPOSTA
SÃO PAULO
Um movimento por uma cidade mais sustentável!
ATUANDO EM DIFERENTES ESCALAS
• Projetos para promover a reciclagem empresarial.
• Distribuição de contentores de compostagem doméstica.
• Educação para minimizar 50% do lixo urbano


QUEM QUER MUDANÇAS ?
QUEM QUER MUDAR ?

transporte público
alimentação saudável
reestruturação produtiva
resíduos sólidos
recuperação dos mananciais
inclusão dos jovens
ligue
pobreza extrema
projetos de escala metropolitana
os
vulnerabilidade social
tecnologia e inovação
expansão urbana sobre áreas sensíveis
pontos.
ilhas de calor
acesso ao emprego e infraestrutura
transparência e participação social
drenagem urbana
economia circular
desenvolvimento econômico de centralidades locais
Articulando atores fomentando novos serviços
Dados e Evidências
Coletar dados sobre a zona rural e a agricultura de São Paulo para apoiar a formulação de uma política pública melhor e para todos
Fortalecimento da Agricultura
Oferecer Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) a todos os agricultores da zona Rural Sul, independente do tipo de produção
Cadeia de Valor
Fortalecer o acesso à mercados e incentivar novos negócios relativos à agricultura e à cadeia do alimento dentro e fora da propriedade

FUTURO
DESEJADO

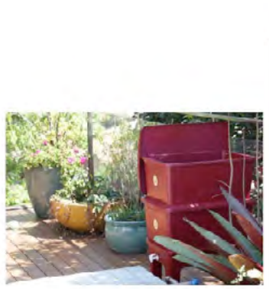
Compostagem residencial

Minhoca na Cabeça

Grupo Público · 12,4 mil membros

+ Convidar | Compartilhar | Entrou

Lixo Orgânico
Compostagem Residencial



BIOFERTILIZANTE

- Líquido de cor escura que tem cheiro de terra.

- É proveniente da compostagem, que é um processo de fermentação aeróbia, ou seja, com presença de oxigênio durante o processo.

- Não é tóxico para o solo, nem para as plantas ou para as pessoas.

- Pelo contrário, é rico em diversos minerais essenciais para o crescimento e desenvolvimento das plantas.

@FFDESIGN + @MBOLLENTINI

CHORUME

- Líquido de cor escura que tem cheiro fétido.

- É proveniente da compostagem anaeróbia, que acontece sem a presença de oxigênio e, por isso, acumula partículas que formam mal odor. Geralmente ocorrem nos lixões devido ao empilhamento de toneladas de lixo.

- Se mistura à diversas toxinas presentes nos aterros sanitários e além do cheiro fétido, também é tóxico ao toque.

- É 200 vezes mais tóxico do que o esgoto.

@FFDESIGN + @MBOLLENTINI

Fonte: Bernardo Marques – ECOlabora. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=7b31V35fPc&t=454s

Porque Compostar?

A preocupação com a questão do descarte correto de resíduos é responsabilidade de todo cidadão, que além de fiscalizar e cobrar o poder público, pode contribuir com pequenas atitudes sustentáveis no dia-a-dia, como a compostagem.

O Brasil é o 4° maior produtor de lixo do mundo, atrás apenas de Estados Unidos, China e Índia, de acordo com a World Wide Fund for Nature (WWF). Mais da metade dos resíduos são de matérias orgânicas.

1- Uma alternativa sustentável para descarte de resíduos
2- Aumento da vida útil dos aterros sanitários
3- Economia de recursos públicos
4- Geração de fertilizantes naturais
5- Consciência dos alimentos consumidos e dos resíduos produzidos

O QUE COMEMOS?

- Alimentação natural
- Alimentação e fome
- Valor nutricional
- Valor
- Consequências
- Impacto

REPENSAR PROCESSOS

A população mundial quadruplicou em 100 anos.

1/3 da produção de alimentos para consumo humano se perde ou desperdiça.

Segundo a ONU, o mundo produz alimentos suficientes para abastecer a população mundial.

30% da população mundial (2.300 milhões de pessoas) padece de insegurança alimentar. Deste grupo, 811 milhões (10%) passam fome.

Muito obrigado

cibele.figueira@pucrs.br

4.4 - Jennifer Thaís Santos Fernandes

Serviços prestados:

- Coleta Seletiva Residencial
- Coleta Seletiva em Grandes Geradores
- Gestão dos Resíduos em Eventos
- Formação para catadores e gestores de resíduos alinhadas aos princípios da economia solidária

Atuação em Itabirito - MG

- 53 Bairros
- 5 Zonas Rurais
- 16 Grandes Geradores

Impactos socioambientais

- 40 toneladas de resíduos mês recuperados*
- 22 milhões litros de água poupados*
- Mais de 20 milhões de árvores poupadas*
- Economia de R$238 milhões em custos de aterramento*

*Cálculos referentes a 3 anos de trabalho feitos pela Ferramenta Calculadora Ambiental cedida pelo Inea.

4.5 -Marina Rodrigues

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

FÓRUM ITABORAÍ:
POLÍTICA, CIÊNCIA E CULTURA NA SAÚDE

O OLHAR DA VILA LEOPOLDINA SOBRE A QUESTÃO DO LIXO

INFORMAÇÕES COLETADAS A PARTIR DE RELATOS DE MORADORAS E MORADORES

Aspectos positivos

1. Algumas moradoras tentam preservar o espaço, limpando a área no entorno de suas casas

2. Há moradoras que plantam medicinais e cultivam ornamentais em vasos

3. O trabalho do Sr. Angelino, que coleta latas e metais para reciclagem é admirado no local

4. Histórico de mutirões dos moradores para iniciativas de manejo do lixo

Reconhecimento de melhorias em algumas questões ligadas ao lixo

Aspectos negativos

1. Faltam informações sobre os dias de coleta

2. O esgoto é despejado no rio

3. Questão haitacional e o manejo dos resíduos são questões graves

4. Riscos de enchentes e alagamentos que já causaram desabrigamentos e doenças

5. Famílias incluídas em programas de aluguel social retornaram às suas casas, por não se adaptaram à mudança

A falta de infraestrutura básica e o descarte inadequado de resíduos são desafios que impactam a qualidade de vida e a saúde dos moradores

Propostas

* Reflorestar os terrenos baldios e colocar câmera para monitorar
* Estimular a criação de cooperativas de catadores pela cidade
* Atividades escolares com as crianças sobre as questões relacionadas ao lixo
* Fazer campanha sobre o risco de deslizamento por causa do lixo
* Colocar coletores com tampa em alguns pontos e agendar data de coleta
* COMDEP contratar Gari comunitário
* Criar um espaço para os catadores

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

FÓRUM ITABORAÍ:
POLÍTICA, CIÊNCIA E CULTURA NA SAÚDE

Aqui somos SUS

MINISTÉRIO DA SAÚDE

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Fórum Itaboraí: Política, Ciência e Cultura na Saúde

O OLHAR DA VILA RICA DE BAIXO SOBRE A QUESTÃO DO LIXO

INFORMAÇÕES COLETADAS A PARTIR DE RELATOS DE MORADORAS E MORADORES

Aspectos positivos

1. No terreno que era um lixão, o morador que o recuperou cultiva milho

2. Várias pessoas cultivam horta e medicinais, e até mesmo alguém que possui um pomar

3. Três moradoras fazem reciclagem de materiais

4. Em 2023, a Escola desenvolveu com os alunos um projeto sobre Reciclagem

5. Há locais que ficam limpos graças aos cuidados de moradoras

Há possibilidade de introduzir jardinagem comunitária e áreas/quintais com ervas medicinais, hortaliças, frutíferas e ornamentais

Aspectos negativos

1. Não há medidas impeditivas, nem fiscalização, das construções sobre os bueiros, cujas estruturas não suportam a água que desce do morro

2. Contaminação de quem se arrisca a limpar o valão imundo que deságua no conjunto BNH

3. Entulho é descartado de forma inadequada; cães espalham o lixo

4. Falta de uma associação de moradores dificulta a organização comunitária

Não existe mais espaço coletivo. As áreas passíveis de cultivo foram ocupadas e cercadas. Uma das três quadras esportivas fica alagada, quando chove

Propostas

* Reforçar fiscalização e controle de construções, investir em prevenção, em espaços verdes, avaliar riscos e fazer parcerias para as melhorias
* Criação de hortas e jardins comunitários para alimentação, prevenção de deslizamentos e embelezamento
* Levantamento de terrenos baldios e sua ocupação com cultivo de hortas comunitárias
* Campanhas educativas sobre manejo adequado de resíduos e sobre riscos de doenças relacionadas ao lixo
* Limpeza e desassoreamento do córrego
* Investimento na revitalização das áreas degradadas

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Fórum Itaboraí: Política, Ciência e Cultura na Saúde

Aqui somos SUS

Ministério da Saúde
Governo Federal
Brasil União e Reconstrução

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Fórum Itaboraí: Política, Ciência e Cultura na Saúde

O OLHAR DO SANTA EDWIGES SOBRE A QUESTÃO DO LIXO

INFORMAÇÕES COLETADAS A PARTIR DE RELATOS DE MORADORAS E MORADORES

Aspectos positivos

1. Valorização da manutenção do espaço público. Quintais e muretas com plantas ornamentais e medicinais em pequenos vasos

2. Há uma Central de Tratamento de Esgoto

3. Reconhecimento da importância dos serviços oferecidos pela COMDEP e a boa relação com os trabalhadores da limpeza urbana

4. Conquistas de melhorias para o lugar: reflorestamento dos espaços vazios, mutirões, cobrança organizada de ação do poder público

Os pequenos espaços vazios, se cuidados, têm potencial para cultivo comunitário de hortaliças ou medicinais

Aspectos negativos

1. Há despejo de esgoto no valão

2. Nas proximidades da CEI, as canaletas estão obstruídas e há casas sujeitas a enchentes.

3. As cinco praças originais foram sendo invadidas com o aumento populacional

4. Ocupações irregulares comprometem os pontos de escoamento das águas pluviais e agravam os problemas de lixo e do saneamento

5. Descarte de lixo nas áreas de convivio coletivo

As ocupações irregulares reduziram espaços para ações coletivas, como horta comunitária

Propostas

* Fiscalização e medidas contra ocupações irregulares
* Monitorar por câmera, as lixeiras e os espaços vazios e plantar espécies robustas para embelezar, alimentar e evitar o descarte inadequado
* Orientação sobre separação de materiais recicláveis
* Estimulo à criação de cooperativa para os catadores
* Distribuição de panfletos informativos
* Organização comunitária para desenvolvimento de ações educativas
* Coleta seletiva

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Fórum Itaboraí: Política, Ciência e Cultura na Saúde

Aqui somos SUS

Ministério da Saúde
Governo Federal
Brasil União e Reconstrução

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Fórum Itaboraí: Política, Ciência e Cultura na Saúde

O OLHAR DO BANANEIRA SOBRE A QUESTÃO DO LIXO

INFORMAÇÕES COLETADAS A PARTIR DE RELATOS DE MORADORAS E MORADORES

Aspectos positivos

1. Lideranças fortes e participativas
2. Implementação de sistema regular de água
3. Senso de solidariedade e coletividade
4. Paisagem natural exuberante

Conquistas sociais recentes resultado de longa luta popular por melhorias na qualidade de vida

Aspectos negativos

1. Conflitos entre grupos sociais
2. Vazão da água tem diminuído por conta das queimadas
3. Má distribuição das águas das minas
4. Sistema de esgoto precário

As questões ambientais relativas à queda de barreiras, principalmente no ponto mais alto do morro que consiste em uma área de expansão habitacional

Propostas

* Projetos governamentais voltados especificamente para o Bananeira
* Estimular a organização comunitária
* Buscar soluções para melhorar o acesso à comunidade
* Fortalecer a luta pela melhoria do sistema de esgoto

Ministério da Saúde FIOCRUZ Fundação Oswaldo Cruz | Fórum Itaboraí: Política, Ciência e Cultura na Saúde | Aqui somos SUS | Ministério da Saúde | Governo Federal Brasil União e Reconstrução

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Fórum Itaboraí: Política, Ciência e Cultura na Saúde

PERGUNTAS PARA REFLETIR SOBRE A QUESTÃO DO LIXO

1- POR QUE É IMPORTANTE REALIZAR O MANEJO ADEQUADO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS PARA AS CONDIÇÕES AMBIENTAIS DA CIDADE?

2- QUAIS SÃO OS IMPACTOS NEGATIVOS QUE O MAU MANEJO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS PODE CAUSAR A VOCÊ E AO SEU BAIRRO?

3- COMO O MANEJO CORRETO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS PODE CONTRIBUIR PARA EVITAR ÁREAS DE RISCO E DOENÇAS?

4- QUAIS SÃO OS BENEFÍCIOS ECONÔMICOS E SOCIAIS QUE UMA CIDADE PODE OBTER AO ADOTAR BOAS PRÁTICAS DE MANEJO DE RESÍDUOS SÓLIDOS?

5- QUAIS SÃO AS RESPONSABILIDADES DE CADA CIDADÃO NO QUE DIZ RESPEITO AO MANEJO ADEQUADO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS ?

6- COMO A POPULAÇÃO PODE APRENDER SOBRE A IMPORTÂNCIA DO MANEJO CORRETO DO LIXO?

Ministério da Saúde FIOCRUZ Fundação Oswaldo Cruz | Fórum Itaboraí: Política, Ciência e Cultura na Saúde | Aqui somos SUS | Ministério da Saúde | Governo Federal Brasil União e Reconstrução

Jornada Ciência e Comunidade
Juntos Rumo a Cidades Saudáveis e Sustentáveis

Links a gravação do evento na íntegra:

Íntegra do Evento:
https://youtu.be/grAa-bAr034

Canal Oficial do Fórum Itaboraí no YouTube:
https://www.youtube.com/@forumitaboraiFIOCRUZ

Cadernos do Itaboraí
Palácio Itaboraí - Volume 7- Nº 1 - 2024
1ª edição

FÓRUM ITABORAÍ:
POLÍTICA, CIÊNCIA E CULTURA NA SAÚDE

Site: forumitaborai.fiocruz.br Facebook: facebook.com/forumitaborai/

YouTube: youtube.com/@forumitaboraifiocruz Intagram: instagram.com/forumitaborai/

Rua Visconde de Itaboraí, 188 - Valparaíso - Centro - Petrópolis - RJ - Brasil - CEP: 25.655-031

Telefone: (24) 2103-2181 e-mail: forumitaborai@fiocruz.br